

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO  
CENTRO DE ARTES E COMUNICAÇÃO  
DEPARTAMENTO DE LETRAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

REBECA FERNANDES PENHA

**ANÁLISE DOS PROCESSOS VERBAIS DIZER E AFIRMAR NO GÊNERO  
ACADÊMICO DISSERTAÇÃO DE MESTRADO**

Recife

2015

REBECA FERNANDES PENHA

**ANÁLISE DOS PROCESSOS VERBAIS DIZER E AFIRMAR NO GÊNERO  
ACADÊMICO DISSERTAÇÃO DE MESTRADO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Pernambuco como requisito parcial para obtenção do Grau de Mestre em Letras.

Orientadora: Profa. Dra. Maria Medianeira de Souza

Recife  
2015

Catálogo na fonte  
Bibliotecária Maria Valéria Baltar de Abreu Vasconcelos, CRB4-439

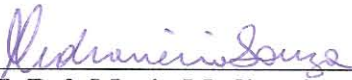
P399a	Penha, Rebeca Fernandes Análise dos processos verbais dizer e afirmar no gênero acadêmico dissertação de mestrado / Rebeca Fernandes Penha. – Recife, 2016. 121 f.  Orientador: Maria Medianeira de Souza. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Pernambuco. Centro de Artes e Comunicação. Letras, 2016. Inclui referências.  1. Linguística. 2. Linguagem e línguas. 3. Análise do discurso. 4. Análise linguística. I. Souza, Maria Medianeira de (Orientador). II. Título.  410 CDD (22. ed.) UFPE (CAC 2016-187)
-------	---

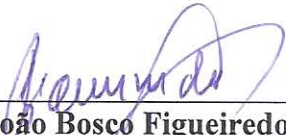
**REBECA FERNANDES PENHA**

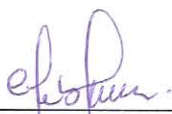
**Análise dos Processos Verbais Dizer e Afirmar no Gênero Acadêmico**  
**Dissertação de Mestrado**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Pernambuco como requisito para a obtenção do Grau de Mestre em LINGUÍSTICA, em 7/8/2015.

**DISSERTAÇÃO APROVADA PELA BANCA EXAMINADORA:**

  
\_\_\_\_\_  
**Prof.ª Dr.ª Maria Medianeira de Souza**  
Orientadora – LETRAS - UFPE

  
\_\_\_\_\_  
**Prof. Dr. João Bosco Figueiredo Gomes**  
UERN - LETRAS

  
\_\_\_\_\_  
**Prof. Dr. Cleber Alves de Ataíde**  
LETRAS - UFRPE-VAST

**Recife – PE**  
**2015**

## AGRADECIMENTOS

A Deus, por ter me ajudado a concluir mais essa etapa, pela sua ajuda incondicional.

À professora Medianeira, pelo exemplo de pessoa que é, pela ajuda dada desde a Iniciação científica, proporcionando-me aprendizado que me fez muito crescer academicamente e pessoalmente. Muito obrigada pelo incentivo dado, pelas orientações, pela paciência com a minha escrita, por tudo.

A minha doce mãe que soube me compreender durante todo esse caminho, ausentando-me das obrigações domésticas, questionando-me se estava tudo bem, fazendo-me refletir melhor sobre minhas escolhas, ouvindo-me durante muitas horas de conversas e sempre sabendo a hora de me pedir para “parar de estudar um pouquinho”.

Ao meu pai, pelo apoio em todas as horas e por tudo que fez para que eu chegasse até aqui.

Aos meus irmãos, Eunice, Midiã, Júnior e Sara, pelos momentos de “desestresse”, sempre com muitas risadas, pela preocupação, pela ajuda na construção de parte do *corpus*, pelas leituras de revisão e pela paciência nos momentos de agonia e pouca calma.

A todos os meus familiares, por terem sempre compreendido a minha ausência em muitos momentos e pelas contínuas palavras de apoio.

A Marcone, Danilo, Alberon, Mycalle, os companheiros da “sala de Medi”, por todos esses anos de convívio e aprendizagem, pelas companhias nos congressos, pelo acompanhamento nas pesquisas com a LSF, e por toda ajuda que, direta ou indiretamente, vocês deram a esse trabalho.

À Gabi, Sirleidy, Vinícius e Felipe, pelas parcerias nos trabalhos e apresentações e pelos momentos de descontração que deixaram essa caminhada mais leve.

Ao Professor João Bosco Figueiredo Gomes que aceitou participar do exame de qualificação dessa dissertação, trazendo importantes contribuições a essa pesquisa.

Aos irmãos e amigos da igreja, pelas orações e palavras de conforto.

Ao Programa de Pós-Graduação em letras, que proporcionou a minha formação.

Ao CNPq, pela bolsa de pesquisa que me foi concedida durante os dois anos do mestrado.

## RESUMO

Essa dissertação tem como objetivo analisar o funcionamento dos Processos Verbais *dizer* e *afirmar* e seus Participantes, bem como as Modalidades que se apresentam atreladas a esses Processos, em dissertações de Linguística, defendidas no Programa de Pós-Graduação em Letras da UFPE (PPGL-UFPE) no período de 1985 a 2004. Pretende-se entender como esses Processos contribuem para a argumentação característica desse gênero acadêmico. Para chegar a esse fim, recolheu-se essas dissertações do *website* do Projeto Letras Digitais, e, em seguida, aplicou-se o *software Wordsmith Tools* que, através da ferramenta *Concord*, forneceu uma listagem com todas as ocorrências dos Processos *dizer* e *afirmar*. Essas ocorrências, com foco *naquele que diz e naquilo que é dito*, foram analisadas e classificadas de acordo com seu padrão léxico-gramatical: tipos de Dizente (Participante 1), tipo de Locução (Participante 2). Para fundamentar as análises, apoiou-se na Linguística Sistemico-Funcional (LSF) e em sua concepção da língua como semiótica social. Dessa teoria, por ter-se como foco estudar os Processos Verbais e suas Modalidades, deteve-se no Sistema de Transitividade (Metafunção Ideacional) e no Sistema de Modalidade (Metafunção Interpessoal). Para a LSF, o Sistema de Transitividade é a categoria léxico-gramatical que representa as ideias de nossas experiências humanas, codificados em um conjunto de diferentes tipos de orações, com diferentes modos de transitividades, como é o caso dos Processos Verbais, os quais são responsáveis pela introdução de um *dizer*, mediante a associação com três Participantes: dois obrigatórios – Dizente e Verbiagem/Locução; e um opcional – o Receptor. Já o Sistema de Modalidade corresponde aos diferentes graus de certeza que pode compor uma oração e pode apresentar-se de duas maneiras: Modalização e Modulação. Os resultados obtidos revelaram a predominância do Processo *dizer*, em relação ao Processo *afirmar*, o que permitiu interpretar esse fato como aproximação da oralidade, o que foge ao prescrito para os gêneros acadêmicos. Nossos dados também apontaram que os Dizentes são codificados de quatro maneiras distintas: Grupo Nominal (GN); Grupo Pronominal (GP); Grupo Desinencial (GD) e Sujeito Indeterminado (SI). Dentre esses, foi predominante a presença dos GN, trazendo para o texto vozes de autoridade e de outros discursos alheios em Discurso Direto e em Discurso Indireto; esses último bem mais recorrentes. Nos demais tipos de Dizentes, ressalta-se a presença dos autores, em Discurso Indireto, trazendo seus próprios dizeres, ldenominados de *ditos do mestrando*. Muitos desses *ditos*, quando apresentado, são seguidos de Modalidade, atenuando, assim, o que é dito pelos próprios autores. Nossas análises nos levaram a concluir que os Processos Verbais são fundamentais para o desenvolvimento da argumentação pretendida em cada texto, uma vez que permite a circulação de diferentes dizeres, e, dessa forma, garantem a participação de vozes de autoridade que ratificam e fundamentam a defesa de um conteúdo ou de um ponto de vista, além de permitirem que os mestrandos apresentem os seus próprios *ditos*, posicionando-se, reafirmando, comentando, concluindo, enfim, construindo seu saber sobre o assunto estudado. Esses Processos, ou as orações por eles organizadas são, portanto, de relevância impar na constituição do gênero dissertação.

**Palavras-chaves:** Linguística Sistemico-Funcional; Sistema de Transitividade e Modalidade; Processos *dizer* e *afirmar*.

## ABSTRACT

This dissertation aims to analyze the functioning of Verbal Process *to say* and *to affirm* and their Participants, as well Modalities, that is using connected to this Process in Linguistics dissertations, publish by Programa de Pós-Graduação em Letras of UFPE (PPGL-UFPE), between 1985 and 2004. The intention with this study is to understand how these Processes contribute to argumentation that is a characteristic of this academic genre. For that purpose, these dissertations was took on website of Projeto Letras Digitais, thus; was applied the software *Wordsmith Tools* and through his tool *Concord*, was get a list of occurrences of Processes *to say* and *to affirm*. With focus on who says and what is said, these occurrences were analyzed and classified according to their lexicogrammar settings: types of Sayer (Participant 1), types of Locution (Participant 2). To fundament that analyses, Systemic Functional Linguistics (LSF) and its idea of language as social semiotic was adopted. Of this theory, were focused on System of Transitivity (Ideational Metafunction) and on System of Modality (Interpersonal Metafunction), for have as objective study Verbal Processes and their Modality. For LSF, the System of Transitivity is a lexicogrammar category that represents ideas of our humans experience with different ways of transitivity, as Verbal Process, these are responsible for introduce a *saying*, associated with three Participants: two obligatory – Sayer, Verbiage/Locution – and Receiver. The System of Modality corresponds to different levels of sureness in a clause and it can be presented in two forms: Modalization and Modulation. The results obtained demonstrate a predominance of Process *to say*, in relation with Process *to affirm*, it makes to understand this fact as an approximation of orality, different of prescribed to academics genres. Our results appointed too that Sayer is encoded in four manner: Grupo Nominal (GN); Grupo Pronominal (GP); Grupo Desinencial (GD) e Sujeito Indeterminado (SI). The GN was predominating; bring to the text authority voices and others unrelated speech in direct speech and indirect speech, theses more recurrent. The others types of Sayer was used with authors' voice, in indirect speech. These were denominated *ditos do mestrando*. These Sayers occur in many parts of dissertation and contribute with argumentation in the text. Many of *ditos do mestrando* was used with Modality, attenuating what is said by dissertation' authors. Our analyses help us to conclude that Verbal Processes are important to developing of the pretending argumentation in each text, because they permit a presence of different voices. In this way, they ensure the participation of authority' voices that confirm and found a defense and a point of view, in addition to permit that Master students show his owns voices, positioning himself, reaffirming himself, commenting, concluding, at all, construing his knowledge about a subject studied. These Process, or clauses organized by them, are, than, of unpaired relevance in constitution of genre dissertation.

**Key-words:** Systemic Functional Linguistics; System of Transitivity and Modality; Process say and affirm.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Estratificação da Linguagem.....	21
Figura 2 – Contextos e Texto .....	24
Figura 3 – Variáveis do Contexto de Situação.....	27
Figura 4 – Variáveis de Registro e sua relação com as Metafunções.....	28
Figura 5 – Metafunções e os Sistemas Léxico-Gramaticais.....	29
Figura 6 – Tipos de Processos.....	32
Figura 7 – Modalidade e Polaridade (com base em HALLIDAY, 1994).....	45
Figura 8 – Orientação.....	49
Figura 9 – Página de abertura do <i>WordSmith Tools</i> (Scott, 2009).....	64
Figura 10 – Página da ferramenta <i>concord</i> .....	65



## LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Porcentagem dos Processos <i>Dizer</i> e <i>Afirmar</i> .....	74
Gráfico 2 – Dizentes no Processo <i>afirmar</i> .....	79
Gráfico 3 – Dizentes no Processo <i>dizer</i> .....	79
Gráfico 4 – DGN - Processo <i>afirmar</i> .....	89
Gráfico 5 – DGN - Processo <i>dizer</i> .....	88
Gráfico 6 – DGP - Processo <i>afirmar</i> .....	94
Gráfico 7 – DGP - Processo <i>dizer</i> .....	94
Gráfico 8 – DGD - Processo <i>afirmar</i> .....	99
Gráfico 9 – DGD - Processo <i>dizer</i> .....	99
Gráfico 10 – Modalidades - Processo <i>afirmar</i> .....	110
Gráfico 11 – Modalidades - Processo <i>dizer</i> .....	110

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Tipos de Processos Verbais.....	33
Quadro 2 – Funções da fala.....	43
Quadro 3 – Funções da fala e reações esperadas e alternativas.....	43
Quadro 4 – Orientação em Proposições que indicam Probabilidade.....	49
Quadro 5 – Classificação dos tipos de Dizentes.....	69
Quadro 6 – Classificação das Modalidades nos Processos.....	69
Quadro 7 – Classificação das Locuções.....	70

## LISTA DE SIGLAS

DD	Discurso Direto
DI	Discurso Indireto
DM	Dito do Mestrando
DGD	Dizente Grupo Desinencial
DSI	Dizente Sujeito Indeterminado
DGN	Dizente Grupo Nominal
DGP	Dizente Grupo Pronominal
LSF	Linguística Sistemico-Funcional
MI	Metáforas Interpessoais
PPGL-UFPE	Programa de Pós-Graduação em Letras da UFPE
UFPE	Universidade Federal de Pernambuco

## SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO .....	11
2 APARATO TEÓRICO: LINGUÍSTICA SISTÊMICO-FUNCIONAL.....	19
2.1 Contextos de Cultura e de Situação .....	23
2.2 Variáveis de Registro .....	25
2.3 Metafunções da Linguagem.....	28
2.3.1 Metafunção Ideacional: oração como representação .....	29
2.3.1.1 O Sistema de Transitividade .....	30
2.3.2 Metafunção Interpessoal: oração como troca .....	41
2.3.2.1 O Sistema de Modalidade .....	44
2.3.2.2 Metáforas Interpessoais .....	48
2.3.3 Metafunção textual: oração como mensagem.....	50
2.3.3.1 Tema e Rema .....	51
2.3.3.2 Dado e Novo .....	52
3 PERCURSO METODOLÓGICO.....	54
3.1 O gênero em análise: a dissertação .....	54
3.2 Os procedimentos metodológicos .....	61
3.2.1 O <i>Software WordSmith Tools</i> .....	62
3.2.2 A construção do <i>Corpus</i> .....	65
4 PROCEDIMENTOS ANALÍTICOS: OS PROCESSOS VERBAIS <i>DIZER</i> E <i>AFIRMAR</i> ..	72
4.1 Componentes Ideacionais: Participantes dos Processos Verbais <i>dizer</i> e <i>afirmar</i> .....	73
4.1.1 O Participante Dizente.....	75
4.1.1.1 O Dizente Grupo Nominal (DGN) .....	81
4.1.1.2 O Dizente Grupo Pronominal (DGP) .....	92
4.1.1.3 Dizente Grupo Desinencial (DGD) .....	94
4.1.1.4 O Dizente Sujeito Indeterminado (DSI) .....	100
4.2 Componentes Interpessoais: a Modalidade nos Processos Verbais <i>dizer</i> e <i>afirmar</i> .....	104
5 CONCLUSÃO .....	113
6 REFERÊNCIAS.....	118

## 1 INTRODUÇÃO

A vivência da vida acadêmica traz consigo vários desafios, dentre eles está o desafio da escrita, uma vez que para escrever um texto acadêmico, precisamos nos adequar a uma série de questões que torna o texto peculiar e característico da academia. O desafio da escrita traz consigo a necessidade de os autores “orquestrarem” diferentes vozes em seu texto, sendo uma dessas vozes seus próprios argumentos.

O ato de mostrar em um texto diferentes vozes exige um processo de seleção do que pode ser apresentado e do que não se adequa ao texto que está sendo escrito. Cabe ao seu autor identificar quem ou que conteúdo pode ter sua voz exibida no texto. A escolha desses dizeres alheios traz consigo sentidos que mostram à intenção do autor do texto. Cada “dizer” escolhido é uma forma de o escritor mostrar e defender seus pontos de vista.

Foi pensando nesses aspectos que nos propomos a compreender como os autores de dissertações de mestrado apresentam esses “dizeres alheios” no trabalho que encerra o mestrado: a dissertação. Uma vez que esse gênero textual possui como principal característica a argumentação e por isso os autores lançam mão de uma série de argumentos convincentes, a fim de persuadir o leitor a aceitar suas ideias. Como afirma Souza (2003, p. 172), “o plano discursivo da dissertação é fundamentado pelo elemento argumentativo, uma vez que o propósito comunicativo desse gênero é a obtenção da adesão do leitor a um determinado juízo de valor por intermédio da persuasão”.

Para chegar às diversas vozes que se encontram presentes nesse gênero, selecionamos dois Processos Verbais que funcionam como porta de entrada dessas vozes: os Processos *dizer* e *afirmar*. Os Processos Verbais, quando utilizados na dissertação e em outros gêneros acadêmicos, atuam como principal “sustentador” de argumentos, uma vez que confirmam, esclarecem e explicam fatos e pontos de vistas defendidos.

Para amparar nossa busca, apoiamo-nos na Linguística Sistêmico-Funcional (LSF), desenvolvida, principalmente, por Michael Halliday (2004). Essa abordagem compreende a língua como uma atividade social, avaliando seus contextos de uso (HALLIDAY, 1970) e compreende também que os estudos das formas linguísticas devem estar em conformidade com suas funções, em situações reais de comunicação.

Para a LSF, o uso da linguagem ocorre dentro de dois Contextos, um englobando o outro. São os Contextos de Cultura e de Situação. O primeiro é um contexto mais amplo, é onde as interações humanas tomam sentido numa dada cultura, enquanto o segundo é um Contexto mais específico. Nele o sentido é construído a partir do cenário que o envolve, ou seja, a partir do contexto mais imediato da situação comunicativa.

No Contexto de Situação, realizam-se três variáveis que nos permitem diferenciar distintos gêneros utilizados por falantes da língua; são as variáveis Campo (o que está acontecendo na interação); Relação (a maneira como as pessoas interagem entre si) e Modo (a forma como a linguagem é construída nessa interação). Esses aspectos se relacionam diretamente com as funções que a linguagem desempenha, pois, para a LSF, a linguagem se organiza mediante a inter-relação de três Metafunções fundamentais: (i) a Metafunção Ideacional, que se presta a representar nossas experiências no mundo, seja ele real ou imaginário, por meio do Sistema de Transitividade; (ii) a Metafunção Interpessoal, que se presta a estabelecer e manter interações sociais, mediante o sistema de Modo e Modalidade; e (iii) a Metafunção Textual, que se presta a expressar informações em um todo linear e coerente por meio do Sistema Temático, no qual o falante escolhe os componentes que serão Tema ou Rema, e Dado ou Novo, em sua mensagem. Em nossas análises, por termos como foco estudar os Processos Verbais e suas modalizações, focamo-nos no Sistema de Transitividade e no Sistema de Modalidade, das Metafunções Ideacional e Interpessoal, respectivamente.

A Transitividade é a categoria léxico-gramatical que representa as ideias de nossas experiências humanas e está presente na totalidade da oração, originando-se nos elementos que a compõem: Processos, Participantes e Circunstâncias. A LSF se refere ao Sistema de Transitividade como a categoria da léxico-gramática que “permite identificar as ações e atividades humanas que estão sendo expressas no discurso [...] através dos principais papéis da transitividade: *Processos, participantes e circunstâncias*, que permitem analisar *quem faz o quê, a quem e em que circunstâncias*” (FURTADO DA CUNHA; SOUZA 2007, p. 53, grifos das autoras).

Esse Sistema possui um conjunto de seis tipos de Processos com diferentes modos de transitividades. (i) Os Processos Verbais que são os Processos do *dizer*, do *comunicar*, do *apontar* algo. Esses possuem três Participantes: Dizente, aquele que diz alguma coisa; Verbiagem/Locução, aquilo que é dito; e Receptor, Participante opcional para qual o Processo

se dirige. (ii) Os Processos Materiais que representam as ações do mundo exterior e são responsáveis por alterar a forma como as coisas podem ser. Essas mudanças podem ser de natureza concreta ou abstrata. Os principais Participantes desse Processo são Ator e Meta. (iii) Os Processos Mentais que representam as atividades do mundo interior, desempenhadas através de Processos de afeição, percepção, cognição ou desiderativos. Eles possuem como principais Participantes o Experienciador e o Fenômeno. (iv) Os Relacionais que, como o nome já indica, estabelece uma relação entre as coisas. A partir dessa relação, se estabelece uma identificação ou uma classificação de algo. Seus Participantes inerentes são Identificador e Identificado ou Portador e Atributo. (v) Os Processos Comportamentais que são as orações que representam nossas ações, nossos comportamentos fisiológicos ou psicológicos. O Participante principal é aquele que é o responsável pelo comportamento expresso na oração, o Componente. Por fim, (vi) os Processos Existenciais que registram e enunciam a existência de alguma coisa. Seu participante inerente é o Existente.

Além dos significados ideacionais, de acordo com as concepções da LSF, a língua também possui significados interpessoais, que, como o próprio nome enuncia, aborda questões relacionadas ao modo como as pessoas interagem entre si, utilizando a linguagem. Assim como o Sistema de Transitividades serve para compreendermos os significados ideacionais da língua, o Sistema de Modalidade serve para termos acesso aos significados interpessoais. É através dele que poderemos entender como é que funciona e quais meios utilizamos para interagir com a linguagem nas mais diversas práticas sociais nas quais atuamos cotidianamente.

Ao utilizarmos a linguagem para nos comunicarmos e atuarmos através dos significados interpessoais, damos-nos conta que a todo momento estamos oferecendo ou pedindo algo, ou seja, podemos dar uma informação ou pedir que alguém abra a janela, siga um conselho, etc. Esses dois elementos, *dar e oferecer*, estendem-se ao que Halliday e Matthiessen (2004) chamam de *bens e serviços* e de *informações*.

Relacionados à *bens e serviços*, temos as ofertas e as ordens. E, relacionados à *informações*, temos as afirmações e as perguntas. Quando utilizamos a linguagem a fim de trocarmos ofertas ou ordens, a oração se apresenta na forma de uma Proposição e quando corresponde à troca de afirmações e perguntas se apresenta sob a forma de uma Proposta. É importante lembrarmos que nem sempre as Proposições são confirmadas e as Propostas aceitas pelos falantes. Podemos, por exemplo, desacreditar de uma informação ou não

aceitarmos uma ordem. E, ainda é possível, em vez de atuarmos entre categorias estanques de *sim* e *não*, colocar nossas falas em uma zona de incerteza entre esses dois níveis.

Nem sempre apresentamos nossas afirmações como verdades absolutas, mas podemos, através do uso de modalizadores, atuarmos entre o sim e o não. É nessa área de incerteza que se estabelece o Sistema de Modalidade, responsável pela noção de verdade exposta nas Proposições e nas Propostas, e pode ser apresentado de duas formas, variando entre as Propostas e as Proposições.

Uma é a Modalização que se relaciona com a troca de Proposições e o que recebe destaque nesse item é a noção de verdade de uma Proposição (possivelmente, provavelmente, certamente) e a frequência com que ela ocorre (às vezes, geralmente, sempre). E a outra é a Modulação que “se vincula com o modo imperativo e o intercâmbio de bens e serviços: o significado é “x quer que/se necessita x”, quer dizer, expressa certo grau de obrigação ou inclinação (GHIO; FERNÁNDEZ, 2008, p. 132)”.

A Modalidade também pode ser expressa através de construções metafóricas, as Metáforas Interpessoais (MI), que correspondem à maneira como podemos apresentar nossas opiniões de maneira mais sutil. “Assim, em lugar de ‘Apague a luz’ (congruente), pode-se dizer “É possível apagar a luz?” (metafórico). A escolha pela MI, por parte do locutor, implica a seleção de determinados traços semânticos, escolhidos por esse locutor.” (CABRAL, 2008, p. 10).

Delimitada a teoria e os postulados básicos que nos norteiam, podemos afirmar que essa pesquisa com Processos Verbais em dissertações se faz necessária pelo fato de que nos permite compreender como funciona a escrita acadêmica, mais especificamente o modo pelo qual os mestrandos apresentam seus argumentos, articulando-os com outros dizeres, para construção do seu ponto de vista sobre o assunto estudado.

Através da análise dos Processos *dizer* e *afirmar* e da sua função de acrescentar ao texto citações e relatos, podemos auxiliar alunos e professores no processo de escrita e de ensino-aprendizagem de textos acadêmicos, uma vez que, em nossa análise, apresentamos a forma como esses Processos são utilizados e o modo como eles contribuem para o desenvolvimento da argumentação pretendida em uma escrita acadêmica.

Além disso, estamos contribuindo com os avanços nos estudos sobre os Processos Verbais em funcionamento na língua portuguesa e, ainda, aprofundando nossos



conhecimentos ao relacionarmos os Processos Verbais, que pertencem à Metafunção Ideacional, com o Sistema de Modalidade, que, por sua vez, pertence à Metafunção Interpessoal. Nesse âmbito, estamos analisando dois elementos que pertencem a duas Metafunções, e, assim, contribuindo com os estudos na área da LSF, no que diz respeito a esses Processos e à Modalidade.

É importante ressaltarmos que, apesar de trabalharmos, em nossas análises, com duas Metafunções, a Ideacional e a Interpessoal, nos usos, essas funções, juntamente com a Textual, não se dão de formas separadas, elas atuam conjuntamente compondo a linguagem humana. A divisão estabelecida pela LSF é apenas uma divisão didático-metodológica, a fim de compreendermos mais profundamente como as funções da linguagem se desempenham.

Para realizar nossa investigação, optamos por compreender o uso dos Processos Verbais *dizer* e *afirmar* em dissertações de mestrado, da área de Linguísticas, publicadas no *website* do projeto Letras Digitais, pertencente ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Pernambuco (PPGL-UFPE), num período de 1985 a 2004. A escolha do gênero dissertação de mestrado se deu por sentirmos a necessidade de nos debruçarmos sobre um gênero acadêmico que tivesse como uma de suas principais características o uso de Processos Verbais, introduzindo vozes de autoridades ou vozes externas, como é o caso da dissertação. Mas, podemos dizer que outros gêneros também possuem essa característica, como um artigo científico, uma monografia ou uma tese de doutoramento. É válido dizer que nas dissertações de Linguística, as vozes de autoridades representam autores renomados que fundamentam o que é discutido na dissertação.

A nossa preocupação com a análise de Processos Verbais em dissertações de mestrado surgiu a partir do desenvolvimento da pesquisa de iniciação científica *A transitividade dos verbos do dizer em artigos acadêmicos* (PENHA, SOUZA, 2010). Essa pesquisa teve como foco averiguar questões relativas à construção da argumentação através dos Processos verbais, *dizer* e *afirmar*, em artigos acadêmicos escritos por alunos da graduação em Letras de todo o Brasil e publicados na revista *Ao Pé da Letra*, da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). A Revista *Ao Pé da Letra* é uma publicação do Departamento de Letras da UFPE, voltada especificamente para os estudantes de graduação em Letras e recebe, além de artigos, resenhas, ensaios e traduções de gêneros acadêmicos. Ela teve o seu início em 1999, quando lançou o seu primeiro volume, e, desde então, tem realizado publicações semestrais, nos meses de julho e dezembro, além de algumas edições

especiais. Através das análises que realizamos, percebemos a importância dos Processos estudados para a argumentação pretendida no gênero artigo científico, além da presença de modalizadores associados ao uso desses Processos.

A partir desse trabalho com artigos científicos de graduandos e do acompanhamento das análises desenvolvidas pela pesquisa *O funcionamento dos Verbos do Dizer em dissertações de letras* (COSTA; SOUZA, 2013), questionamo-nos como seria a utilização dos Processos Verbais em textos que pertencessem a alunos que possuíssem um nível de letramento maior que os graduandos, no caso, os mestrados. Dessa forma, escolhemos as dissertações pelo fato de que seus autores já passaram pelo período introdutório na academia, a graduação, e ainda não possuem o doutorado, um dos níveis de maior letramento acadêmico.

A escolha por textos da área de Letras também deu continuidade às pesquisas já mencionadas e permite-nos compreender a escrita de profissionais dessa área do conhecimento. A delimitação temporal se deu pelo fato de termos como interesse analisar todas as dissertações compreendidas no espaço de tempo do projeto Letras Digitais que foi do ano 1978 a 2006, isto é, as três primeiras décadas de funcionamento do PPGL-UFPE. Intempéries que serão posteriormente explicitadas fizeram com que trabalhássemos apenas com dissertações defendidas entre os anos de 1985 a 2004 e que houvesse uma redução de 47 a 21 dissertações. Entretanto, podemos adiantar que essas interferências não prejudicaram a realização da pesquisa.

Cabe aqui mencionar que outros trabalhos também se ocuparam com a descrição dos Processos Verbais em língua portuguesa e, especificamente, em gêneros acadêmicos. Por exemplo, Souza e Mendes (2012) realizam suas análises também em artigos científicos, escritos por graduandos, e publicados na revista *Ao pé da letra* e em anais de eventos científicos do *Campus Avançado*. Prof.<sup>a</sup> Maria Elisa de Albuquerque Maia (CAMEAM/UERN), e defendem que as vozes presentes na construção de sentido dos artigos funcionam como argumento de autoridade, bem como que o uso dos Processos Verbais em artigos de graduandos revelam um pretensa exposição objetiva do que é analisado em cada artigo. Portela (2013), ao analisar artigos científicos da revista *Gestão e Secretariado*, observa a demonstração de um certo padrão de realização da mensagem em discurso acadêmico, como a frequência no uso da 3ª pessoa do singular, passiva e infinitivo, além da grande presença de discurso reportado. Ignatieva (2014) observa como os Processos Verbais são utilizados em três gêneros acadêmicos: pergunta-resposta, ensaio e resenha, e mostra que há uma variação

na quantidade de Processos em cada gênero estudado e as diferentes maneiras de expressar o Dizente e o dito reforçam as características de cada gênero.

Amparados por esses estudos preliminares e pela LSF, pretendemos guiar nossa pesquisa a partir do seguinte objetivo geral:

- (i) Analisar a argumentação através dos Processos Verbais *dizer* e *afirmar* e seus Participantes, bem como das Modalidades atreladas a esses Processos em dissertações de Linguística, defendidas no PPGL-UFPE no período de 1985 a 2004.

Mais especificamente, almejamos:

- (i) Descrever o funcionamento dos Processos Verbais *dizer* e *afirmar* e de seus principais Participantes: Dizente e Locução nas dissertações de Linguística, defendidas no PPGL-UFPE, entre os anos de 1985 e 2004;
- (ii) Analisar o uso das Modalidades que se associam aos Processos Verbais *dizer* e *afirmar* nas dissertações dos mestrados defendidas no PPGL-UFPE, no período de 1985 a 2004;
- (iii) Investigar como o uso dos Processos Verbais e das Modalidades atuam na construção da argumentação, tanto em seu contexto de uso mais imediato, a sentença, quanto no contexto mais amplo das dissertações selecionadas.

Para que possamos atingir os objetivos estabelecidos para essa pesquisa, selecionamos, como fonte de coleta de nossos dados, as dissertações publicadas no Programa de Pós-Graduação em Letras entre os anos de 1985 e 2004, somando 21 textos. Essas dissertações foram digitalizadas, uma vez que sua primeira publicação foi feita em livros impressos, e publicadas no *website* do Projeto Letras Digitais <<http://letrasdigitaisufpe.blogspot.com.br/>>. Esse Projeto foi responsável por criar um acervo digital das teses e dissertações desenvolvidas no PPGL, desde a sua fundação até o ano de 2006, e publicá-lo no citado *website*, a fim de que fosse possibilitado um maior acesso a essas publicações, permitindo também que elas servissem de fonte de pesquisa. Vale salientar que a publicação dessas obras no *website* do Projeto Letras Digitais foi feita a partir da permissão escrita de seus autores.

A publicação dessas dissertações em formato digital permitiu que utilizássemos as versões em .pdf de cada texto e a partir da conversão desse formato para o .txt foi possível a aplicação do *software WordSmith Tools* (Scott, 2009) responsável pela coleta dos nossos dados. Esse *software* foi desenvolvido, em sua primeira versão, por Mike Scott em 1996, e permite que tenhamos uma lista de todas as ocorrências dos Processos pesquisados dentro de um texto, ou seja, através do radical de um verbo pesquisado, ou dos radicais, no caso dos verbos irregulares, tínhamos acesso a todas as ocorrências desses Processos, nas dissertações selecionadas. Para obtenção das amostras de análise, utilizamos a ferramenta *Concord* do *software*, a ser explicada no percurso metodológico deste estudo.

Distribuímos os temas de nosso trabalho da seguinte forma: no primeiro capítulo, damos destaque ao enfoque teórico que tomamos para basear nossas discussões e análises, a Linguística Sistêmica-Funcional. Nesse capítulo, apresentamos, além das concepções de língua e linguagem abordadas pela LSF, a forma como ela compreende as funções que a língua exerce, assim como os elementos léxico-gramaticais que materializam essas funções, como o Sistema de Transitividade, o Sistema de Modalidade, o Sistema Temático e a Estrutura da Informação. Feito isso, no capítulo seguinte, Percurso metodológico, discutimos algumas definições de compreensão de gêneros textuais, a fim de situar o gênero dissertação de mestrado nessas discussões, bem como, apontamos, também, alguns aspectos sobre discursos direto e indireto, uma característica desse gênero. Em seguida, mostramos como desenvolvemos a pesquisa que compõe essa dissertação, apresentando a metodologia da pesquisa. No capítulo 4, Procedimentos analíticos: os Processos Verbais *dizer* e *afirmar*, apresentamos a análise empreendida com os Processos Verbais e suas Modalidades dentro do contexto em que se encontram e o papel que cada um deles desenvolve no texto em análise. Por fim, apresentamos as conclusões obtidas a partir da concepção teórica que adotamos e dos dados que o nosso *corpus* revelou.

Com a investigação finalizada, acreditamos que contribuiremos com os estudos desenvolvidos sobre descrição e análise do português, sob a ótica da LSF, com ênfase no funcionamento dos Processos Verbais e da Modalidade em dissertações de mestrado e também com os estudos sobre os gêneros textuais acadêmicos.

## 2 APARATO TEÓRICO: LINGUÍSTICA SISTÊMICO-FUNCIONAL

A LSF compreende a língua como uma atividade social, avaliando seus contextos de uso (HALLIDAY, 1970, apud GOUVEIA, 2009) e compreende também que os estudos das formas linguísticas devem estar em conformidade com suas funções, em situações reais de comunicação. Deve ser, portanto, analisada em função de seu uso na sociedade. Nesse sentido, a LSF estabelece “que a linguagem é entidade viva, presente em situações, grupos, locais, eventos variados, e, como tal, sofre a influência desses e de outros fatores”. (FUZER; CABRAL, 2010, p. 5). E, **dessa forma**, a linguagem está presente no modo como interagimos uns com os outros em diferentes meios e situações.

Essa abordagem analisa a linguagem tendo em vista sua função, porque ela organiza-se de uma maneira e não de outra, tendo sempre como objeto a língua em situação de uso, pois como afirmam Barbara e Macêdo (2009, p. 90):

Seu foco está em entender como se dá a comunicação entre os homens, a relação entre indivíduos e desses com a comunidade. Caracteriza-se também como uma teoria semiótica porque se preocupa com a linguagem em todas as suas manifestações. Procura desvendar como, onde, porque e para que o homem usa a língua, bem como a linguagem em geral, e como a sociedade o faz.

Assim procedendo, para a LSF, a língua é compreendida como um sistema sócio-semiótico, de forma que ela procura compreender a linguagem sempre a partir de sua função na sociedade, e essa função está intrinsecamente ligada à cultura do falante, ou seja, uma comunidade desenvolve uma determinada linguagem porque um dia sentiu a necessidade de desenvolvê-la.

Halliday (1985 [1994] apud GHIO; FERNÁNDEZ, 2008, p. 12-13), ao desenvolver esta teoria centrada na função, apresenta várias aplicações possíveis, dentre elas, está a possibilidade de (i) compreender a natureza e a função da linguagem, uma vez que investiga os elementos da língua que nós utilizamos para codificar nossas experiências no mundo e para atribuir papéis aos outros e também assumir certos papéis em nossas comunicações; (ii) de compreender porque um texto significa o que significa e porque é valorizado como tal. Para tal compreensão, não apenas aspectos linguísticos entram em questão, mas também a sua importância dentro do contexto social em que ele está envolvido. Além dessas questões, também é apresentado que a LSF nos permite (iii) compreender a relação entre linguagem e

cultura e entre linguagem e situação, definindo que, numa interação linguística, os aspectos contextuais serão fundamentais para que exista compreensão entre pessoas que interagem entre si. Esses aspectos podem envolver a linguagem num Contexto mais imediato ou num Contexto mais amplo; ainda, (iv) podemos utilizar da LSF para escrever estudos de referência em qualquer língua (dicionário, gramática) e, assim, será a reflexão sobre forma como uma comunidade se utiliza de sua língua que dará suporte para o desenvolvimento de uma gramática sobre essa língua, diferentemente da gramática tradicional, na qual diversas normas são estabelecidas, a fim de que os falantes se “apossem” dela para se comunicar.

Com base nesses princípios, a LSF defende o pressuposto de que não devemos olhar apenas para o sistema da língua, mas é importante que vinculemos esse sistema ao modo pelo qual seus falantes o utilizam, ou seja, a função que cada item cumpre quando utilizado nas comunicações do dia-a-dia. E, para que haja a compreensão do porquê da língua variar em função de seus falantes, é importante que, na análise linguística, sejam utilizados dados da língua em uso. Assim sendo, a LSF também se apresenta como uma teoria de descrição gramatical que delinea o sistema linguístico baseando-se em seu uso. De acordo com Gouveia (2009, p. 18), “estamos perante uma teoria de descrição gramatical que se preocupa fundamentalmente com o desenvolvimento dos sistemas gramaticais enquanto meios para as pessoas interagirem umas com as outras”.

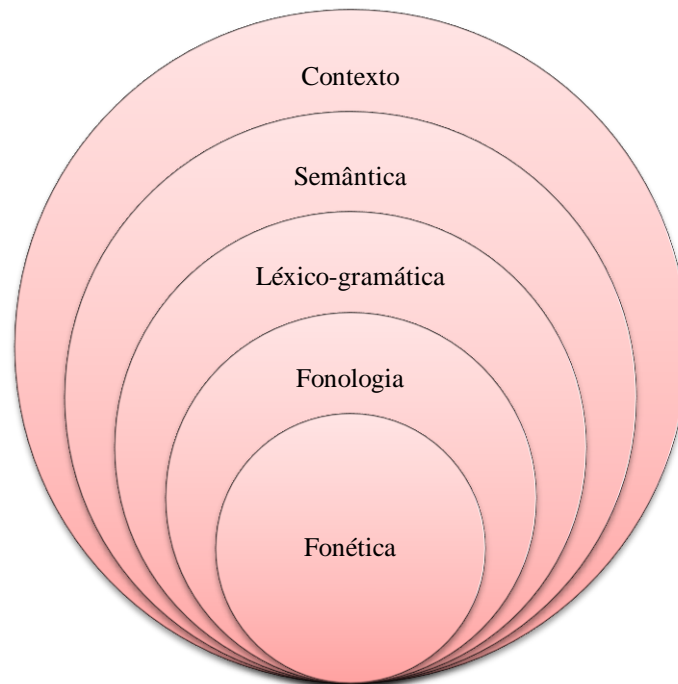
Dada a apresentação de alguns pressupostos da LSF, podemos passar ao nome que intitula essa teoria. Afinal, por que a chamamos de Sistêmico-Funcional? O termo Sistêmico vem da compreensão da língua como um sistema de escolhas, no qual os falantes escolhem determinadas palavras em detrimento de outras. Tais escolhas geram outras escolhas e com todas essas se gerará uma significação: uma rede de sentidos, ou seja, segundo Ghio e Fernández (2008, p. 26, grifo das autoras), “o poder da linguagem reside fundamentalmente em sua organização como uma enorme rede de opções inter-relacionadas entre si. Isso permite defini-lo como uma *rede de sistemas*, que é de onde a teoria sistêmica toma seu nome”. Por isso, as escolhas que realizamos são significativas, essas escolhas nem sempre são realizadas de forma consciente, mas, mesmo assim, elas terão seus devidos significados. Uma forma de realizarmos nossas escolhas de forma mais consciente é através do texto escrito, uma vez que, para sua produção, podemos elencar mais adequadamente as palavras que utilizamos. De modo distinto, uma fala espontânea pode apresentar escolhas mais inconscientes, uma vez que não passa por um processo de elaboração mais extenso. Mas, como já afirmamos, todas as

escolhas, consciente ou inconscientemente, geram uma significação, que pode ser a pretendida ou não.

O termo Funcional, como podemos perceber, indica que a linguagem possui funções que são a ela inerentes e essas funções, que a linguagem representa, estão baseadas em três fatores, de acordo com Ghio e Fernández (2008), (i) na representação que fazemos do mundo, ou seja, como codificamos nossas experiências, sejam elas externas ou internas a nós mesmo; (ii) na forma como estabelecemos nossas interações, como nos apresentamos ao outro e como entendemos o papel desse outro quando interagirmos; e, (iii) na forma como decodificamos nossas experiências sobre o mundo e nossas interações uns com os outros em textos orais ou escritos. Deste modo, o termo aplica-se ao fato de que a LSF “explica as estruturas gramaticais em relação ao significado, às funções que a linguagem desempenha em texto”, como afirmam Fuzer e Cabral (2010, p.9).

Assim sendo, Halliday e Matthiessen (2004) afirmam que a linguagem é um complexo sistema semiótico, possuindo vários níveis ou estratos que se estendem desde o Contexto até às categorias fonéticas da língua, como demonstrado na Figura 1, a seguir.

Figura 1 – Estratificação da Linguagem



Fonte: Adaptado de Halliday e Matthiessen (2004, p. 25).

Nesses estratos estão (i) a fonologia e a fonética, em que as palavras são ditas; (ii) a léxico-gramática, que corresponde a união da sintaxe com o vocabulário da língua, ou seja, em vez de termos um estrato distinto para cada uma dessas categorias, existe um contínuo entre elas, de forma que ocupam apenas polos distintos de um mesmo estrato, são partes da gramática da língua, não tem como separá-los; essa proposta se diferencia das outras, dentre as quais o léxico e a sintaxe se dão de forma distinta dentre as categorias de análise da língua; (iii) temos ainda a semântica, na qual nossas experiências e relações interpessoais ganham significados; e por fim, (iv) o contexto, que engloba todas essas categorias, uma vez que serve para atribuir sentido a cada uma delas, quando utilizadas.

Na LSF, o texto é considerado como unidade fundamental de análise, pois, em uma situação discursiva, ele é resultado de toda interação. É nele que estão expressos os objetivos e intenções daquele que o fala ou o escreve. E, dessa forma, tem-se representado, nessa produção textual, o modo pelo qual o falante se relaciona com os outros falantes envolvidos nessa situação comunicativa e como representa suas concepções ou experiências sobre o mundo.

O texto é a forma através da qual temos acesso à linguagem, e, assim, podemos analisá-la. Para Halliday e Matthiessen (2004), o texto pode ser visto de duas maneiras, como um artefato ou como espécime, ou seja, como meio pelo qual podemos estudar e compreender como nos utilizamos da linguagem ou como o próprio uso da linguagem, a forma que usamos para nos expressar, o texto em si mesmo.

Todo texto tem um destinatário e um assunto que necessitam ser organizados e construídos de forma coesa. Para que os significados presentes em um texto sejam compreendidos, eles precisam ser feitos dentro de um contexto sobre o qual se desenvolverá a situação comunicativa a que ele pertence. Os significados que queremos atribuir ao texto e o contexto em que eles se realizarão serão determinantes para a forma como os enunciados serão construídos, ou seja, como as escolhas linguísticas serão realizadas e organizadas na construção do texto.

De acordo com o que afirma Gouveia (2009), o texto e os contextos estão tão relacionados que podemos, antecipadamente, compreender quais são os significados que serão necessários para a compreensão de todo o texto, pois o contexto, de certa forma, “condiciona-nos” a atuarmos de diferentes maneiras em diferentes eventos comunicativos. “Da mesma forma, dado um texto, será possível deduzir o contexto em que o mesmo foi produzido”,



(GOUVEIA, 2009, p. 26). Quando relacionamos essas questões com o texto que estamos analisando, a dissertação de mestrado, podemos apontar que a forma como ele é produzido, a maneira como a linguagem é organizada - uma linguagem formal - a distribuição dos argumentos, a organização do texto, entre outros aspectos, indicam-nos que se trata de um texto desenvolvido em um contexto acadêmico. Por outro lado, esse contexto em que esse texto é escrito contribui para forma como ele é apresentado; por exemplo, na esfera acadêmica, será necessário que a dissertação contenha as ideias de seu autor e essas precisam estar abalizadas em outros autores, dentre outros aspectos exigidos para o texto dessa natureza. Além dos aspectos contextuais, o gênero textual também é um elemento fundamental para a organização do texto.

A partir do que apresentamos até então, podemos associar o uso da linguagem ao contexto a que ela está vinculada, uma vez que nenhuma interação ocorre desvinculada de um contexto, já que ele é um dos principais responsáveis pela significação pretendida numa interação. Para a LSF, esse Contexto pode ser compreendido de duas maneiras distintas, ou seja, através dos Contextos de Cultura e Situação, como veremos no tópico 2.1.

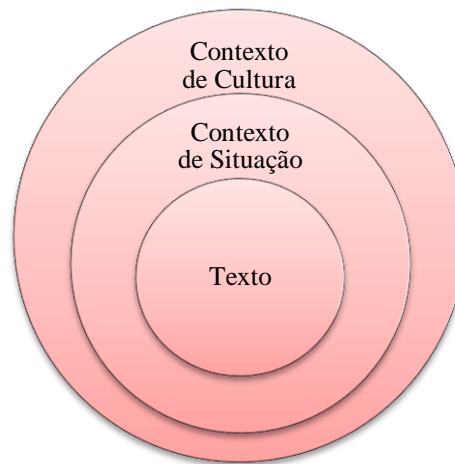
## **2.1 Contextos de Cultura e de Situação**

Toda situação comunicativa quando ocorre é permeada por contextos que permitem que significados sejam gerados e compreendidos. Dentro desse ponto de vista, dois Contextos dão suporte a essas interações, um mais abrangente que o outro: o Contexto de Cultura e o Contexto de Situação. O primeiro é responsável por dar conta dos significados mais amplos que permeiam a interação, ou seja, “é a soma de todos os significados possíveis de fazer sentido dentro de uma cultura particular” (FURTADO DA CUNHA; SOUZA, 2007, p. 21). Esse Contexto nos permite interpretar e dar sentido ao que está acontecendo. Ele não se limita a olhar, apenas, para as pessoas, o ambiente e a forma como a linguagem é utilizada numa interação, entretanto esses elementos são ampliados numa significação maior. E, por ser um Contexto mais extenso, tem-se algo mais instável, quando comparado com o Contexto de Situação. Esse é um Contexto mais específico, no qual o significado se dá mediante a relação entre os termos componentes de um cenário e a linguagem utilizada por falantes e ouvintes, ou seja, é o meio no qual se desenrola nossas comunicações. E, por ser mais específico, são levados em consideração os elementos que atuam num entorno mais imediato da interação, como o meio em que a situação se desenvolve, como as pessoas interagem entre si e como a linguagem é utilizada por elas. Esse Contexto, por si só, não daria conta de todos os

significados que poderiam surgir numa interação, é necessário algo mais amplo que englobe os sentidos veiculados numa interação, por isso ele “está dentro” do Contexto de Cultura, como nos apresenta a Figura 2 a seguir.

A Figura 2 serve para nos mostrar a relação entre os Contextos entre si e deles com o texto.

Figura 2 – Contextos e Texto



Fonte: Fuzer e Cabral (2010, p. 15).

Como podemos notar, o texto, que tanto pode ser oral quanto escrito, desde que seja resultado de uma interação entre falantes ou escritores, é permeado, primeiramente, pelo Contexto de Situação. Através dessa relação entre texto e esse Contexto mais imediato, podemos compreender como interactantes atuam quando interagem entre si, como é que a linguagem funciona nessa interação e qual é o ambiente em que essa interação ocorre. Mais abrangente encontramos o Contexto de Cultura, abarcando tanto o Contexto de Situação quanto o próprio texto. Nessa relação, os elementos que compõem a situação juntamente com o texto, que através dela é produzido, ganham significado dentro da cultura em que se desenvolvem.

Em nossa pesquisa com Processos Verbais em dissertações de mestrado estamos tratando de uma interação mediada por um texto escrito e achamos importante tecer alguns comentários sobre o Contexto de Cultura e Situação que a subjaz. Uma dissertação só adquire o sentido que possui em nossa sociedade pelo fato de se desenvolver numa comunidade científica que preza pelas pesquisas e atribui a elas o seu devido valor. Se, por exemplo, estivéssemos em uma comunidade em que as experiências vividas por cada um de seus

integrantes é que fossem mais importantes e essas experiências tivessem que ser repassadas oralmente, uma obra, como um texto científico, não teria a importância que a atribuímos na academia. Esses aspectos representam o Contexto de Cultura de uma sociedade e é através dele, associado ao Contexto de Situação, que podemos compreender como as interações humanas se desenvolvem, e, em nosso caso, mais específico, como podemos atribuir sentido a um texto que apresenta uma pesquisa e as análises e opiniões daquele que a efetuou e de outros que já pesquisaram sobre o tema.

Continuando nossa discussão, as dissertações de mestrado aqui analisadas compõem, dentro do Contexto de Situação, um conjunto de publicações, restritas aos mestrados, uma vez que é um gênero correspondente à etapa final de um mestrado, não sendo permitido às pessoas com níveis inferiores de escolaridade desenvolver tal texto.

Atrelado ao Contexto de Cultura, o Contexto de Situação nos permite identificar os papéis das pessoas que participam de uma interação, assim como o meio em essa interação se desenvolve e a forma como a língua é utilizada entre essas pessoas. É o que podemos chamar de variáveis de registro, uma ponte de acesso às Metafunções da Linguagem.

## **2.2 Variáveis de Registro**

Dentro do Contexto de Situação, é possível delimitar três aspectos das variáveis de registro da língua que são responsáveis por distinguir os diferentes gêneros utilizados pelos usuários: Campo, Relação e Modo.

A variável Campo diz respeito ao que está acontecendo, ao tema, ao assunto tratado pelos usuários e à natureza da ação que está sendo realizada, àquilo sobre o que se fala. Ghio e Fernández (2008, p. 45) trazem um jogo de futebol como modelo para compreendermos o que venha a ser a Campo. Elas assim afirmam:

Em parte, as ações [sociais] têm a ver com o assunto, de maneira que o campo de uso discursivo inclui também o tópico. Portanto, o campo discursivo é, antes de nada, um campo de ação. Durante a ação de jogar futebol, o futebol pode ser o tópico da conversação. Não obstante, a ação verbal durante o jogo é distinta da discussão sobre futebol em um bar. Essa diferença se expressa mediante o conceito de *campo do discurso*. (Grifo das autoras)

A Relação aborda a conexão estabelecida entre os falantes. Diz respeito ao grau de intimidade entre eles, à forma como a relação é posta, mais próxima ou mais distante, à hierarquia assumida entre esses falantes, superior e inferior, por fim, os papéis por eles assumidos, pai/filho, avó/neto, professor/aluno, amigo/amigo, e desses com o que está sendo realizado. Conforme Furtado da Cunha e Souza (2007, p. 21), a Relação “diz respeito à natureza da ligação entre os Participantes da oração, que pode ser formal ou informal, mais ou menos afetiva”.

O Modo relaciona-se à maneira como se dá a interação, ao canal que está sendo utilizado, ao texto compartilhado entre usuários da língua e a maneira como ele está sendo elaborado, que pode ser falado, escrito ou resultado da interação entre ambos, narrativo ou descritivo, entre outros. Essa variável de registro “trata do papel da linguagem (constitutivo ou auxiliar/suplementar), do compartilhamento entre os participantes (dialógico ou monológico), do canal (gráfico ou fônico) e do meio (falado – com ou sem contato visual, ou escrito)” (FUZER; CABRAL, 2010, p. 18).

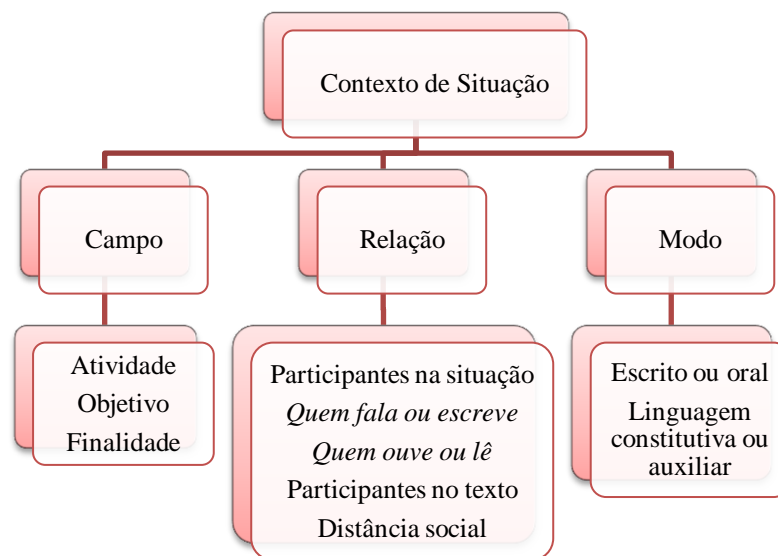
Trazendo, mais uma vez, o gênero dissertação de mestrado para a nossa discussão, podemos exemplificar cada uma dessas variáveis com esse gênero. Iniciando com a variável Campo, podemos dizer que se constitui de um texto dissertativo, no qual se é apresentado e defendido um determinado ponto de vista, e, para que essa defesa se efetue, o mestrando lança mão de argumentos próprios e de vozes de autoridades vinculadas ao tema da dissertação, além de outros elementos, como os dados da pesquisa, a relação dos dados com a teoria fundamental da pesquisa, a confirmação da hipótese inicial. Esses argumentos se tornam “sólidos” quando é apresentada uma análise de um *corpus* que confirma as discussões da dissertação.

No tocante à variável Relação, afirmamos que essa produção acadêmica resulta da participação daquele que escreve o texto, o mestrando, as intervenções de seu orientador e do exame de uma banca examinadora, no momento de avaliação final do trabalho, denominado defesa de dissertação. Além desses, depois que a dissertação é publicada ou depositada impressa e virtualmente em bibliotecas e em bancos de dados de trabalhos acadêmicos, podemos ter a participação de leitores que possuem algum interesse no tema desenvolvido nesse texto. Podemos tratar daquele que o escreve até o seu leitor, e sabemos que, entre esses extremos, diversas situações se desenrolam. Cada um desses envolvidos desempenha papéis sociais diferentes, os quais são estabelecidos e mantidos pela linguagem em uso.

Por fim, na variante Modo, temos um texto escrito que se desenvolve numa língua formal, constitutiva desse gênero, de acordo com a gramática normativa da língua em que é escrita a dissertação, uma vez que esse é o padrão exigido pela academia. Nesses textos, certos padrões léxico-gramaticais possuem mais destaques, em detrimentos de outros, que podem também receber destaque em outros gêneros, em outras situações comunicativas. Um exemplo desses padrões, veremos, de forma detalhada, em nossas análises, na qual tratamos de elementos Modalizadores e dos Processos Verbais, *dizer* e *afirmar*.

Como ilustração da abordagem que realizamos sobre as variáveis de Registro da língua, trazemos uma imagem de Fuzer e Cabral (2010, p. 19), na Figura 3, que ilustra alguns pontos da discussão aqui desenvolvida:

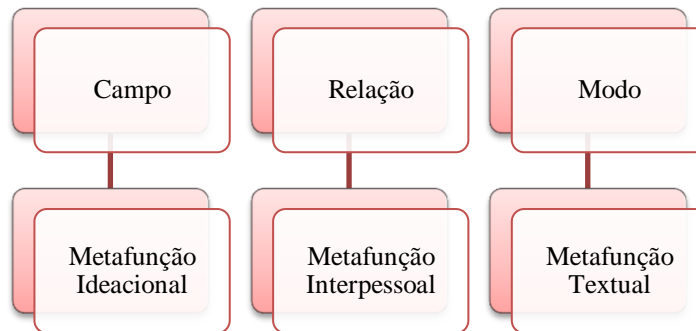
Figura 3 – Variáveis do Contexto de Situação



Fonte: Adaptado de Fuzer e Cabral (2010, p. 19).

Já na Figura 4, podemos observar como é que cada uma dessas variáveis de Registro se associa às funções que a linguagem desempenha.

Figura 4 – Variáveis de Registro e sua relação com as Metafunções



Fonte: Baseada em Ghio e Fernández (2008, p. 43).

Como podemos visualizar na Figura 4, a variável Campo se relaciona com a Metafunção Ideacional, responsável por representar a forma como compreendemos o mundo que nos cerca, enquanto a variável Relação se vincula à Metafunção Interpessoal, responsável por nossas relações interpessoais, e o Modo, por sua vez, está ligado à Textual, correspondente à forma como codificamos nossas experiências e relações em textos compreensíveis. No tópico 2.3, abordaremos mais detalhadamente cada uma dessas Metafunções.

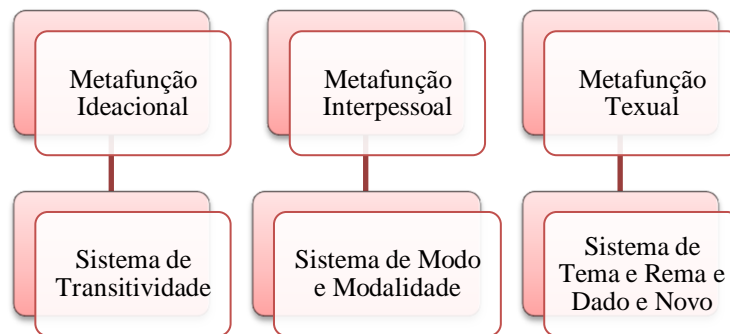
### 2.3 Metafunções da Linguagem

Seguindo a LSF, quando observamos uma língua, podemos chegar a uma lista das funções que podemos atribuir a cada processo comunicativo desenvolvido na sociedade, uma vez que, quando falamos, pretendemos atingir algum objetivo. Entretanto, podemos compreender que, acima de todas essas funções, é possível alcançarmos três funções que permeiam toda comunicação que, pela LSF, são chamadas de Metafunção.

Halliday e Matthiessen (2004) compreendem que a língua dá conta dos processos cognitivos sobre os quais estão nossas compreensões sobre o mundo, isto é, uma das funções da linguagem baseia-se nas nossas concepções sobre o mundo exterior ou interior a nós mesmo. Além dessa função, podemos compreender que utilizamos a linguagem a fim de interagirmos com o outro. Nessa interação está presente a forma como atribuímos papéis uns aos outros. Além dessas duas funções, precisamos materializar nossas concepções sobre o mundo e as regras que permeiam nossas interações. Para atingirmos esse alvo, utilizamo-nos de um texto coerente. Essas são as principais funções desempenhadas pela linguagem.

Com essas observações, a LSF esboça o que é chamado de Metafunções da linguagem e atribui esse termo ou denominação pelo fato de que se dá um tratamento mais aprofundado às funções anteriormente apontadas sobre a linguagem, distinguindo-as, assim, das funções internas da linguagem, por exemplo. Antes de entrarmos mais especificamente no que se constitui cada uma dessas Metafunções, podemos observar a Figura 5 que mostra cada uma das Metafunções, relacionadas aos seus respectivos padrões léxico-gramaticais.

Figura 5 – Metafunções e os Sistemas Léxico-Gramaticais



Fonte: Baseada em Ghio e Fernández (2008, p. 92).

Observando a Figura 5, vemos que a Metafunção Ideacional se realiza pelo Sistema de Transitividade que é o meio pelo qual nós expressamos nossa forma de compreender os eventos do mundo; esse meio é materializado em Processos, Participantes e Circunstâncias. Correspondente à Metafunção Interpessoal, há o Sistema de Modo e Modalidade, responsável por estabelecer os padrões de interação, no qual podemos oferecer ou solicitar informações e bens e serviços. Por fim, a Metafunção Textual se relaciona com o Sistema de Tema e Rema e Dado e Novo, no qual uma porção textual recebe destaque, iniciando a oração, enquanto uma outra porção acompanha o trecho destacado, comentando-o ou o expandindo.

### 2.3.1 Metafunção Ideacional: oração como representação

A primeira função que tratamos é denominada de Metafunção Ideacional, um dos focos dessa dissertação. Nessa Metafunção, através da linguagem e dos contextos que a subjazem, desenvolvemos nossas próprias formas de compreender o mundo que nos cerca. Nossas experiências nos permitem estabelecer relações entre as coisas do mundo e organizá-las em nossa memória. A Metafunção Ideacional corresponde ao modo como codificamos essas experiências, que tanto pode corresponder ao mundo real, exterior a nós mesmos, quanto ao mundo imaginário, interno a nós.

Além de expressar nossas experiências sobre o mundo, cabe a essa função organizá-las em nossa mente. É nela que está codificada a forma como estabelecemos relações entre as coisas que vivenciamos. Podemos compreender essa função de duas maneiras. Uma é pela forma como observamos e vivenciamos a realidade, a Subfunção Experiencial; e a outra, a Subfunção Lógica, pela forma como relacionamos essas experiências, como estabelecemos um elo entre nossas experiências vividas, “corresponde à organização lógica dos conteúdos, ao modo como estruturamos a nossa experiência do mundo” (GOUVEIA 1999, p. 16).

É através do Sistema de Transitividade que essa Metafunção se materializa, ele nos permite, como afirmaram Furtado da Cunha e Souza (2007), estabelecer relações entre Processos, Participantes e Circunstâncias, ou seja, como entre *quem faz o quê, a quem, em que ocasiões*, mostrando como nossas experiências e as relações que estabelecemos entre elas são organizadas em orações e fraseados.

### **2.3.1.1 O Sistema de Transitividade**

A transitividade é a categoria da léxico-gramática que representa as ideias de nossas experiências humanas e codifica na língua a Metafunção Ideacional. Como postulado pela LSF, compreende a participação de Processos, Participantes e Circunstâncias. O modo pelo qual cada um desses elementos é disposto e relacionado numa sentença mostra a forma como organizamos nossas experiências vividas, nosso modo de ver o mundo. “Isso porque a experiência humana é geralmente entendida como um fluxo de eventos ou acontecimentos, atos ligados a agir, dizer, sentir, ser e ter, sendo a transitividade a responsável pela materialização desse conjunto de atividades.” (FURTADO DA CUNHA; SOUZA, 2007, p. 53).

Cada Processo que compõe o Sistema de Transitividade está situado num determinado tempo e cumpre uma determinada função. Eles podem estabelecer relações, demonstrar sentimentos, exprimir ações e acontecimentos, entre outros. Em associação com esses Processos estão Participantes e Circunstâncias. E, uma vez que a língua é um sistema de escolhas no qual uma escolha nos levará a outras, escolher e utilizar um certo Processo implicará no uso de um grupo de Participante e vice-versa; se necessário, as Circunstâncias também acompanharão essa escolha.

Os Participantes estão diretamente envolvidos com os Processos e são inerentes a eles, de forma que cada Processo possui pelo menos um Participante. Cada tipo de Processo

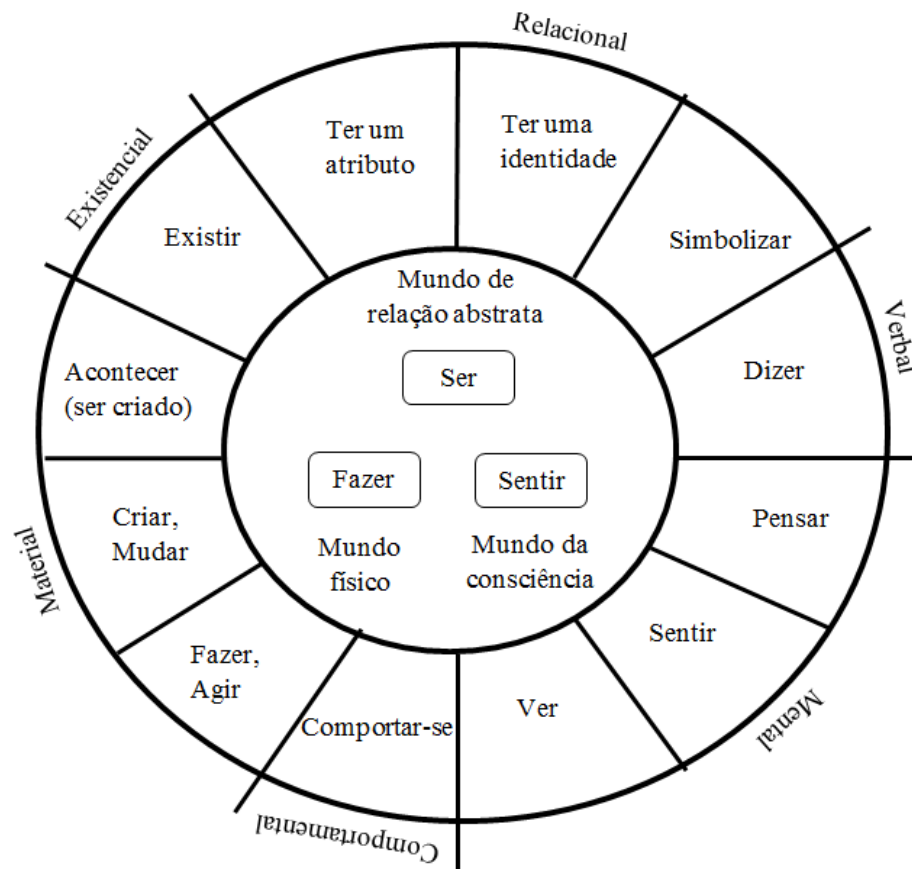


determina seus próprios Participantes. Por exemplo, os Processos Verbais, que estamos analisando, possuem como Participantes alguém, ou algo que diz, o Dizente, o que é dito, chamado de Verbiagem/Locução, e, algumas vezes, para quem é dito, o Receptor. Os demais Processos têm outros Participantes que atuarão em conformidade com aquilo que os distinguem. Quanto às Circunstâncias, sua função principal é situar os Processos, de modo que, diferentemente dos Participantes, não é essencial a sua presença numa oração. Geralmente, essas Circunstâncias são formadas por um Grupo Adverbial e podem ser de tempo, espaço, modo, entre outros.

Esse Sistema de Transitividade comporta uma rede de seis Processos, um conjunto de diferentes tipos de orações com diferentes modos de transitividades, cada um com seus Participantes específicos. Halliday e Matthiessen (2004) afirmam que existem três tipos de Processos principais, que dão conta de nossas experiências externas, de nossas experiências internas e das relações que estabelecemos entre o que vivenciamos; são, respectivamente, os Processos Materiais, Mentais e Relacionais. Cada um deles possui seu universo de significação. E, dessa forma, o Sistema de Transitividade, defendido pela LSF, não contempla apenas verbos, classificando-os em transitivos e intransitivos, mas leva em consideração as experiências vividas por cada falante e a forma como ele compreende essas experiências e relacionam-nas, ou seja, a forma como são relacionados Processos e Participantes e Circunstâncias, em alguns casos.

Além desses três tipos de Processos responsáveis por representar o mundo material e mental, e estabelecer as conexões que realizamos ao passo que vivenciamos esses dois mundos, existem os Processos, que se estabelecem na fronteira, entre um e outro, os chamados Secundários. A Figura 6 mostra-nos como essa cadeia entre os Processos se desenvolve. No ciclo dos Processos, existem os principais e aqueles que se situam entre eles. São os Processos Comportamental, Verbal e Existencial. Pelo fato de se localizarem na fronteira que “separa” um Processo do outro, esses vão, de certa forma, adquirir características que o aproximam de seus vizinhos. Por exemplo, além de suas características próprias, os Processos Comportamentais apresentam elementos semânticos que os aproximam dos Processos Mental e Material. Assim com os outros dois Processos, o Verbal compartilha características dos Processos Relacional e Mental, e o Existencial dos Processos Material e Relacional.

Figura 6 – Tipos de Processos



Fonte: Adaptado de Halliday e Matthiessen (2004)

Veremos, agora, cada um desses Processos, mais enfaticamente ilustrados, com amostras retiradas das dissertações de mestrado da área de Linguística da UFPE, distribuídas entre os anos de 1985 a 2004, que foram utilizadas na construção do nosso *corpus* com os Processos Verbais *dizer* e *afirmar*.

Em virtude dessa escolha, iniciaremos a descrição de cada Processo componente do Sistema de Transitividade com os *Processos Verbais*. Esses “são processos de *dizer* e de *comunicar* e incluem não apenas verbos de enunciação (pedir, dizer, mandar, perguntar, afirmar, etc.), mas também processos semióticos que não são necessariamente verbais, como *mostrar* ou *indicar*, por exemplo.” (GOUVEIA, 2009, p. 32). Esse Processo pode ser encontrado em vários tipos de discursos e gêneros, por exemplo, nas notícias e em vários gêneros jornalísticos, frequentemente jornalistas utilizam informações de fontes exteriores, na construção de seus textos, fazendo, assim, uso desse tipo de Processo. Nos gêneros acadêmicos, sua participação também é bastante enfática, pois ele possibilita que os escritores tenham em seus textos citações e relatos de vozes externas, ao mesmo tempo que indica a

opinião dos autores, de acordo com o Processo escolhido na construção do dizer, como argumentar, apontar, informar, sugerir, entre outros. Em narrativas, sua presença garante a existência de passagens dialógicas, indicando as falas dos participantes.

Halliday e Matthiessen (2004) dividem os Processos Verbais em dois tipos: Atividade e Semiose, como é mostrado no Quadro 1.

Quadro 1 – Tipos de Processos Verbais

Tipos		Exemplos
Atividade	Alvo	elogiar, insultar, abusar, caluniar, lisonjear, criticar, culpar, repreender
	Fala	falar, conversar
Semiose	Neutro	dizer, contar
	Indicação	afirmar, contar (a alguém algo), relatar, anunciar, informar, explicar, provar, convencer (de que), persuadir (alguém de algo), prometer (que)
		perguntar (a alguém se), interrogar, indagar(-se)
Comando	dizer (a alguém para fazer algo), ordenar, mandar, exigir, prometer, ameaçar, persuadir (alguém a fazer algo), convencer (alguém a fazer algo), suplicar, implorar, rogar	

Fonte: Adaptado de Fuzer e Cabral (2010, p. 80).

Ao quadro 1, desenvolvido por Fuzer e Cabral (2010, p. 80), acrescentamos o Processo *afirmar*, uma vez que, em Língua Portuguesa, ele também pode exercer as mesmas funções que os Processos Verbais desempenham. Sendo assim, temos, então, classificados dentro do Quadro, os dois Processos que analisamos em nossa pesquisa, o *afirmar* e o *dizer*.

Esses dois Processos trazem consigo sentidos distintos quando apresentam algo que é dito. Para corroborar nossas análises, recorreremos também aos significados e configurações semânticas desses Processos, conforme os descrevem o Dicionário Gramatical de Verbos (BORBA, 1990, p. 59), o *afirmar* pode ser usado de três formas distintas, (i) pode indicar “ação-processo com sujeito agente/causativo e com complemento expresso por nome abstrato” e, nesses casos, significa “*tornar firme, fixar, consolidar, manifestar de maneira indiscutível*”, (ii) pode “indicar processo, na forma pronominal” e, dessa forma, se utilizado com “sujeito paciente expresso por nome abstrato, significa *firmar-se, fixar-se, consolidar-se*”, e se utilizado com “sujeito paciente expresso por nome humano e com predicativo, apagável, significa passar a ter o reconhecimento dos outros”, (iii) ele ainda pode “indicar ação com sujeito agente”, quando seu uso é feito “com dois complementos: um expresso por oração infinitiva/conjuncional em discurso direto/indireto e outro, apagável, da forma *a + nome humano*”, nesses casos, significa “*asseverar, garantir*”. Desses três casos, percebemos

que os dois primeiros não representam um Processo Verbal, e por isso, nosso estudo concentra-se em dados de uso da língua em que o *afirmar* encontra-se como no terceiro caso, ou seja, quando ele significa “asseverar, garantir”.

No caso do Processo *dizer*, o seu uso na língua portuguesa é bem amplo, estando presente, inclusive, em várias expressões e ditados populares. No mesmo dicionário (BORBA, 1990, p. 532), há uma extensa descrição dos usos que podem ser atribuídos ao *dizer*. Dentre esses, é informado que o *dizer* “indica ação com sujeito agente” e, nesses casos, (i) quando ele é utilizado “com complemento expresso por nome abstrato indicativo de produção vocal, significa *pronunciar, proferir*”, (ii) quando seu uso é feito com “com dois complementos: um expresso por nome abstrato ou por oração, e outro, destinatário, apagável, da forma *a, para* + nome humano, significa *enunciar, declarar oralmente ou por escrito, afirmar, asseverar*”, e (iii) quando o uso a ele associado é feito com “dois complementos: um destinatário, apagável, da forma *a* + nome humano e outro da forma *de* + nome abstrato/oração, significa *comentar, falar a alguém a respeito de*”. Entendemos que nesses casos destacados, temos o *dizer* atuando como Processo Verbal.

A descrição e significação atribuídas aos Processos em análise estão em consonância com os postulados adotados nesse estudo e dessas constatações, observamos que pelos significados atribuídos a cada um desses Processos, *afirmar* possui teor semântico mais forte, uma vez que significa *asseverar*; *dizer*, por sua vez, está mais voltado para atitudes da fala, como *comentar, pronunciar, declarar*, entre outros. Dessa forma, podemos ressaltar que nossa pesquisa contempla dois Processos Verbais que carregam consigo diferentes características semânticas, o que torna nosso estudo relevante para a descrição Sistêmico-Funcional destes Processos no Português Brasileiro e vem complementar pesquisas anteriores, como a de Penha e Souza (2010) que destacaram a importância deles no desenvolvimento da argumentação em artigos científico de graduandos em Letras. Os resultados mostraram que os Processos *dizer* e *afirmar* contribuem com a argumentação nesses artigos, uma vez que introduzem conceitos que são bases para essa argumentação, através de diversas vozes de autoridades, em citações que corroboram o que é discutido em cada texto.

Um outro fator destacado pelas autoras é a função desempenhada por esses Processos na constituição/organização do texto em sua totalidade. A esse respeito afirmam:

“na introdução, assim como na fundamentação teórica, os Processos Verbais são usados como introdutores de conceitos ditos por autores que possuem autoridade no assunto abordado, isto é, essas vozes de autoridades funcionam como suporte para a análise a ser apresentada, assim como para fundamentar uma conclusão feita. Também nas análises feitas pelos graduandos em seus artigos, os Processos Verbais foram utilizados para introduzir a voz daquele que escreve. Na conclusão, os Processos Verbais confirmam, através da introdução de citações, as conclusões obtidas pelos alunos” (PENHA; SOUZA, 2010, pag. 11).

Percebemos, então que em artigos científicos esses dois Processos são importantes, à medida que contribuem com o que é defendido nesse gênero acadêmico.

Outra pesquisa, desenvolvida por Costa e Souza (2013), também analisou o *dizer* e o *afirmar* em dissertações de mestrado em Linguística e evidenciou que o *dizer* está mais voltado para a articulação que perpassa a apresentação do “dizer” do pelo próprio mestrando e por isso seu uso é bastante acompanhado de Modalizações, enquanto o *afirmar* vincula-se mais ao “dizer” de linguistas de renomes utilizados para validar algum ponto de vista. Em outro trabalho, Costa e Souza (2014) compararam o uso desses dois Processos *dizer* e *afirmar* com *apontar* e *falar* e destacam que, dentre esses, *dizer* é o mais utilizado, seguido do *afirmar*, mostrando, dessa forma, a relevância que eles possuem na construção das dissertações analisadas.

Os Processos Verbais, como um todo, possuem quatro participantes, sendo alguns obrigatórios e outros opcionais. O Dizente é um dos principais participantes, sendo aquele que diz alguma coisa, ou seja, o próprio falante. A versatilidade a que esse Processo pode se submeter, permite que esse Participante seja +humano, como na amostra (1)<sup>1</sup> e (3), mas, também pode se configurar como –humano, como destacado na amostra (2). Além disso, em orações passivas, esse Participante pode ser identificado através do contexto da oração, como na amostra (4). O Dizente, na nossa pesquisa, é um dos Participantes que nos permite entender como se orchestra diferentes posições dentro das dissertações que são analisadas. Ele nos possibilita identificar tanto vozes externas, como *Bakhtin*, na amostra (1), quanto à voz do próprio escritor da dissertação, como demonstrado na amostra (3). Vejamos, então, essas amostras, de nosso *corpus*, na íntegra.

---

<sup>1</sup> No final das amostras, colocamos, entre colchetes, a identificação de cada uma. Naquelas que são recolhidas das dissertações de Linguística em geral, publicadas pelo PPGL-UFPE, entre 1985 e 2004, identificamos apenas com um D, de dissertação, e ano de sua publicação, como [D 2002], por exemplo. Nas amostras que fazem parte do nosso *corpus*, ou seja, nas que correspondem às orações com os Processos *dizer* e *afirmar*, colocamos seu ano de publicação, seguido do número de ordem de colocação entre as nossas orações, como, por exemplo, 02.33.

- (1) *Bakhtin* se refere à primeira categoria, **afirmando** que nada traz de novo para a compreensão do discurso: “ela apenas o dubla visando, no máximo, a reprodução daquilo que foi dado de antemão num discurso já compreendido” (Bakhtin, 1992: 90). [02.33]
- (2) *Um dos últimos parágrafos do texto “Cidadão de Papel” diz* o seguinte: “Até há pouco tempo, justificava-se abertamente a direito do marido bater na mulher e até de mata-la”. [02.64]
- (3) Quanto ao ensino do latim, *podemos afirmar* que, de forma hegemônica, ele não está alicerçado no texto, isto é, vem se concretizando basicamente a luz da gramática tradicional. [02.02]
- (4) Essas quantificações apontam para questões de intencionalidade daqueles que produzem os textos, sejam falados ou escritos. Aqui não *se pode dizer* que elas são mais tipicamente da fala que da escrita. [01.27]

A Verbiagem é aquilo que é dito. Esse Participante pode representar o próprio conteúdo, como “a respeito da economia brasileira como se ela fosse uma pessoa doente”, na amostra (5), ou fato enunciado, como “sugestões”, na amostra (6), e “latim”, na amostra (7).

- (5) Em paralelo a essa ideia de que a inflação é uma doença, tem-se uma outra: **fala-se a respeito da economia brasileira como se ela fosse uma pessoa doente**. [D 1993]
- (6) Fazer um questionário de opinião e **pedir sugestões** aos empregados por ocasião de um dissídio coletivo é inoportuno porque eles estarão preocupados com assuntos que lhes tocam mais. [D 1985]
- (7) Devemos esclarecer que não se trata de ensinar a **falar latim**, pois isso não está em consonância com as necessidades do aluno. [D 2002]

Nem sempre os Processos Verbais apresentam o que é dito através de uma Verbiagem; pode também apresentá-lo como uma Locução, ou seja, uma oração projetada, iniciada pela conjunção *que*, como nas amostras (8) e (9). Nas orações com Processos Verbais localizadas em dissertações da área de Linguísticas, que são componentes do nosso *corpus*, identificamos que a Locução tanto pode estar como discurso direto, como na amostra (8),

quanto como discurso indireto, como na amostra (9). Isso implica na maneira pela qual *o dizer* é expresso no texto que pode ser uma citação das “palavras do outro” ou uma interpretação do que foi dito, ou seja, um relato do que já foi dito, respectivamente.

(8) Podemos lembrar aqui Yuri Lotman (1990) ao **afirmar** *que o primeiro movimento do texto e de atualização, ou seja, o texto que existe em estado potencial para o escritor adquire realidade na consciência de seu intelector.* [93.03]

(9) Essa afirmação concorda com Freire (1991) ao **dizer** que “*a feitura do mundo precede a feitura da palavra*”. [02.15]

O Receptor é o Participante para qual o Processo se dirige, realizado por um grupo nominal, como *ao leitor*, na amostra (10).

(10) Sua principal função é **informar** rapidamente *ao leitor* sobre os principais pontos do texto jornalístico, permitindo que se tenha uma noção mais precisa do seu conteúdo e, de acordo com o interesse despertado, que se leia toda a matéria. [D 1995]

O Participante Alvo, por sua vez, é a entidade que é atingida pelo Processo Verbal. “Nesse caso, o Dizente age verbalmente sobre outro Participante. Por isso, esse tipo de oração aproxima-se da estrutura Ator + Meta de uma oração Material. Orações Verbais que apresentem Alvo dificilmente projetam orações” (FUZER; CABRAL, 2010, pag. 81). Na amostra (11), podemos entender o Grupo Nominal *o povo* como o Participante Alvo.

(11) O discurso de Collor se encerra recorrendo à mesma estratégia adotada na abertura, a de **elogiar** *o povo*, solidarizando-se com este, de forma mais abrangente. [D 1994]

Os *Processos Materiais* são responsáveis por expressar mudanças no mundo exterior, físico, ou seja, são processos de mudança de estado das coisas, de agir sobre o mundo, de *fazer ou acontecer algo*. Essas mudanças acontecem através de atividades concretas ou de atividades de caráter abstrato. O agente responsável por essas mudanças é o Participante Ator. Assim, podemos observar a oração tanto do ponto de vista de quem faz a ação, nesse caso recebe destaque o Participante Ator, quanto do ponto de vista de quem sofre a ação, em que se enfatiza o Participante Meta, e, dependendo desses enfoques, teremos orações passivas ou ativas. Agora, observando a amostra (12) tem como participante Ator dois autores citados no

texto: “Kaufman e Rodríguez” que são apresentados com a proposta de desenvolvimento de “projetos didáticos”; o Processo selecionado, “desenvolver”, indica elaboração de algo e como Participante Meta “projetos didáticos”, desenvolvido em oração encaixada.

- (12) Esse método enfatiza a produção de gêneros de modo geral sem ressaltar a dissertação, como ocorre em Kaufman e Rodríguez que se propõem a **desenvolver** “projetos didáticos que levem em consideração a produção de textos completos, incluídos em uma situação comunicativa precisa, com destinatários reais” (Kaufman & Rodríguez, 1995:5). [D 2003]

Enquanto os Processos Materiais comportam ações no mundo exterior, os *Processos Mentais* exprimem as atividades do mundo interior, *pensar, sentir, ver* etc. Esse Processo possui dois Participantes: (i) o Experienciador, aquele que vivencia o pensar, sentir, ver, é o Participante que demonstra estado de consciência, e o (ii) Fenômeno é aquilo que é pensado, sentido, visto, ou seja, “é a entidade percebida ou criada pela consciência do Experienciador” (GHIO; FERNÁNDEZ, 2008, p. 104). As atividades compreendidas por esse Processo podem ser de quatro naturezas: (i) de afeição, que, como o próprio nome indica, demonstram afeição, emoção, como na amostra (13), no qual o Participante Experienciador “os ouvintes” gostam de uma determinada sequência, o Fenômeno apreciado; (ii) de percepção, em que temos a percepção realizada por algum dos cinco sentidos humanos, visão, tato, audição, olfato e paladar, como representado na amostra (14), em que, na oração, o pronome “nós” representa o Participante Experienciador que ouve “um texto”, o Fenômeno; (iii) de cognição, como na amostra (15) em que há um Participante, “os dirigentes de órgãos governamentais e empresariais”, que é responsável pela “descoberta”, sendo, então, o Experienciador e, como Participante Fenômeno, em vez de um Grupo Nominal, tem a projeção de várias orações, e, assim, o que foi descoberto é apresentado a partir de orações projetadas pela conjunção *que*; e, (iv) desiderativos, responsáveis por expressarem desejos e vontades, como em (16), em que o desejo é representado de forma metafórica, isto é, *o sujeito*, Experienciador que não é humano, “deseja que uma representação mental seja ‘captada’ pelo interlocutor da maneira como foi mentalizada”.

- (13) O interessante é que os ouvintes parecem **gostar** dessa sequência entre outras razões porque, entrincheirados na ausência de imagem, tem possibilidade de fazer abertas declarações de amor ou de ódio para seus respectivos endereçados.  
[D 1995]



- (14) Ainda de acordo com esses autores, quando lemos ou **ouvimos** um texto, construímos, na memória episódica, uma representação textual (RT), definida em termos de conceitos e proposições. [D 2002]
- (15) Há cerca de vinte e cinco anos, os dirigentes de órgãos governamentais e empresariais **descobriram** que o silêncio não é de ouro, que os mal-entendidos germinam em atmosfera de sigilo e que as empresas publicas ou privadas, como qualquer outra instituição em um regime democrático, só podem progredir quando conseguem obter a aquiescência do publico para a sua politica administrativa, seja esse público constituído de comerciários, industriários, funcionários, fornecedores, compradores ou acionistas. [D 1985]
- (16) Desse modo, a concepção de língua como expressão do pensamento corresponde a de sujeito psicológico, individual. O sujeito é visto como um ego que constrói uma representação mental e **deseja** que ela seja “captada” pelo interlocutor da maneira como foi mentalizada. [D 2002]

Os *Processos Relacionais*, por sua vez, representam a noção de *ser e estar e relacionam*, como o próprio nome diz, duas entidades, atribuindo uma à outra identificações e/ou classificações ou categorizações do mundo, e, a partir dessa atribuição, identifica-se ou classifica-se uma dessas entidades. Esses Processos possuem necessariamente dois Participantes na oração. Se estivermos estabelecendo uma relação de identificação, esses Participantes são o Identificado (Participante 1) e o Identificador (Participante 2), como na amostra (17), em que o P1, “Análise Crítica do Discurso (ACD)”, é identificado pelo P2, “a tradução de autores portugueses”. Entretanto se, na oração, estamos atribuindo algo a alguém, esses Participantes são denominados de Portador (P1) e Atributo (P2), como na amostra (18), em que “ele” (P1), o professor, recebe como Atributo o (P2), “um falante comum”. A diferença entre esses dois tipos de Processo é que nas orações Identificadoras, o termo que age como Participante Identificador é um Grupo Nominal, geralmente, definido, como em “a tradução de autores portugueses”, amostra (17). Enquanto, nas atributivas, o Participante Atributo, geralmente, é composto por um Grupo Nominal indeterminado, como em “um falante comum”, amostra (18).

- (17) Análise Crítica do Discurso (ACD) é a tradução de autores portugueses (Pedro, 1997) para Critical Discourse Analysis (CDA). [D 2003]

- (18) O professor não escapa ao ‘fetichismo linguístico’ e aos processos de ‘naturalização da língua’, característicos do pensamento ordinário – ele é, antes de tudo, um falante comum. [D 1997]

Os *Processos Comportamentais* se encontram na fronteira entre os *Materiais* e os *Mentais* e, por isso, podem apresentar características desses dois Processos. Eles representam as atividades do comportamento psicológico e fisiológico humano. São Processos como *sonhar*, *cantar*. Possuem como Participante inerente aquele que é responsável pelo comportamento humano, e, em alguns momentos pode apresentar, por exemplo, o que é sonhado, cantado. Na amostra (19), esse Processo é representado por “escutar” no relato de uma aula feito pelo autor de uma dissertação de 1995, nesse caso um professor, o Participante Componente, não *escuta* um aluno.

- (19) Poderíamos, ainda, pretender identificar sua estrutura em (67), quando o professor P-4 para brevemente por duas vezes o seu discurso para exortar um aluno a elevar o seu tom de voz ao exercer o turno, antes de se desculpar por tê-lo corrigido sem havê-lo **escutado** direito; porém, em que perspectiva poderíamos vir a sustentar que as referidas intervenções caracterizam a retomada do enunciado principal? [D 1995]

Os *Processos Existenciais*, por sua vez, são responsáveis por registrar a existência ou ocorrência de algo, possuem um único Participante, o Existente. Sobre as orações existenciais, Fuzer e Cabral (2010, p. 97) mostram que elas “são comumente realizadas, na língua portuguesa, pelos verbos “haver”, “existir” e “ter”. Embora sejam Processos de “ser”, diferenciam-se das orações relacionais pelo fato de se constituírem de apenas um Participante: o Existente”. Na amostra (20) é evidenciada a não existência de “uma língua oficial” (Participante Existente) na Europa.

- (20) Naquela época, não **havia** na Europa uma língua oficial, mas vários dialetos, pois os povos estavam separados em tribos, às vezes até inimigas. [D 2002]

E assim, cada Processo representa a forma como compreendemos a realidade. É válido dizermos que eles compõem um quadro de descrição gramatical de uma língua. E, mesmo que venhamos a analisar separadamente cada parte de uma oração ou de um texto não podemos esquecer que essas partes compõem um todo complexo e interativo, de forma que

estão situadas em um contexto específico de atuação e juntas, cada parte serve para compor a unidade da língua. É por isso que, mesmo que analisemos cada Participante dos Processos Verbais separadamente na oração, isso não significa que seu valor se constitui de forma isolada, mas a relação existente entre cada componente que constitui essa categoria do Sistema de Transitividade é que determina a função que cada um desempenha.

### **2.3.2 Metafunção Interpessoal: oração como troca**

Compreender nossas experiências sobre o mundo exterior e interior e organizá-las em nossa mente, atribuindo-lhes significado, constitui uma das funções que a linguagem realiza, bem como partilha essas experiências, pois frequentemente estamos interagindo com o outro. Através dessa compreensão, temos a Metafunção Interpessoal da linguagem, pela qual podemos, além de partilhar a maneira que compreendemos o mundo, atribuir papéis, estabelecer relações entre as pessoas, pedir, ordenar, informar, oferecer, entre outros. Pelos sistemas léxico-gramaticais dessa Metafunção, estabelecemos nossa participação na situação comunicativa através dos papéis que podemos assumir e também atribuímos papéis aos demais participantes dessa situação, que podem ser de pai/filho, professor/alunos, amigo/amigo, irmão/irmão, entre outros. Mas é importante ressaltar que, no momento em que ocorre a comunicação, tanto aquele que fala quanto o que ouve atribuem papéis um ao outro, pois ambos participam da interação e podem revezar-se nesses papéis em virtude do tipo de interação vivenciada.

Assim, essa Metafunção da linguagem, de acordo com Ghio e Fernández (2008), expressa nossa participação na situação comunicativa que estamos envolvidos, os papéis que assumimos e atribuímos às pessoas com as quais estamos interagindo. E dessa forma, mediante o Sistema de Modo e Modalidade, serve para estabelecermos e mantermos interações sociais.

Antes de chegarmos ao Sistema de Modalidade, propriamente dito, é importante que apresentemos como é que a LSF compreende a oração como troca. Halliday e Matthiessen (2004) afirmam que, quando nos comunicamos, além de expormos nossas concepções do mundo interior e exterior, agimos, através da linguagem, “efetuando” uma troca com quem interagimos. Essa troca pode ser de alguma atividade ou da própria linguagem. Numa oração como *Que horas são?*, estamos solicitando de nosso ouvinte uma informação: as horas. Já numa oração como *Passe-me a manteiga, por favor*, a troca sugerida se baseia numa atividade: esperamos que alguém entregue a manteiga que está fora de nosso alcance e por

isso a solicitamos. Mesmo que a linguagem sirva para mediar esse último caso, ela não é constitutiva dele, como no primeiro, em que se alguém não falar que horas são, a troca não é efetuada. A partir do momento em que solicitamos que alguém nos informe as horas ou nos entregue uma manteiga, como nos exemplos ora apresentados, estamos subentendendo que esse alguém pode executar essas ações. Percebemos, então, que, a partir do momento em que estabelecemos uma interação, atribuímos papéis àqueles que compartilham a interação conosco. Nesses casos, acreditamos que as pessoas sabem que horas são e estão aptas a realizarem a ação de passar a manteiga.

Dessa forma, os elementos básicos que subjazem qualquer interação são dois: *dar* e *demandar*, no qual *dar* implica em receber e *demandar* em dar uma resposta. Esses dois elementos se estendem a *Bens e Serviços* e *Informação*. O primeiro, Bens e Serviços, corresponde a uma atividade, e, portanto, é não-verbal, mesmo que a linguagem lhe sirva de subsídio. O segundo é constitutivamente verbal, ou seja, realiza-se pela linguagem. Observando mais detalhadamente,

- (i) *Bens e serviços*: significa solicitar que alguém faça alguma coisa ou fazer algo para alguém. Quando falamos, anteriormente, do exemplo *Passe-me a manteiga, por favor*, percebemos que aqui existem dois Participantes principais, aquele que solicita a manteiga e aquele que a entrega.
- (ii) *Informação*: significa solicitar alguma informação, tendo como principal instrumento a linguagem. Mais uma vez, podemos retomar o exemplo *Que horas são?* no qual informação é o item de troca. Alguém que possui essa informação a repassa a quem não a tem, e, portanto, solicita-a.

De acordo como Fuzer e Cabral (2010), essas duas categorias, Bens e Serviços e Informação, revelam as quatro funções básicas da fala, como podemos observar no Quadro 2 com exemplos apresentados pelas próprias autoras:

Quadro 2 – Funções da fala

Papel na troca	Valor trocado	
	Bens e Serviços	Informação
Dar	‘Oferta’ <i>Você quer um café?</i>	‘Declaração’ <i>Ele serviu-me um café</i>
Solicitar	‘Comando’ <i>Sirva-me um café.</i>	‘Pergunta’ <i>O que ele lhe serviu?</i>
	<b>Proposta</b>	<b>Proposição</b>

Fonte: Adaptado de Halliday e Matthiessen (2004, p. 107) e de Fuzer e Cabral (2010, p. 105).

Quando utilizamos a linguagem, a fim de trocarmos alguma informação, a oração é construída como uma Proposição. Quando o objeto de troca é alguma atividade, a oração assume a forma de uma Proposta. Entretanto, nem sempre, em nossas interações, as nossas Proposições são tidas como verdades, nem nossas Propostas são aceitas. Mas, as verdades exibidas numa informação, como afirmam Halliday e Matthiessen (2004), podem vir a ser afirmada ou negada, e também duvidada, contradita, enfatizada, aceita com reservas, qualificada, lamentada e assim por diante. Se, em vez de uma Proposição, nós nos utilizarmos de uma Proposta em nossas interações humanas, essa também pode ser combatida. E, assim, uma atividade sugerida pode ser questionada e alguém pode negar-se a realizá-la. É importante sabermos que nem sempre nossas expectativas podem ser atendidas e por isso um pedido pode ser negado, um oferecimento pode ser recusado e uma ordem pode não ser cumprida. O Quadro 3 mostra-nos esses dois distintos pontos numa interação, a aceitação e recusa. Os exemplos que nele se encontram foram apresentados por Fuzer e Cabral (2010, p. 106).

Quadro 3 – Funções da fala e reações esperadas e alternativas

		Iniciação	Resposta	
			Resposta esperada (apoio)	Resposta alternativa (confronto)
Dar	Bens e serviços	Oferta <i>Você quer um café?</i>	Aceitação <i>Sim, por favor.</i>	Rejeição <i>Não, obrigada.</i>
Solicitar		Comando <i>Sirva-se de café.</i>	Empreendimento <i>Aqui está./É pra já.</i>	Recusa <i>Eu não./Não farei isso./Esqueça.</i>
Dar	Informações	Declaração <i>Ele serviu-me de café.</i>	Reconhecimento <i>Ah, sim./Huum/ É ele?</i>	Contradição <i>Não é verdade./Não foi ele.</i>
Solicitar		Pergunta <i>O que ele serviu?</i>	Resposta <i>Ele serviu-me de café.</i>	Desconsideração <i>Não sei.</i> Desaprovação <i>Por que me pergunta isso?</i>

Fonte: Adaptado de Halliday e Matthiessen (2004, p. 108) e de Fuzer e Cabral (2010, p. 106).

Os exemplos mostrados no Quadro 3 nos apresentam os dois polos em que uma resposta a um pedido ou a uma afirmação pode encontrar-se. Essas respostas podem ser feitas de maneira positiva, como as da terceira coluna, mostrando apoio ao que é apresentado, ou podem ser feita de modo negativo, como as da quarta coluna, representando uma opinião contrária ao que é solicitado ou afirmado.

Depois de termos observado esses conceitos introdutórios do Sistema de Modo e de Modalidade que materializam a Metafunção Interpessoal da Linguagem, vamos abordar a Modalidade, dentro do ponto de vista da LSF, e vemos como é que ela interpreta a forma como não formulamos nossas Proposições e Propostas como verdades concretas, mas como possibilidades.

Nessa dissertação, como já dissemos, nosso foco principal é o estudo dos Processos Verbais *dizer* e *afirmar*, entretanto, uma vez que grande parte desses ocorre juntamente com algum verbo modalizador, faz-se fundamental a apresentação do que a LSF compreende como Modalidade, razão pela qual escolhemos não expor todo o Sistema de Modo, mas apresentar tão somente essa categoria.

### **2.3.2.1 O Sistema de Modalidade**

A Modalidade, para a LSF, funciona a partir da compreensão de que, numa comunicação, nem sempre, atuamos afirmando, completamente, ou negando nossas Proposições e Propostas. Em vez disso, podemos atuar entre polos positivos e negativos, ou seja, entre o sim e o não. Dessa forma, a Modalidade, que atua nessa zona de incerteza localizada entre esses dois polos, trabalha no nível da incerteza, do provável, do talvez.

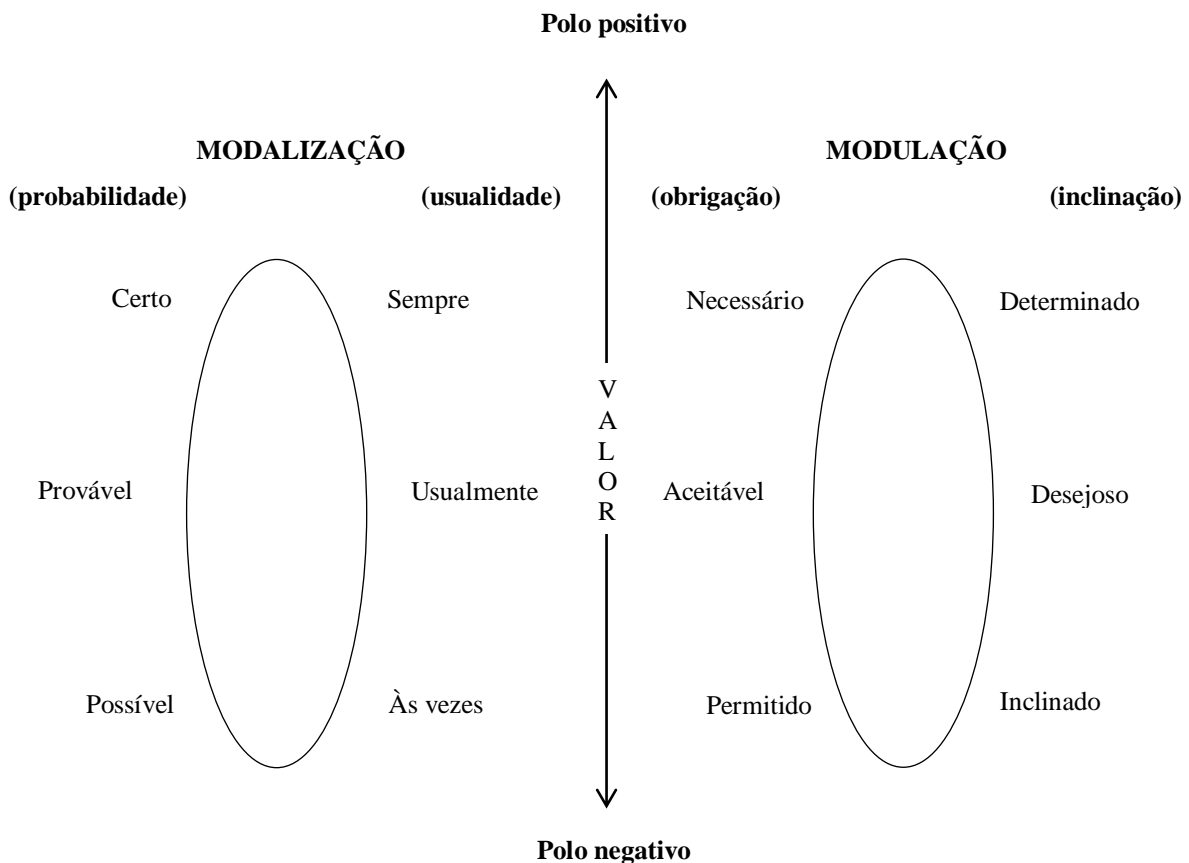
Essa Modalidade se estabelece de formas diferentes em relação às Propostas e às Proposições. Halliday e Matthiessen (2004) dizem que entre a certeza de dizer algo como ‘isto é isto’ e ‘isto não é isto’ existe uma relativa probabilidade que poderá ser expressa em frases como ‘isso deve ser isso’, ‘isto seria isto’, ‘isto pode ser isto’. Nesse ponto, percebemos que a probabilidade expressa um nível de incerteza sobre uma informação, ou seja, uma Proposição. Já no que dizem respeito às Propostas, esses mesmo autores enunciam que, entre o definido ‘faça!’ e ‘não faça!’, há arbitrarias opiniões que podem ser ditas como ‘você deve fazer isso’, ‘você deveria fazer isso’, ‘você pode fazer isso’.

Na LSF, a Modalidade é um recurso significativo para a oração em sua totalidade que se efetiva de duas maneiras: a Modalização e a Modulação. Utilizamos esse recurso na

definição de papéis entre os usuários da língua, mas também podemos relacioná-lo aos Participantes do Sistema de Transitividade, entre eles, foco de nosso interesse, o Participante Dizente, uma vez que funciona como um avaliador sobre o dito.

Na Figura 7, adaptada de Fuzer e Cabral (2010), podemos ver como estão distribuídos os graus de possibilidade intermediária para cada tipo de Modalidade e de seus subtipos e às polaridades, como seus próprios nomes sugerem, estão entre os polos sim, polo positivo, e não, polo negativo.

Figura 7 – Modalidade e Polaridade (com base em HALLIDAY, 1994)



Fonte: Adaptada de Fuzer e Cabral (2010, p. 121).

A Modalização se efetua no nível da Proposição, ou seja, através dela, o falante ou ouvinte poderá pôr em cheque a veracidade de uma informação, gerando um certo grau de possibilidade intermediária entre o sim e o não, que poderá ser realizado de duas formas:

- (i) Graus de probabilidade: possivelmente, provavelmente, certamente;
- (ii) Graus de frequência: às vezes, geralmente, sempre.

Esses graus de incerteza podem ser expressos por diferentes recursos da léxico-gramática, como

“verbos modais (*pode, deve*), adjuntos modais (*possivelmente, talvez, certamente, seguramente, usualmente, frequentemente, sempre, normalmente, raramente, ocasionalmente, eventualmente*), grupos adverbiais (*sem dúvida, com certeza, às vezes, com frequência*) e expressões como *é possível, é provável, é certo, é costume*”. (FUZER; CABRAL, 2010, p. 120)

Apresentamos as amostras (21) e (22), retiradas do nosso *corpus* com Processos Verbais *dizer* e *afirmar* e também das dissertações que estamos tomando como fonte desses dois Processos, sendo os dois casos de Modalização. O primeiro apresenta um grau de Probabilidade, através do verbo modal *poder*, indicando a possibilidade do enunciado ser tido como verdadeiro.

(21) Assim, paralelamente a interpretação de que a narrativa é um tipo textual forte, *pode-se afirmar* que a argumentação é um tipo discursivo forte. [93.12]

A amostra (22) por sua vez, indica Frequência. Nela percebemos a que o adjunto modal *raramente* é utilizado para indicar a frequência com que alunos [o interlocutor] utilizam *a reiteração de elementos linguísticos* em seus turnos de fala.

(22) A prolongação do turno é uma função discursiva como estratégia de interação, que acontece quando o interlocutor realiza produções linguísticas com o objetivo de reter o turno enquanto procura conseguir formular uma outra produção linguística. Não *raramente* o interlocutor **recorre** à reiteração de elementos linguísticos processados durante o próprio turno para retê-lo. [D 1995]

A Modulação, por sua vez, é realizada através de uma Proposta, quando alguma atividade é solicitada. Nesse caso, no lugar de uma solicitação “mais direta”, como *Faça isso* e *Não faça isso*, há um certo grau de variação entre essas duas orações, ou seja, as solicitações serão feitas em função da possibilidade, como em *Você pode fazer isso, por favor?*. Esse grau intermediário pode ser expresso de duas formas que variam de acordo com a função do enunciado:



- (i) Quando a Proposta se enuncia como um comando, o ponto intermediário representa graus de obrigação: permitido, aceitável, suposto, necessário, obrigatório, exigido.
- (ii) E, quando a Proposta é uma oferta, ela representa graus de inclinação: disposto, desejoso, determinado.

Essas duas categorias, comando e oferta, podem realizar-se, gramaticalmente, através de “verbo modalizador (*dever, deveria*), adjuntos modais (*necessariamente, obrigatoriamente, voluntariamente, alegremente*), expressões como *é necessário, é preciso, é esperado, está inclinado a, está disposto a*” (FUZER; CABRAL, 2010, p. 120).

Apresentamos, agora, mais duas amostras de nossas dissertações. A primeira amostra (23) fala sobre a importância de um radialista apresentar uma fala “fluente e de fácil compreensão” e, em seguida, apresenta diversos elementos que necessitam compor essa fala. Nesse texto, fica perceptível que as orientações sugeridas ao radialista se encontram no campo da obrigação, ou seja, é fundamental que ele as siga. O principal elemento que marca a Modulação nesse texto é o verbo *dever*.

- (23) Por ser basicamente falado, o texto radiofônico pressupõe rapidez na elaboração e na produção. No rádio, sobretudo, a fala *deve ser* fluente e de fácil compreensão, por conseguinte, *deve trazer* iminentemente todas as marcas características da prosódia, fragmentação, anacolutos, repetições, correções, hesitações, marcadores conversacionais, topicalização, entre outros traços da oralidade. [D 1995]

Já na amostra (24), tem indicado a Inclinação que políticos apresentam de tentarem chegar ou manter-se “no poder a qualquer custo”. Isso pode ser visto através da expressão “disposto a”, juntamente com o seu entorno textual.

- (24) O critério político pelo qual os parlamentares têm adquirido concessões de radiofonia no Brasil ofereceu condições para o surgimento de um sem-número de “profissionais” de rádio [...] comprometidos politicamente com os seus padrões-políticos, fazendo com que [...] o comunicador perdesse o seu ideal de imparcialidade [...], induzindo e conduzindo ouvintes-eleitores desavisados a elegerem estes ou aqueles candidatos, reforçados por certas práticas

assistencialistas, próprias dos políticos sem propostas e *dispostos a chegarem* ou **manterem-se** no poder a qualquer custo. [D 1995]

As Proposições e as Propostas podem ser modalizadas através de uma intercessão entre a semântica e a léxico-gramática que resulta nas Metáforas que serão exploradas na próxima sessão.

### 2.3.2.2 Metáforas Interpessoais

As chamadas Metáforas Interpessoais (MI) são, para Halliday e Matthiessen (2004), construções incongruentes realizadas entre a léxico-gramática e a semântica. Eles argumentam que o domínio semântico da Modalidade é realizado por mais de um elemento gramatical, por exemplo, podemos ter orações em que a Modalidade “reside” em orações Mentais, como ‘eu suponho’, em orações Relacionais, como ‘É possível’, em grupos verbais modalizadores como ‘poder’ e em grupos adverbiais atuando como advérbios modais, como ‘talvez’. As MI, de alguma maneira, deixam o sentido usualmente utilizado e ganham novas configurações semânticas. As orações que não recebem alterações em seu sentido original são chamadas de congruentes.

As metáforas se realizam de duas maneiras, elas podem ser metáforas de modo, as MI, e metáforas de transitividade, as Metáforas Ideacionais. As MI obtiveram destaque em orações de nosso *corpus* e por isso nos preocuparemos em descrever apenas esse tipo de metáfora. Elas representam a forma como as pessoas modalizam suas propostas e suas proposições, expressando suas opiniões, porém disfarçando a maneira como essa opinião é expressa.

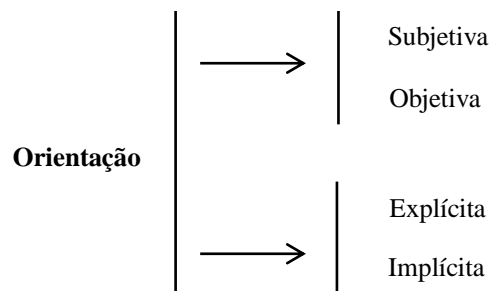
Halliday e Matthiessen (2004) sugerem que o uso da Modalidade não se materializa, apenas, em modalizadores como *poder* e *dever*. Da mesma forma, as propostas e proposições nem sempre são modalizadas de forma direta, isto é, nem sempre são executadas em frases como ‘ele deve fazer isso’ ou “*pode-se* afirmar que a argumentação é um tipo discursivo forte”, exemplificada na amostra (21). Entretanto, pedidos, ofertas e afirmativas podem ser modalizadas a partir de expressões como ‘*Eu acredito* que ele fará isso’ ou “*é possível* afirmar que a argumentação é um tipo discursivo forte”. Assim sendo, a Modalidade presente nessas orações são realizadas por um Processo Mental e por um Processo Relacional,

respectivamente que se configuram ou funcionam como um adjunto modal, indicando possibilidade, assim como funcionaria *provavelmente*.

Uma característica das MI é que elas, além de atuarem como modalizadoras, projetam novas orações. De acordo com Halliday e Matthiessen (2004), a principal estratégia das MI é a ocorrência de um *upgrade* na maneira como a modalidade é expressa que passa do nível de Grupo para orações, isto é, de grupos adverbiais ou frases preposicionadas – servindo como simples orações – para orações atuando como projeções. Um exemplo está nas orações já mencionadas: ‘*Eu acredito que ele fará isso*’ e ‘*é possível afirmar que a argumentação é um tipo discursivo forte*’.

A realização da Modalidade pode variar de acordo com o tipo de orientação que se distribui da seguinte maneira:

Figura 8 – Orientação



Fonte: Baseada em Halliday e Matthiessen (2004, p. 619)

A Orientação indica a forma pela qual uma opinião é expressa, explicitamente ou implicitamente, e objetivamente ou subjetivamente. Cada uma dessas orientações podem agregar-se as subdivisões das Propostas e das Proposições, isto é, podem distribuir-se entre probabilidade, frequência, obrigação e inclinação. A forma mais comum é a probabilidade, nela, encontramos construções do seguinte tipo, conforme exemplos apresentados em Cabral (2008):

Quadro 4 – Orientação em Proposições que indicam Probabilidade

Metáfora subjetiva		Metáfora objetiva	
Explícita	Implícita	Explícita	Implícita
Eu penso, Eu estou certo	Ela deve saber	É certo, É provável	Provavelmente, Certamente

Fonte: Cabral (2008, p. 10)

Apesar de o fato da Modalidade, através de Propostas, configurar-se como Obrigação, a maneira pela qual a MI atua, faz como que os pedidos realizados em uma interação, sejam feitos de uma forma mais suave. Dessa forma, em vez de realizarmos orações como ‘faça isso’, podemos realizá-las de uma forma mais branda ‘é possível que você faça isso?’. Da mesma maneira, podemos expressar nossas opiniões, através da utilização desse recurso metafórico em textos que possuem um caráter mais objetivo, como nas orações formadas com Processos Verbais das dissertações que são aqui analisadas. Isso é apresentado na amostra 25.

(25) *É preciso afirmar* que começa a se manifestar uma mudança quanto ao aspecto pragmático da prosa burocrática, sobretudo no tocante aos manuais de usuários atuais que, se comparados aos anteriores, revelam uma melhor organização, uma maior preocupação com o aspecto pragmático da questão. [85.01]

Nesse caso, antes da exposição da afirmativa realizada, observamos que o autor se utiliza da MI “é preciso” e com isso demonstra a necessidade da afirmação frente ao que vem sendo discutido em seu texto. Dessa forma, a modalidade acaba se realizando através de um Processo Relacional.

Delimitado os aspectos relacionados à Metafunção Interpessoal, adentraremos na Metafunção Textual, em que veremos como podemos materializar as duas Metafunções que até aqui foram apresentadas.

### **2.3.3 Metafunção textual: oração como mensagem**

A partir da nossa compreensão sobre o mundo, podemos interagir com o outro. Nessa interação, não podemos usar a linguagem de qualquer maneira, mas precisamos nos expressar de forma coerente, a fim de sermos compreendidos, a isso corresponde a Metafunção Textual. É através dela que podemos nos expressar em um todo linear e coerente. De acordo com Ghio e Fernandez (2008, p. 136), a Metafunção Textual engrena recursos para apresentar em um texto os significados ideacionais e interpessoais como uma informação organizada que pode ser trocada entre falante e ouvinte.

Mediante as duas funções já expostas, na qual a Ideacional é uma forma de compreender cognitivamente os processos linguísticos e a Interpessoal serve para “*atuarmos*” através da linguagem, estabelecendo relações entre as pessoas e atribuindo diferentes papéis a

elas, a Metafunção Textual materializa essas duas funções, reunindo em um texto coerente significados ideacionais e interpessoais.

Essa Metafunção serve para expressarmos informações em um todo linear e coerente. Ela concede à oração o *status* de mensagem, pois permite que um conjunto de enunciados seja dito de forma coesa. Isto é, permite que tanto o falante quanto o ouvinte compreendam as informações veiculadas durante a comunicação.

Um dos princípios defendidos pela LSF para a compreensão de uma mensagem perpassa o entendimento de que, para entendermos um texto como mensagem, é preciso recorrer à estrutura temática e a estrutura da informação, componentes da Metafunção Textual, dos quais nos ocuparemos na seção 2.3.3.1.

### **2.3.3.1 Tema e Rema**

Na estrutura temática, podemos observar como os tópicos de um texto são orquestrados dentro dele, ou seja, através da estrutura temática, é possível enxergamos como as informações são organizadas e quais aspectos dessas informações recebem destaques em detrimento de outras. Essa estrutura é composta de dois itens: Tema e Rema.

O Tema corresponde ao “ponto de partida para a mensagem; é aquilo sobre o que a mensagem vai ser” (GOUVEIA, 2007, p. 38). O Sistema Temático orienta o leitor, à medida que organiza a oração, mostrando o seu contexto específico, em relação ao contexto geral do texto em que funciona. O Tema atua com um ponto de partida em relação ao que foi dito antes, de modo que fica claro como cada oração interage com outras orações num mesmo texto, como apontam Ghio e Fernández (2010). E, dessa forma, destacado o Tema da oração, tudo o que vier após ele, o restante da oração, falará sobre algo sobre ele e é denominado Rema.

Percebemos que, através do elemento temático, podemos compreender como é desenvolvida a tessitura de um texto, ou seja, como cada oração atua como ponto de ligação entre o que já foi dito e o que ainda será enunciado. Ainda é possível notar qual é o assunto principal num texto, isto é, a recorrência de um mesmo conteúdo temático revelará qual informação seu autor pretende enfatizar. Por fim, um outro aspecto que o Tema pode nos dizer é que ele serve como contextualizador para o que vai ser contemplado no Rema.

Uma das formas que podem ser utilizadas para identificar o Tema da oração é através dos seus componentes ideacionais. Geralmente, o Tema corresponde ao primeiro elemento ideacional da oração, ou seja, ele é o primeiro item da oração que cumpre a função de Participante, Processo ou Circunstâncias. Nas amostras (26) a (29), podemos observar cada um desses elementos destacados, em orações organizadas com os Processos Verbais que constituem nosso *corpus*.

Na amostra (26), o elemento ideacional que atua como Tema da oração é um Dizente; na amostra (27), o que recebe destaque é o Participante Locução; na (28) é o próprio Processo *dizer* que é o Tema da oração; e, na (29), tem-se como Tema uma Circunstância, cada um desses elementos atribuem diferentes significados a cada oração.

(26) *Van Leeuwen* (1997:202), fazendo referência a Bell, **afirma** que os jornalistas da imprensa escrita se apropriam freqüentemente deste recurso. [04.16]

(27) “*Oferecem, sem constrangimento, educação em níveis quantitativa e qualitativamente inferiores para as camadas populares*”, **diz** a professora em seu 3º estudo. [97.11]

(28) **Dizia** Aristóteles apud Citelli (1985:10): “A retórica parece ser capaz de – por assim dizer – no concernente a uma dada questão descobrir o que é próprio para persuadir.” [94.02]

(29) *Nessa obra*, Dahle **afirma** também que, entre os veículos menos eficazes para a comunicação administrativa, situa-se o quadro de avisos que parece ser o preferido em muitas instituições. [85.02]

Além do Sistema de Tema e Rema, a Metafunção Textual nos fornece outros componentes de análise da forma como a informação é apresentada num texto que são o Dado e o Novo que abordaremos na secção 2.3.3.2.

### 2.3.3.2 Dado e Novo

Além da estrutura temática que é composta por Tema e Rema, outros componentes da Metafunção Textual: Dado e Novo. Eles correspondem ao modo como a informação é organizada num componente textual. “Dado é o elemento de conhecimento partilhado ou mútuo entre os interlocutores e constitui-se do que é previsível pelo contexto; trata-se não só

do que é consenso entre o falante e o ouvinte, mas também do que é recuperável no texto e na situação” (FUZER; CABRAL, 2010, p. 130). Quanto ao Novo, ele consiste no que é desconhecido pelo ouvinte ou leitor. É a informação nova. É o elemento que o falante ou escritor acredita que o seu interlocutor desconheça e por isso ele precisa ser dito.

Na amostra (30), há um recorte da introdução de uma das dissertações de Linguística, na qual seu autor explica seu objeto de estudo. Nele podemos observar a relação Dado-Novo.

(30) A finalidade deste trabalho é investigar o fenômeno conversacional que proponho chamar de **antecipação**. Tal fenômeno pode ser descrito como *a intervenção feita pelo interlocutor na fala do locutor corrente, com o propósito de sugerir o próximo segmento da sequência verbal em produção*. Até onde sei, a antecipação ainda não mereceu um tratamento específico nos estudos sobre a conversação em português (nem neles aparece designada por qualquer termo consagrado), sendo apenas referida, tangencialmente, no corpo de discussões sobre outros temas. [D 1998]

É importante que num texto a disposição de elementos dados e novos seja feita de modo balanceado. Uma vez que um texto que possui muitas informações velhas pode se tornar redundante, um texto com muitas informações novas pode ser muito inovador e tornar-se incompreensível. O equilíbrio entre esses dois tipos de informação permite que leitor ou ouvinte reconheça algumas informações, ao mesmo tempo em que adquire novos conhecimentos.

Uma vez concluída a apresentação dos principais tópicos referentes à LSF, no capítulo 3 faremos a apresentação do gênero textual aqui analisado, a dissertação de mestrado, alguns aspectos que caracterizam esse gênero da academia e os procedimentos metodológicos adotados e as análises dos Processos *dizer* e *afirmar*.

### 3 PERCURSO METODOLÓGICO

Neste Capítulo, fazemos uma exposição do que é o gênero textual dissertação de mestrado, uma vez que o tomamos como fonte das orações com os Processos que estamos analisando. Nessa abordagem, apresentamos algumas definições do que é um gênero textual e a forma como ele se desenvolve na sociedade é importante para a significação que lhe atribuímos. Em seguida, tratamos de um dos aspectos que pertence ao gênero aqui em destaque e que é um dos pontos de nossa análise, os discursos direto e indireto, no qual apresentamos a distinção entre eles e mostramos como se dá o seu funcionamento dentro de um texto.

Uma vez realizada essa abordagem sobre gêneros textuais e sobre os discursos direto e indireto, mostramos os passos que caminhou essa pesquisa, desde a definição e coleta do *corpus*, passando pela aplicação do *software WordSmith Tools* (Scott, 2009), até a coleta e análise dos dados obtidos.

#### 3.1 O gênero em análise: a dissertação

Na abordagem que estamos fazendo dos Processos Verbais, analisamos as orações encontradas em dissertações de mestrado da área de Linguística, gênero textual que tem como uma de suas principais características a argumentação, o dissertar, construir uma opinião, defender uma ideia. Nela, faz-se necessário que um determinado ponto de vista, uma tese ou uma hipótese sejam defendidas ou negadas.

A dissertação de mestrado é um requisito necessário para a obtenção do título de mestre. Ela tem como objetivo apresentar e discutir um determinado tema, embasado em diferentes autores e em dados analisados, apresentando ao leitor os resultados de seus achados. É necessário que a dissertação aborde temas que não sejam corriqueiros, isto é, temas já diversas vezes explorados pela literatura da área. Para isso, é fundamental que a dissertação não apenas apresente a visão de autores consagrados sobre o tema discutido, mas também as contribuições e os pontos de vista de seu próprio autor. Como dizem Tafner et al. (2006), a dissertação deve “procurar expressar conhecimentos do autor a respeito do assunto e sua capacidade de sistematização”.

Temos, então, na dissertação, a defesa de um argumento em favor de um elemento de pesquisa. Essa defesa é realizada no texto como um todo, onde cada parte contribui, de alguma forma, com esse argumento principal. Assim sendo, encontramos três partes



principais: introdução, desenvolvimento e conclusão. Na introdução, como afirma Medeiros (2010, p. 212), “apresenta-se o objeto da dissertação, o enfoque dado ao assunto, o objetivo e a delimitação do texto”, e discorre-se sobre a metodologia utilizada e a abordagem teórica assumida. Quanto ao desenvolvimento, esse autor ainda nos afirma que nele “apresenta-se fatos, argumentos, provas, exemplos, ilustrações. A finalidade do desenvolvimento é demonstrar o que foi proposto na introdução”, é nela onde estão apresentados os principais argumentos que dão sustento à dissertação. A conclusão “sintetiza as ideias apresentadas em todo o texto. A introdução aponta problemas; a conclusão, a postura do autor diante do problema”.

O principal órgão responsável pela estruturação da forma como a dissertação precisa ser apresentada é a Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT), uma vez que a maioria das universidades brasileiras a segue. Nela, são estabelecidos quais elementos precisam compor a dissertação como um todo, como sumário, resumo, referências bibliográficas, entre outros.

Uma vez delimitados alguns dos principais aspectos que compõem o texto dissertação de mestrado, gostaríamos de adentrar em algumas discussões teóricas sobre o que venha a ser um gênero textual, a fim de não olharmos apenas para a estrutura que compõe esse texto, mas para compreendermos que ele faz parte de uma construção social, elaborado dentro de um contexto.

Os gêneros textuais, de acordo com Marcuschi (2010, p. 19), são “fruto de trabalho coletivo, os gêneros contribuem para ordenar e estabilizar as atividades comunicativas do dia a dia”. E, por isso, são voltados para as necessidades criadas pela sociedade. Através dos gêneros textuais, entendemos como atuar em algumas situações sociais. Bazerman (2006, p. 23) completa esse pensamento ao dizer que os gêneros são “formas de vida, modos de ser. São ambientes para a aprendizagem. São os lugares onde o sentido é construído”. São os lugares comuns para onde nos dirigimos “para criar ações comunicativas inteligíveis uns com os outros” e dessa forma, são os meios que utilizamos para explorar o não-familiar.

Miller (2009), por sua vez, compreende gêneros como formas retóricas de interação. Eles servem para tipificar as interações, mas possuem formas dinâmicas, caso não possuíssem essa dinamicidade poderiam cair em desuso. E, por isso, acomodam tanto a estabilidade quanto a mudança. Os gêneros também podem conter as construções individuais de seus

usuários, mas, ao mesmo tempo, carregam aspectos desenvolvidos pela comunidade de usuários.

Dessa forma, os gêneros não são compreendidos apenas através de suas formas textuais, mas é necessário perceber que essas formas são resultados de interações sociais entre os indivíduos e possuem caráter dinâmico e retórico. Ou seja, assim como a sociedade, os gêneros mudam, apresentando novas configurações, de acordo com as exigências da sociedade. Marcuschi (2010), em sua definição de gêneros, afirma que eles são formas flexíveis, ou seja, podem estar sujeitos a mudanças.

Marcuschi (2010) também aponta que, por conta dessa dinamicidade e de seu caráter social e cultural, os gêneros vão moldando-se às necessidades de uma sociedade. Podemos observar diversas mudanças em gêneros que antes eram utilizados para um objetivo e hoje são aplicados em outras funções, outros que entraram em desuso e outros que ganharam novas formas. Um desses é um gênero notícia que, quando veiculada em suporte impresso, não possuía algumas características que passou a ter quando passou a ser divulgada em meio digital. Isto é, a notícia ganhou, no meio digital, elementos que o meio impresso não permitia, como vídeos, *links* para outras notícias, áudio de gravações, espaço para comentário “imediato” de seus leitores, entre outros.

Para que seja uma construção social, os gêneros necessitam ser vinculados ao seu contexto de uso. Um gênero não surge do nada e sem nenhum propósito, mas cumpre sua função social e, através dele os usuários, falantes/escritores, buscam atingir seus objetivos. Acreditamos que a dissertação, assim como outros gêneros acadêmicos, surge a partir da necessidade do estudo de algum tema; a comprovação desse estudo é feita num gênero dissertativo, que, quando finalizado, é analisado por uma banca julgadora que concerne veracidade ao estudo realizado.

Quanto ao meio em que circulam os gêneros, ele também não está alheio ao que constitui um gênero, mas serve para que cada elemento do texto adquira sentidos, pois, sendo os gêneros os lugares comuns para onde nos dirigimos quando queremos atingir determinado objetivo, como disse Bazerman (2006), o meio pelo qual atuaremos é de grande importância. Isso fica evidente quando vemos um mesmo gênero em diferentes e distintos suportes, a sua interpretação pode mudar e até mesmo ganhar diferentes sentidos.

Os gêneros, como percebemos, recebem suas características em função da forma como são construídos socialmente. E assim, tanto o contexto em que ele atua quanto o formato que possua e a maneira como, através dele, interagimos, é fundamental para que possamos compreendê-lo. A dissertação tem, como um de seus papéis, a necessidade de apresentar para a comunidade científica uma discussão teórica que fundamente a pesquisa. Por conta desse aspecto, é recorrente nesse texto, assim como em outros gêneros pertencentes à academia, a presença do discurso de várias vozes de autoridade que percorrem todo o texto. Ao citar um autor conceituado, o mestrando permite que seu texto ganhe respaldo, além de fundamentação para as ideias apresentadas.

Além do aspecto teórico, a dissertação também precisa analisar algum objeto, e se esse objeto se encontra em forma de texto, falado ou escrito, “a fala” desse objeto também ganha espaço na dissertação. Estamos falando de alguns casos, em que há a representação de, por exemplo, uma notícia analisada, uma entrevista, um livro didático, uma propaganda política, uma aula. Recortes desses textos devem aparecer nas análises realizadas pelos mestrandos.

A representação de todas essas vozes pode ser realizada tanto de forma direta, quanto indiretamente, através dos DD e DI. Esses discursos são formas de mostrar partes de outros textos que são colocadas na dissertação. Existem diferentes maneiras de identificarmos em um enunciado a presença do outro, da voz do outro, que pode vir acompanhada de aspas, travessões, uma entonação diferenciada, uma margem deslocada, sublinhado, negrito, itálico, dentre outras.

Quando observamos um texto acadêmico, que é o nosso caso, geralmente, essas vozes são apresentadas no texto através dos DD e DI que, além de contar com elementos gráficos que os distinguem do discurso citante, contam também com elementos sintáticos como os chamados verbos ilocutórios ou *dicendi*, que são sucedidos pelas conjunções *que* e *se* e podem tanto preceder o discurso citado, como intercalá-lo ou vir em seu final.

O discurso direto (DD) é uma forma de trazer as palavras do outro para o nosso texto sem modificá-las. E, assim, procuramos passar a responsabilidade do que está sendo dito para quem as pronunciou, mas, principalmente, trazer a autoridade desta voz para fundamentar uma ideia. A partir do momento que são postos os limites entre o dito do outro e o daquele que o reporta, toda a responsabilidade do que está sendo reportado vai “recair” sobre o texto. Todavia, Bazerman (2006, p. 95) chama atenção para o fato de que numa

citação direta “o segundo autor, ao escrever a citação, exerce total controle sobre que palavras serão citadas exatamente, que partes da citação serão excluídas e em que contexto serão usadas”. Dessa forma, não podemos dizer que uma citação direta seja “objetiva” e “fiel”, nesse ponto de vista.

Mesmo assim, geralmente, o DD está associado à objetividade. Entretanto, “a particularidade do discurso é que um mesmo ‘sujeito falante’ se apresenta como o ‘locutor’ de sua enunciação (*X disse: “...”*), mas delega a responsabilidade da fala citada a um segundo ‘locutor’, o do discurso direto.” (MAINGUENEAU, 1996, p. 105, grifos do autor). Dessa forma, percebemos que o DD só tem existência por causa do discurso citante, e é na forma como ele é inserido no texto que observamos alguns aspectos subjetivos.

Sabemos que as escolhas que realizamos ao construir nossos textos são significativas, tendo em vista que cada escolha realizada gera um sentido próprio, conforme defende a LSF. Quando escolhemos um trecho de algum livro teórico, ou de outra natureza, ou recortamos alguma fala, não estamos imunes as nossas próprias intenções, uma vez que, quando colocamos uma citação em nossos textos, de certa forma, estamos atribuindo a ela nossa apreciação. É por isso que acreditamos que o mestrando, em nosso caso, ou qualquer outro escritor, é um dos responsáveis pelos sentidos que são evocados no momento em que um determinado fragmento da fala do outro é exposto em seu texto.

As amostras (31) e (32), retiradas do *corpus* composto com os Processos que coletamos, *dizer* e *afirmar*, mostram-nos como, geralmente, esses discursos acontecem. Nesse caso, eles acrescentavam ao texto dissertativo a maneira de pensar de um autor que traz consigo uma voz de autoridade, colaborando com os argumentos defendidos na dissertação.

(31) Benveniste (1989:84), falando sobre a enunciação, **afirma** que “*o ato individual de apropriação da língua introduz aquele que fala em sua fala*”. [95.39]

(32) A esse respeito, Silveira (1993: 12) **diz** que “*a prática escolar da feitura e ainda estereotipada e unidirecional, tendo como única fonte de textos o livro didático, cujas atividades e tipos de texto - literários na grande maioria - são repetitivos e usados de forma desvirtuada...*” [02.20]

A forma pela qual o discurso é introduzido no texto demonstra como esse discurso citado foi compreendido por parte de quem o cita. Nos casos das amostras (31) e (32), percebemos duas maneiras que foram utilizadas para introduzir na dissertação o discurso do outro, ou seja, a utilização dos verbos *dizer* e *afirmar* revela duas formas de compreender e apresentar o discurso que está sendo citado, uma vez que, mesmo sendo dois Processos Verbais, cada um possui campos semânticos próprios, um mais aproximado da fala, *dizer*, e outro da escrita, *afirmar*.

Quando o DD é introduzido num texto por um verbo, que no caso de nossa pesquisa, são os verbos *dizer* e *afirmar*, é estabelecida uma divisão entre o discurso citado e o discurso citante. Entretanto, nem sempre essa será a forma pela qual os discursos diretos serão postos em uma produção, pois, em alguns momentos, esses discursos podem ser colocados dentro de um texto sem que haja um verbo introdutor do dizer, para isso basta que se apresente o texto citado dentro de aspas. O conteúdo do que estiver sendo citado, geralmente, está associado, de alguma maneira, ao discurso citante.

No caso do discurso indireto (DI), a responsabilidade pelo que está sendo reportado é daquele que o reporta, uma vez que ele está apresentando aquilo que ele está interpretando desse discurso do outro, tudo o que está sendo dito ou afirmado é, então, resultado do que ele acredita que o outro disse ou afirma, isto é, quem cita tem a responsabilidade de passar ao seu receptor as palavras de uma outra pessoa através das suas próprias palavras. “Como o discurso indireto não reproduz um significante, mas dá um equivalente semântico integrado à enunciação citante, ele apenas implica um único locutor” (MAINGUENEAU, 1996, p. 109). Esse locutor é, então, o responsável por todo o texto.

A constituição sintática das orações com DI precisa se incorporar ao texto sem que se destaque com aspas ou algum outro elemento gráfico. O discurso relatado tem que obedecer às funções gramaticais dos verbos que o introduzem, ou seja, tem que se encaixar com a regência desse verbo.

Vejamos as amostras (33) e (34) que apresentam como são configurados os DI em dissertações que, assim como o DD, trazem para a dissertação vozes externas que, unidas com o que é abordado, participam das ideias defendidas pelo mestrando e contribuem para as análises realizadas.

(33) Na primeira abordagem, Schefflen **diz** *que a postura funciona como marcadores de etapas da comunicação.* [01.15]

(34) Ou seja, o entrevistado **afirmou** *que apenas um dos tijolos do universo analisado apresentou resistência de 0,5 megapascal, estando a maioria em tomo de três megapascals...* [95.14]

Mesmo tratando dessas formas de marcar o discurso do outro no meio acadêmico, os DD e DI, estamos conscientes de que existem outras formas em que esse discurso possa aparecer nos textos estudados que tanto pode ser de forma explícita, quanto implícita, como o chamado DI livre.

Quanto ao fato de, na dissertação, encontrarmos discursos que tanto podem ser relatados ou referentes ao que o próprio mestrando afirmou, escolhemos, em nossas análises, classificar as orações em três categorias referentes aos discursos representados por cada Processo. E, assim, tivemos os que entraram na categoria do DD, os que compuseram o DI e aqueles que reportavam as próprias falas e afirmações do mestrando, nomeados como *dito do mestrando* (DM).

É importante dizermos que, na dissertação de mestrado, encontramos discursos relatados que podem ser apresentados tanto em sua forma direta quanto indireta. Além desses discursos do outro, também localizamos os *dizeres dos próprios mestrandos* que vamos usar denomina-lo através da sigla DM, introduzido, geralmente, pelo pronome *nós*, de forma explícita ou na desinência do Processos, como em *nós podemos dizer, afirmamos, então*, entre outros, e pelas formas de sujeito indeterminado, como em *pode-se dizer, afirma-se*, entre outros.

Uma vez que o DD está associado à citação direta do dito de outro e que o DI se situa no campo da paráfrase, questionamo-nos quanto ao fato de como classificar a própria voz do mestrando nessas duas categorias de discurso. Ao observar a introdução dos pensamentos dos mestrandos a partir dos Processos Verbais, percebemos que sua voz, possivelmente, não se encontra no campo da citação direta e da paráfrase. Por isso, preferimos manter, por enquanto, três categorias, destacando: (i) os ditos e afirmações do próprio autor da dissertação dos dizeres externos, (ii) DD e/ou (iii) DI.

Apresentadas essas sínteses contextualizadoras de nossa fonte de dados, bem como da “materialização discursiva” dos ditos encontrados em nosso *corpus*, tratamos, em 3.2, dos procedimentos metodológicos.

### 3.2 Os procedimentos metodológicos

Nesta seção, apresentamos a forma como esta pesquisa se desenvolveu, desde a seleção do *corpus* até a sua elaboração. Já foi dito em nossa introdução que nosso objetivo é buscar compreender como mestrandos utilizam os Processos Verbais *dizer* e *afirmar* e como, em algumas orações com esses Processos, em vez de simplesmente apresentar um dito, esse vem acompanhado de algum elemento modalizador.

Para cumprir esse objetivo, primeiramente, “apossamo-nos” das abordagens teóricas citadas no Capítulo 2. E, então fizemos a seleção e a coleta do gênero textual que serviu de suporte para as orações com Processos Verbais aqui estudadas, a dissertação de mestrado. Escolher esse gênero implica em acreditar que ele nos permite encontrar os elementos que analisamos.

É importante dizer que no *site* onde coletamos as dissertações também estava disponível teses de doutorado, mas preferimos adotar apenas um dos gêneros para que pudéssemos realizar uma análise mais pormenorizada e que não compreendesse apenas aspectos quantitativos. As pesquisas realizadas e acompanhadas anteriormente com Processos Verbais em artigos científicos de graduandos e em dissertações de mestrando, *A transitividade dos verbos do dizer em artigos acadêmicos* (PENHA; SOUZA, 2010) e *O funcionamento dos Verbos do Dizer em dissertações de Letras* (COSTA; SOUZA, 2013), também nos impulsionaram a buscar compreender a utilização desses Processos pelos mestrandos, por possuírem um nível de letramento maior que os alunos da graduação.

A dissertação de mestrado, como já tínhamos falado, é um gênero em que há a circulação de várias vozes. Essas variam quanto aos seus autores, formatos e tipos de discursos que tanto podem ser um discurso relatado, direto ou indireto, quanto pode indicar que a fala é do próprio mestrado. Essas características, atreladas ao contexto em que esse gênero atua, garantiu-nos a presença da introdução dessas variadas vozes através dos Processos Verbais e de seus Participantes.

Delimitamos para investigação as dissertações de Letras, mais especificamente, de Linguística, publicadas no PPGL-UFPE. Esse programa foi inaugurado no ano de 1975, ofertando apenas cursos de especialização. No ano de 1976, foi iniciado o primeiro curso de mestrado em Linguística e em Teoria da Literatura e até hoje mantém essa configuração, ou seja, são publicadas dissertações e teses nessas duas áreas. Quanto ao doutorado, esse só veio surgir no ano de 1990, para Linguística, e 1996, para Teoria da Literatura.

Uma vez que escolhemos trabalhar apenas com dissertações, selecionamos todas as publicadas no período de 1978 a 2006, nesse referido programa, que permitiam a adequação ao formato de texto *.txt*. Dessa forma, foram contempladas publicações das três primeiras décadas de funcionamento do PPGL-UFPE. Para que pudéssemos ter acesso a essas dissertações num formato digital, uma vez que elas seriam submetidas ao *software WordSmith Tools* (Scott, 2009), recorreremos ao Projeto Letras Digitais, coordenado pelos professores Angela Paiva Dionísio e Anco Márcio Vieira da Costa.

O Projeto *Letras Digitais* foi responsável por desenvolver um acervo com teses e dissertações desenvolvidas no PPGL, desde a sua fundação até o ano de 2006, e publicá-lo, no formato digital, no *website* <<http://letrasdigitaisufpe.blogspot.com/>>, a fim de que fosse possibilitado um maior acesso a essas publicações e uma maior divulgação dos trabalhos desenvolvidos pelo PPGL, permitindo que elas também servissem como fonte de análise para diversos trabalhos acadêmicos. E assim, as dissertações e teses que antes possuíam apenas um registro impresso, foram digitalizadas e disponíveis no referido *site*.

Para a busca e localização dos Processos Verbais e seus respectivos Participantes nas dissertações coletadas, utilizamos o *software WordSmith Tools* (Scott, 2009).

### **3.2.1 O Software *WordSmith Tools***

O *WordSmith Tools* (Scott, 2009) foi desenvolvido por Mike Scott em 1996 e desde então novas versões têm sido elaboradas e apresentadas aos diversos usuários. Esse *software* “permite fazer análises baseadas na frequência e na co-ocorrência de palavras em *corpora*” (SARDINHA, 2009a, p. 8), ou seja, permite que os usuários analisem as palavras correspondentes a seus objetos de pesquisa justamente com o texto que as circundam, o contexto. Ainda é possível, com a aplicação desse programa, remover do *corpus* as partes que não pertencem ao objeto de estudo da pesquisa, isto é, os elementos que não serão analisados.



O programa *WordSmith Tools* (Scott, 2009), como aponta Sardinha (2009b), funciona com base em três princípios abstratos básicos:

- (i) *Ocorrência*. Os itens devem estar presentes.
- (ii) *Recorrência*. Os itens devem estar presentes pelo menos duas vezes; isto não significa que itens de frequência 1 não tenham relevância. Itens de frequência 1 são em geral raros, e é a existência de itens raros que pressupõe a necessidade de *corpora* grandes na pesquisa, pois *corpora* maiores dão mais chance de itens raros aparecerem.
- (iii) *Co-ocorrência*. Os itens devem estar na presença de outros. Um item isolado é muito pouco informativo. Ele obtém significância na medida que é interpretado como parte de um conjunto formado por outros itens. O horizonte de co-ocorrência é uma janela que pode ir de algumas palavras ao redor de um item, às fronteiras do texto.

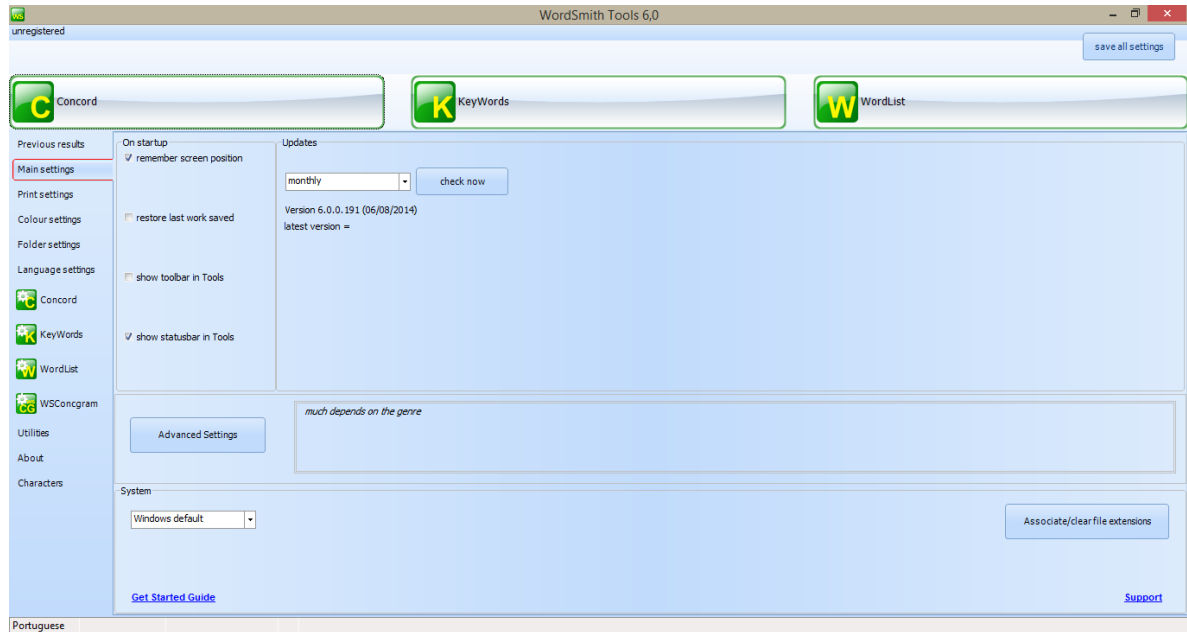
Esses princípios que norteiam uma pesquisa desenvolvida com o *WordSmith Tools* (Scott, 2009) garantem uma confiabilidade por parte de seus usuários, pois são princípios que levam em consideração os elementos a serem analisados, suas ocorrências e seus co-textos.

Esse programa apresenta três ferramentas principais: (i) *WordList* que “produz listas de palavra contendo todas as palavras do arquivo ou arquivos selecionados, elencadas em conjunto com suas frequências absolutas e percentuais. Também compara listas, criando listas de consistência, onde é informado em quantas listas cada palavra aparece” (SARDINHA, 2009a, p. 8); (ii) *KeyWords* que “extraí palavras de uma lista cujas frequências são estatisticamente diferentes (maiores ou menores) do que as frequências das mesmas palavras num outro *corpus* (de referência)”. Ele também calcula palavras-chave, que são principais em vários textos (SARDINHA, 2009a, p. 8); e a ferramenta *Concord* que é responsável por produzir concordâncias, que “são listagens das ocorrências de um item específico (chamado de termo de busca ou nóculo, que pode ser formado por mais de uma palavra) acompanhado do texto ao seu redor (o co-texto)” (SARDINHA, 2009a, p. 83). Em outras palavras, o *Concord* localiza e aponta um item, com o seu contexto mais imediato, desejado pelo usuário do programa, através de uma ferramenta de busca.

A ferramenta *Concord* foi a única utilizada na construção de nosso *corpus*, uma vez que desejávamos obter as ocorrências dos Processos Verbais *dizer* e *afirmar*, a fim de

observar suas funções dentro da dissertação. Podemos ver, na Figura 9, a página de abertura do citado *software*, em sua sexta edição:

Figura 9 – Página de abertura do *WordSmith Tools* (Scott, 2009).



Fonte: *WordSmith Tools* (Scott, 2009).

Na Figura 9, podemos perceber, principalmente, os *links* de acesso as ferramentas *WordList*; *KeyWords* e *Concord*. Já a Figura 10 nos mostra uma página gerada pela ferramenta *Concord*. Nela podemos perceber que o termo procurado, o Processo Verbal *afirmar*, está localizado no centro das sentenças apresentadas. Com isso é possível visualizarmos como se deu o uso desse Processo, a quantidade de ocorrência no texto pesquisado, assim como o seu contexto de uso mais imediato, ou seja, o texto que se localiza ao redor do Processo *afirmar*, além de outras informações.

Figura 10 – Página da ferramenta *concord*.

N	Concordance	Word #	Sen	Pari	Hea	Sec	File	Date	%
1	determinada pelo contexto interativo, e 00 <b>afirma</b> que 0 falante aprende a utilizar os	5.440	173	609	0	239	1993 D 1 TXT.txt	2014/ago/20 00:00	24%
2	para seu maior efeito. Tannen (1985) <b>afirma</b> que trayos caracterizados como da	7.767	316	219	0	159	1993 D 2 TXT.txt	2014/ago/20 00:00	16%
3	em comunicado enviado a redacao em 1992, <b>afirma</b> , inclusive, que toda materia tem uma	1.916	74	739	0	4%	1993 D 2 TXT.txt	2014/ago/20 00:00	4%
4	0 lingtista holandese Teun A. van Dijk (1992) <b>afirma</b> que a narrativa noticiosa pode ser	12.173	507	539	0	249	1993 D 2 TXT.txt	2014/ago/20 00:00	25%
5	de pilha e automoveis. Castro (1993:479) <b>afirma</b> que a ironia refere nio 0 discurso, mas	17.067	710	209	0	339	1993 D 2 TXT.txt	2014/ago/20 00:00	35%
6	de interayao ", Marcuschi (1988: 58) <b>afirma</b> que a assimetria e uma nOfyiousada para	8.448	343	479	0	179	1993 D 2 TXT.txt	2014/ago/20 00:00	18%
7	Podemos lembrar aqui Yuri Lotman (1990) <b>ao afirma</b> que 0 primeiro movimento do texto e	7.939	324	249	0	169	1993 D 2 TXT.txt	2014/ago/20 00:00	16%
8	audiencia e menos envolvido com 0 <b>assunto</b> . <b>Afirma</b> 0 referido autor que ha algumas	7.409	304	5%	0	149	1993 D 2 TXT.txt	2014/ago/20 00:00	15%
9	que esta por tras de urna noticia. <b>Como afirma</b> van Dijk (1983), 0 entendimento real	3.086	123	119	0	6%	1993 D 2 TXT.txt	2014/ago/20 00:00	6%
10	se define 0 tipo de contexto <b>considerado</b> . <b>Afirma</b> que e 0 contexte que define, ou	6.579	215	139	0	289	1993 D 1 TXT.txt	2014/ago/20 00:00	29%
11	mangas, lapelas, bolsos e lenços, em vez de <b>afirmar</b> simplesmente que a privatizacáo vai	17.683	741	459	0	359	1993 D 2 TXT.txt	2014/ago/20 00:00	36%
12	de fechamento pode-se, <b>entao</b> , <b>afirmar</b> ser esse exemplo(nove) como	10.975	380	819	0	479	1993 D 1 TXT.txt	2014/ago/20 00:00	49%
13	40% da produçáo; <b>ionacional</b> , <b>Afirma</b> Dino Micannyl. VII. 16-Hoje, so uma	35.199	1.81	939	0	699	1993 D 2 TXT.txt	2014/ago/20 00:00	70%
14	Dijk para as narrativas noticiosas. <b>Podemos afirmar</b> ainda que existe urn entrelâmento	12.240	510	169	0	249	1993 D 2 TXT.txt	2014/ago/20 00:00	25%
15	objeto: a mngua na interaçáo. <b>Pode-se afirmar</b> que a Teoria Interacional do	5.325	171	5%	0	239	1993 D 1 TXT.txt	2014/ago/20 00:00	24%
16	a narrativa e urn tipo textual forte, <b>pode-se afirmar</b> que a argumentayao e urn tipo	5.366	218	839	0	109	1993 D 2 TXT.txt	2014/ago/20 00:00	11%
17	, Sausurre tornou-se notavel <b>quando afirmou</b> ser a lingua um FATO SOCIAL, e como	5.476	174	459	0	249	1993 D 1 TXT.txt	2014/ago/20 00:00	24%
18	do que pensam os editores de VEJA, <b>quando afirmam</b> que nos ultimos tempos, formulas	26.638	1.21	239	0	529	1993 D 2 TXT.txt	2014/ago/20 00:00	53%
19	a visao de Mary Kato (1987: 30) <b>que afirma</b> que a lingua escrita 000 pode ser	7.571	310	419	0	159	1993 D 2 TXT.txt	2014/ago/20 00:00	16%
20	de proposyivos ou sentenyas do <b>texto</b> . <b>Afirma</b> van Dijk que 0 esquema da noticia,	5.743	235	6%	0	119	1993 D 2 TXT.txt	2014/ago/20 00:00	12%
21	e urn tipo discursivo forte. <b>Virtanen afirma</b> que a argumentayao pode ser vista	5.376	219	139	0	119	1993 D 2 TXT.txt	2014/ago/20 00:00	11%

Fonte: *WordSmith Tools* (SCOTT, 2014).

Ainda em referênci a imagem apresentada na Figura 10, o utilitário *source text*, localizado no final da página, possibilita-nos retornar ao texto em que o termo pesquisado se encontra, e assim, é possível, quando necessário, observar o uso desse termo em seu contexto mais amplo.

O uso desse *software* durante a pesquisa permitiu que selecionássemos as sentenças com os Processos Verbais que seriam analisadas e contribuiu para o desenvolvimento da análise desses Processos, pois, tendo em vista que uma pesquisa que tem por base a LSF deve basear-se em situações concretas de uso da língua, a seleção apresentada pela ferramenta *Concord* nos mostrou o uso desses Processos em seu contexto mais imediato.

No subcapítulo 3.2.2, apresentaremos, detalhadamente, como se deu o processo de construção do *corpus* da pesquisa, ou seja, como coletamos as dissertações de Linguísticas publicadas pelo PPGL e como aplicamos esse *software*, entre outras questões.

### 3.2.2 A construção do *Corpus*

Para a constituição do *corpus*, coletamos as dissertações publicadas no PPGL-UFPE, entre os anos 1978 e 2006, hospedadas no *website* do Projeto *Letras Digitais*. Nele, essas dissertações estão disponíveis para acesso e para *download* de acordo com o ano de publicação, ou seja, as publicadas no ano de 1985 estão em uma seção correspondente a esse

ano, assim sucessivamente. Dentro delas, é possível localizarmos as dissertações por título. Para a nossa pesquisa, optamos por coletá-las e organizá-las de acordo com o ano de publicação.

É importante assinalar que as publicações feitas no *website* do Projeto Letras Digitais foram realizadas mediante a aprovação de seus autores, isso implica dizer que nem todas as dissertações defendidas no PPGL estavam e estão disponíveis no *site*, uma vez que alguns autores preferiram não divulgar seus trabalhos nesse suporte eletrônico. Com isso, das 47 dissertações escolhidas para fazer parte de nosso projeto inicial, apenas 21, distribuídas entre os anos de 1985 a 2004, puderam ter suas orações com os Processos *dizer* e *afirmar* analisados. Um outro fator que também interferiu na coleta completa das dissertações publicadas entre 1978 e 2006 foi o fato de que algumas das dissertações tiveram suas páginas digitalizadas como imagem, isso impediu que fosse realizada a conversão do texto que se encontrava no formato *.pdf* para o formato *.txt*, ou seja, no momento da conversão, em vez de textos corridos, tínhamos apenas imagens, invalidando, dessa forma, a aplicação do *software*.

Dessa forma, o projeto original de analisar 47 dissertações teve que ser alterado e em vez das 47, pudemos contar com 21 dissertações. Mesmo assim, acreditamos que essa redução não interferiu em nosso objetivo de analisar os Processos Verbais e suas possíveis modalizações nesse texto. O que ocorreu foi uma redução em nossas amostragens, mas como, além do aspecto quantitativo, sobressaía-se a análise qualitativa dos dados, o número de orações que nos foram disponibilizados, 516, induziu-nos a continuar a pesquisa com esse *corpus*.

Esses fatores nos permitiram compreender que, num processo de construção de um *corpus*, podem acontecer eventos que não estavam previstos no projeto elaborado para tal e cabe aos membros da equipe buscar uma melhor solução frente aos imprevistos, de modo que o objetivo traçado para a pesquisa seja alcançado. No caso da pesquisa em questão, optamos por analisar os Processos Verbais nas dissertações disponíveis, pois, ainda assim, obteríamos uma ampla quantidade e variedade de Processos e, com isso, a análise da construção da argumentação nas dissertações através do uso dos Processos Verbais pôde ser realizada.

Prosseguimos, então, salvando as dissertações coletadas em mídias digitais (*cd-roms*, *pen drives*), separando-as de acordo com o ano a que pertenciam, para que depois tivéssemos um acesso facilitado a elas. As dissertações de 1985 foram salvas em uma pasta digital

denominada D1985, fizemos isso com todos os anos até chegarmos às dissertações do ano de 2004.

Essas dissertações estavam disponibilizadas no *website* citado anteriormente no formato *Portable Document Format (pdf.)* e todas foram convertidas ao formato de texto (*txt.*). Essa conversão foi feita a partir de uma ferramenta disponível no programa *Adobe Reader*, programa responsável pela leitura de arquivos em formato *pdf.* Todas essas dissertações foram convertidas do formato *pdf.* ao formato *txt.* extensão necessária à aplicação do *software WordSmith Tools* (Scott, 2009). Feita tal conversão, aplicamos às dissertações o *software WordSmith Tools* (Scott, 2009) para localizarmos todas as ocorrências dos Processos Verbais aqui analisados.

Essa localização foi feita através da ferramenta *Concord*, realizamos a busca de cada Processo por ano de publicação da dissertação a que pertencia, assim, por exemplo, buscávamos o Processo *afirmar* nas dissertações do ano de 1985 e assim sucessivamente nos anos seguintes. Podemos ver, a título de exemplo, a Figura 9, na pág. 60, que corresponde à página da ferramenta *Concord* contendo o resultado de ocorrências do Processo *Afirmar*.

A busca foi realizada a partir do radical, dessa forma nos eram apresentados além dos Processos propriamente ditos, casos como adjetivos, substantivos e até outros tipos de Processos que não expressavam o dizer. Por exemplo, ao solicitarmos que o programa fizesse uma busca das ocorrências do Processo verbal *afirmar*, ele nos apresentava tanto as formas verbais *afirmou*, *afirmava*, *afirma*, entre outras, como os nomes *afirmação*, *afirmativo* etc, além de orações em que o Processo *afirmar* encontrava-se com o sentido de afirmar princípios. No caso do Processo *dizer*, realizamos uma seleção mais extensa. A busca nas dissertações, através da ferramenta de busca do *Concord*, pelos vários radicais que compõe o dizer, *dit*, *diz*, *diss*, *dir*, apresentou uma grande variedade de palavras e expressões que precisaram ser eliminadas.

Delimitada as orações que provavelmente participariam de nosso *corpus*, iniciamos uma coleta mais seletiva. Esquadrinhamos as orações que realmente possuíam como verbo principal em Processo Verbal e deletamos as que possuíam outra função ou sentido. Isso resultou numa diminuição na quantidade de orações apresentadas pela ferramenta *Concord*. Nessa seleção, também nos preocupamos em observar e distinguir as orações que faziam parte

do corpo do texto dissertativo das que estavam localizadas em anexos e dentro de citações diretas. Nesse último caso, as orações foram excluídas do *corpus*.

Cumprida tal etapa, iniciamos uma pesquisa-piloto, a fim de compreender mais profundamente nosso *corpus* e delimitar áreas que precisariam ser estudadas e analisadas, dessa forma, passamos a analisar os dados obtidos, observando a quantidade de ocorrência dos Processos em todas as dissertações pertencentes ao *corpus*, assim como o contexto em que esses Processos estavam envolvidos. Para isso observávamos a sua configuração léxico-gramatical: Participantes e Processo, para, na sequência, analisar o papel desempenhado naquela porção textual e, conseqüentemente, dentro da dissertação.

As análises realizadas na pesquisa-piloto e alguns resultados da pesquisa de iniciação científica *A transitividade dos verbos do dizer em artigos acadêmicos* (PENHA, SOUZA, 2010) mostraram-nos que os Dizentes dos Processos *dizer* e *afirmar* apresentam-se sob a forma Dizente Grupo Nominal (DGN), Dizente Grupo Pronominal (DGP), Dizente Grupo Desinencial (DGD)<sup>2</sup> e Sujeito Indeterminado (SI); que os próprios Processos podem ser modalizados ou não e que as Locuções podem apresentar-se com DD e DI, bem como com as afirmações e dizeres dos mestrandos. Essas informações nos permitiram elaborar um quadro, em que distribuimos todas as amostras de nosso *corpus*, o que preferimos apresentar dividido em três partes, para que seja melhor compreendido e visualizado. A partir desse Quadro, percebemos como cada componente do Sistema de Transitividade, referente aos Processos Verbais se encontravam configurados. Assim, nos Quadros 5, 6 e 7 encontraremos as amostras (35), (36) e (37), distribuídas de acordo com cada Participante. Essas amostras serão inicialmente apresentadas na íntegra:

(35) [Nós] Podemos **afirmar** ainda que existe um entrelaçamento de categorias típicas da argumentação e exposição com as da narração. [93.6]

(36) Koch (1992: 21) **diz** que “a coerência está diretamente ligada à possibilidade de se estabelecer um sentido para o texto, ou seja, ela e o que faz com que o texto tenha sentido para os usuários, devendo, portanto, ser entendida como um princípio de interpretabilidade...”. [93.10]

---

<sup>2</sup> Para nomear os Dizentes Grupo Nominal, Desinencial e Pronominal, utilizamos a nomenclatura *Grupo*, em vez da tradicional *sintagma*, uma vez que essa é a terminologia adotada por Halliday e Matthiessen (2004). Para eles, *Grupo* é uma expansão de palavras, um grupo de palavras.

(37) Para compreender melhor essa questão, exporemos aqui a teoria de Watzlawick et al (1998) a respeito de comunicação digital e analógica. Os autores fazem uma comparação entre a linguagem de computador e a comunicação humana. **Dizem** eles que, assim como na computação, nós temos uma linguagem digital e uma analógica, sendo esta toda comunicação não-verbal que o ser humano pode realizar: postura, gestos, expressão facial, inflexão de voz, sequencia, ritmo e cadencia das próprias palavras, ou qualquer outra comunicação que o corpo seja capaz de realizar. [01.4]

No Quadro 5, apresentamos a classificação dos Dizentes que foram divididos em GN, GP, GD e SI. No Quadro 6, classificamos os Processos de acordo com a presença ou ausência da Modalidade. Caso a Modalidade estivesse presente, ela era subclassificada de acordo com os tipos Modalização e Modulação e suas divisões. E, por fim, o Quadro 7 exhibe as divisões das Locuções, ou seja, o que estava sendo dito ou afirmado, que foram classificados de acordo com o discurso que representavam, se direto, indireto ou se traziam algo dito pelo próprio mestrando, autor da dissertação.

Quadro 5 – Classificação dos tipos de Dizentes

Amostra	Dizente			
	GN	GP	GD	SI
(35)			[Nós]	
(36)	Koch (1992: 21)			
(37)		Eles [Watzlawick et al (1998)]		

Quadro 6 – Classificação das Modalidades nos Processos

Amostra	Modalidade				
	- Mod.	+ Mod.			
		<i>Modalização</i>		<i>Modulação</i>	
		<i>Probabilidade</i>	<i>Frequência</i>	<i>Obrigaçã</i>	<i>Inclinação</i>
(35)		Podemos afirmar			
(36)	Diz				
(37)	Dizem				

Quadro 7 – Classificação das Locuções

Amostra	Locução		
	DD	DI	Dito do mestrando
(35)			ainda que existe um entrelaçamento de categorias típicas da argumentação e exposição com as da narração.
(36)	que “a coerência está diretamente ligada à possibilidade de se estabelecer um sentido para o texto, ou seja, ela é o que faz com que o texto tenha sentido para os usuários, devendo, portanto, ser entendida como um princípio de interpretabilidade...”		
(37)		que, assim como na computação, nós temos uma linguagem digital e uma analógica, sendo esta toda comunicação não-verbal que o ser humano pode realizar: postura, gestos, expressão facial, inflexão de voz, sequência, ritmo e cadência das próprias palavras, ou qualquer outra comunicação que o corpo seja capaz de realizar.	

É válido afirmarmos que nem sempre as orações que analisamos se encontravam em sua ordem direta, como sugere os Quadros, ou seja, Dizente + Processo + Locução. Quando aconteciam ordens indiretas nas orações, sinalizávamos cada parte com colchetes e reticências ou repetíamos toda a oração dentro das colunas da Locução, destacando a parte a ser classificada. Esses Quadros geraram números que representavam a quantidade de cada uma dessas categorias. Esses números foram transformados em gráficos que nos permitiram saber a porcentagem de cada um nos itens analisados para que pudéssemos avaliar quantitativamente as escolhas linguísticas dos mestrados no que se refere aos Processos *dizer* e *afirmar* e, dessa forma, formar subsídios para nossa análise quantitativa.



Uma vez expostos os principais componentes teóricos que subsidiam essa dissertação, buscando associar o que até aqui foi discutido com a metodologia para análise dos dados constitutivos de nosso *corpus*, tratamos, no Capítulo 4, do percurso analítico do trabalho, ou seja, apresentaremos as análises que realizamos dos Processos *dizer* e *afirmar*, mostrando como esses Processos contribuem para o desenvolvimento do gênero dissertação e o que eles nos revelam sobre a escrita acadêmica, e por que não dizer, sobre a nossa própria língua.

#### **4 PROCEDIMENTOS ANALÍTICOS: OS PROCESSOS VERBAIS *DIZER* E *AFIRMAR***

Iremos, a partir de então, para analisar os Processos Verbais *dizer* e *afirmar* utilizados nas dissertações de Linguística publicadas pelo PPGL-UFPE entre os anos de 1985 e 2004. Buscamos, com a metodologia ora apresentada, responder aos objetivos estabelecidos para esse trabalho. Entendemos que esses objetivos nos direcionaram a obtenção de um quadro que revela os usos desses dois Processos que acrescentam aos textos que estudamos um dizer ou uma afirmativa externos, ao mesmo tempo que revelam dizeres e afirmações de seus próprios autores, esses, na maioria das vezes, resguardados pela presença da Modalidade e de MI.

As análises que realizamos estão voltadas para duas das três Metafunções apresentadas pela LSF. Uma é a Metafunção Ideacional que, através do Sistema de Transitividade, e, mais especificamente, dos Processos Verbais *dizer* e *afirmar*, nos permite entender e analisar quem são os Participantes presentes em cada amostra observada, como eles são construídos e a função que eles desempenham. A outra é a Metafunção Interpessoal, da qual utilizamos o Sistema de Modalidade, muito presente em nossas amostras. Essa Metafunção nos mostrará como as relações sociais estão presentes na escrita acadêmica das dissertações e como elas influenciam na forma como cada afirmativa é apresentada nos textos.

Levando em consideração que os estudos, com base na proposta de Halliday e Matthiessen (2004) de investigação da transitividade, que tiveram como meta observar tal categoria dos Processos em textos que são originalmente acadêmicos, revelaram, em sua maioria, a presença tanto do *dizer* quanto do *afirmar*. Acreditamos que a frequência desses dois Processos do dizer, e de alguns outros que não foram contemplados nessa pesquisa, estão relacionadas a gêneros acadêmicos, como artigos, teses, trabalhos de conclusão, a própria dissertação, entre outros.

Podemos mencionar, a título de exemplo, pesquisas que procuraram verificar quais Processos Verbais estavam sendo utilizados em artigos científicos e a frequência desses Processos nos textos estudados. Portela (2013) analisou um *corpus* com 161 artigos de secretariado publicados em três revistas distintas. Dessa pesquisa originou-se uma lista com os 10 mais frequentes Processos, dentre eles, o que teve mais ocorrência foi o *dizer* com 516 ocorrências, e o *afirmar* assumiu a quarta posição com 332 amostras. Além do que apresenta

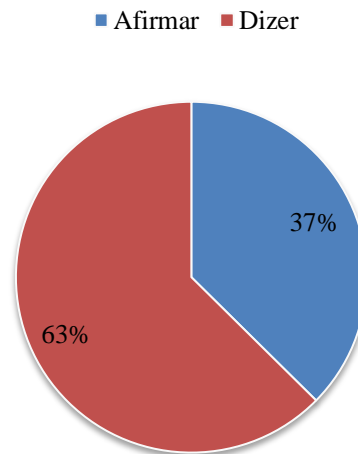
Portela (2013), Vivan (2010) elaborou uma lista com 23 Processos mais frequentes que exercem a função de um Processo Verbal. Ela observou 43 artigos científicos produzidos na área de Linguística Aplicada. Nessa análise, mais uma vez, o Processo *dizer* assume o primeiro lugar com 383 casos e o *afirmar*, desta vez, fica como o sétimo mais utilizado, com 129 ocorrências. É certo que essas duas pesquisas tiveram um *corpus* analítico diferente do nosso, uma vez que observamos a dissertação de mestrado e elas analisaram artigos científicos, entretanto elas servem para mostrar como a presença dos Processos que estamos estudando é recorrente nos gêneros acadêmicos e como o *dizer* é peça fundamental na orquestração de vozes que circulam nesses gêneros.

Veremos que nas dissertações o Processo *dizer* e *afirmar* também cumprem um papel fundamental na construção do texto como um todo. E, para compreendermos o papel que eles desempenham, observaremos os Participantes Dizentes desses dois Processos e os discursos que eles veiculam. Além disso, analisaremos as orações que são modalizadas, refletindo sobre o posicionamento dos autores das dissertações nessas sentenças.

#### **4.1 Componentes Ideacionais: Participantes dos Processos Verbais *dizer* e *afirmar***

As dissertações coletadas nos apresentaram uma soma 516 orações em que o *dizer* e o *afirmar* forma utilizados como Processos Verbais. Nessas orações, como já dissemos, demos prioridade aquelas que estavam contidas no próprio texto dissertativo, dessa forma, preferimos excluir aquelas que se encontravam em anexos ou em outros textos que não pertenciam à própria dissertação. E assim, podemos dizer que estamos trabalhando com dados da língua em uso e que eles nos revelam como esses dois Processos estão presentes nos textos selecionados, mostrando como é o seu uso em textos dessa natureza.

Dessas 516 orações, a maior parte delas compunha o Processo *dizer*, das quais, obtivemos um total de 323 amostras. No que diz respeito ao *afirmar*, esse somou 193 orações. O Gráfico 1 revela a porcentagem desses dados, representando o total de orações constitutivas de nosso *corpus*.

Gráfico 1 – Porcentagem dos Processos *Dizer* e *Afirmar*

Fonte: Penha (2015)

As porcentagens apresentadas nesse gráfico revelam a predominância do *dizer* (63%) em relação ao *afirmar* (37%), revelando uma diferença de 26% entre eles. A predominância de um Processo em relação ao outro nos revela dados distintos e efeitos argumentativos também distintos. É importante apontarmos que o uso de um ou de outro Processo não implica uma sinonímia perfeita, uma vez que, nas amostras aqui observadas, *dizer* é bem diferente de *afirmar*. Cada um desses Processos possui sua própria configuração semântica.

O *dizer*, predominante em nossas amostras, é um Processo relacionado à oralidade. Souza e Mendes (2012, p. 545) afirmam que “a escolha do próprio processo verbal (*dizer*) sinaliza um desejo de materializar ditos oralizados, compreendendo, pois, a oralidade com o peso da tradição que essa possui em nossa cultura: *ele disse, alguém disse, se diz, nós dissemos* – se é assim, então é verdade”. Nossos dados corroboram esta afirmativa, de modo que podemos asseverar que o uso desse Processo nas dissertações analisadas para “... introduzir as definições e argumentações pretendidas é reforço duplamente significativo, porque tem a força da oralidade e a força da escrita que, por sua vez, reverbera essa força da oralidade” (SOUZA; MENDES, 2012, p.545). Vemos, então, que à medida que utilizamos o *dizer* em nossos textos, estamos trazendo algumas características dos textos orais e as atribuindo aos textos escritos, mas também lhes impingindo o peso dessa tradição.

O Processo *afirmar*, por sua vez, é mais característico da escrita e possui uma carga semântica mais acentuada em relação aos ditos, uma vez que o sentido por ele expresso está relacionado a “*asseverar, garantir*”, como apontado pelo Dicionário Gramatical de Verbos

(BORBA, 1990, p. 59), e por isso, seu uso é bastante associado à introdução de vozes de autoridade, uma vez que elas permitem que informações importantes e seguras sejam acrescentadas às dissertações, e às próprias conclusões dos mestrados. Seu uso assegura ao leitor a veracidade de cada dito e de cada exposição realizada.

Desse modo, o Gráfico 1 nos mostra que, nas dissertações de Linguística que compõem nosso *corpus*, a apresentação seja de um dizer externo, seja de algo que esteja sendo apontado por aquele que é o autor da dissertação, eles se aproximam mais das características da oralidade, pelo uso mais intenso do *dizer*, e menos das características da própria escrita, pelo uso mais “contido” do *afirmar*.

Observamos que a distinção entre esses Processos não se dará apenas nesse aspecto, mas, outros aspectos também nos mostram que, mesmo sendo ambos Processos Verbais, o uso de cada um deles revela que eles podem estar mais voltados para a exibição de uma voz de autoridade, como *afirmar*, e outro estar mais presentes em orações que mostram outros tipos de Dizentes. Já em relação à configuração oracional de ambos, também encontramos várias semelhanças entre eles, como na configuração do Dizente que apresentaremos em 4.1.1.

#### **4.1.1 O Participante Dizente**

O participante Dizente é aquele que mostra *quem* ou *o que* está afirmando ou dizendo alguma coisa, é a partir dele que podemos ter acessos as pessoais e as coisas que, de alguma forma, reproduzem algum dito. Nas dissertações, a variedade na configuração do Dizente mostrou que não existe apenas um tipo léxico-gramatical do Dizente nesse texto de natureza acadêmica. Essa variação também se mostrou na variedade de vozes apresentadas.

É certo que num texto dessa natureza nem sempre o dizer será expresso pelos dois Processos que estamos utilizando para realizar as nossas análises. Várias pesquisas, como as supracitadas na Introdução e na Seção 4.1, mostraram que vários outros Processos também possuem essa função de apresentar um dito de algo ou de alguém. Entretanto, podemos entender que a delimitação da pesquisa para apenas esses dois Processos nos permite conhecer de uma maneira mais aprofundada como dois Processos Verbais podem possuir característica distintas e semelhantes, delimitando o modo e a maneira como cada um é utilizado e contribui para a significação global do gênero.

A forma como cada Dizente (P1) foi codificado serviu para entendermos como se dá a orquestração de diferentes vozes no texto dissertativo. Nem sempre encontrávamos dizentes explícitos, muitas das vezes o Dizente foi o próprio mestrando ao lado de vozes de autoridade. É interessante notar que o modo como a dissertação é dividida também influencia na maneira e na quantidade de certos tipos de Dizentes que estão presentes no texto. A própria configuração da fundamentação teórica da dissertação, de suas análises ou até de suas conclusões e introdução serão influenciadoras nos tipos de Dizentes que localizamos. É válido ressaltarmos que não fizemos um levantamento exaustivo, a fim de determinarmos onde cada oração analisada se encontrava, devido a variedade de divisões que encontramos dentro das dissertações que separamos para serem componentes dessa pesquisa, pois nem sempre as dissertações apresentam a mesma estrutura.

É fato que a maioria das dissertações do *corpus* apresentavam bem divididas a introdução, a fundamentação teórica, a metodologia, a análise e a conclusão. Muitas vezes, algumas dessas partes apareciam unidas, como a análise e a teoria, ou a metodologia e a análise. Mesmo assim, sempre que foi possível distinguir dentro das dissertações analisadas, relacionávamos as amostras a cada uma das partes da dissertação.

De forma que não temos uma tabela que descreva a quantidade de orações localizada em cada parte do texto dissertativo aqui estudado, uma vez que nas dissertações em que a divisão entre as partes não estava tão clara ou definida, corríamos o risco de associarmos irregularmente uma oração a uma parte do texto.

Esse trabalho de localização permite nos aproximarmos da própria configuração de cada Processo e deixa-nos entender que nem sempre *o DM* se encontrará nas análises e que uma voz de autoridade, além da fundamentação teórica, também pode estar numa introdução ou nas análises. Dessa forma, sempre que estivermos descrevendo cada tipo de Dizente localizado, faremos uma relação com as partes dos textos onde pudemos localizá-lo.

Os Dizentes foram classificados em quatro categorias. Cada uma dessas categorias representou a forma como esses Dizentes foram apresentados nas orações obtidas das dissertações. Como já apontamos na introdução, nossas pesquisas com os Processos Verbais tiveram seu início com trabalhos anteriores (PENHA, SOUZA, 2010; COSTA, SOUZA, 2013, 2014) que já indicaram essas quatro categorias.

- (i) *DGN*, quando o Dizente está representado por um sintagma nominal: nome próprio, substantivo;
- (ii) *DGP*, quando o Dizente está representado por pronomes explícitos na construção do texto;
- (iii) *DGD*, quando o Dizente está representado pela desinência de pessoa gramatical marcada no verbo;
- (iv) *DSI*, quando o Dizente apresenta, em sua construção, um verbo na 3ª pessoa do singular, acompanhado do pronome *se*. Agrupamos a essa categoria orações subordinadas substantivas subjetivas que possuem como sujeito uma oração subordinada.

Iniciaremos com uma breve exemplificação de cada um desses Dizente, a fim de ilustrar nossa divisão e posteriormente entraremos nos detalhes específicos pertencentes a cada um deles. As duas primeiras amostras, (38) e (39), nos falam do DGN e em ambas os Dizentes se constituem como voz de autoridade.

(38) “De tudo que entra numa obra de construção civil, 28% saem, mais tarde, em forma de entulho e, na agricultura, desperdiçam-se 40% da produção internacional”, **afirma** *Dino Mocsányi*. [93.1]

(39) Como muito bem **diz** *Bakhtin* (1988), é no plano da palavra que vai se realizar o processo de integração da realidade na ideologia que é no próprio modo de expressão que se delinea uma construção social, se informa e se forma a opinião pública. [93.12]

Sobre os Dizentes que se apresentam como GP, as duas amostras (40) e (41), representam cada um dos Processos que estudamos. Veremos que esse tipo de Dizente teve baixa representação em nosso *corpus*.

(40) Entre os entrevistados estava também Francisco Castilho, identificado como porteiro do edifício Minghelli situado na praça onde fora realizado o comício. *Ele afirma* que os seguranças de Collor começaram tudo. [94.3]

- (41) A denúncia é feita de forma dissimulada, através do depoimento da jornalista Belisa Ribeiro. [...] A medida que *ela diz* que foram “eles”, implicitamente *ela* está dizendo “não fomos nós”, de onde se pode concluir que “nós” (no caso do PRN) somos diferentes “deles” (os militantes do PT). [94.24]

O DGD está representado nas duas amostras (42) e (43). Na primeira, tem-se como Dizente o *nós*, representado na configuração do modal *poder*, enquanto, na amostra (43), a desinência indica “o programa do PRN” mencionado anteriormente no texto a que pertence essa amostra.

- (42) E, considerando-se que os discursos só se realizam em textos, *podemos afirmar* que estes últimos são realizações empíricas, onde há o predomínio da estrutura e da forma linguística, e os discursos são constelações enunciativas, onde predomina o sentido. [95.8]

- (43) Recapitulando a análise desenvolvida até então, durante a sua argumentação o programa do PRN defende três teses de acusação. Primeiro, *diz* explicitamente que “o PT fraudou a verdade colocando no ar cenas pela metade...” [94.36]

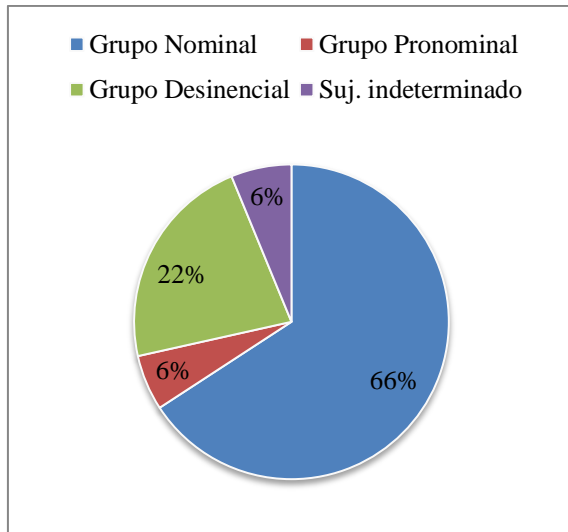
O último tipo selecionado, o DSI, mostra que nem sempre o Dizente mostra de imediato quem diz algo. A partícula *–se* nas amostras (44) e (45) representa essa característica.

- (44) De acordo com o conceito de acesso desenvolvido por Van Dijk (1991, 1994), *pode-se afirmar* que as relações discursivas de dominação estão preferencialmente atreladas ao gênero, e não ao tipo textual. [03.25]

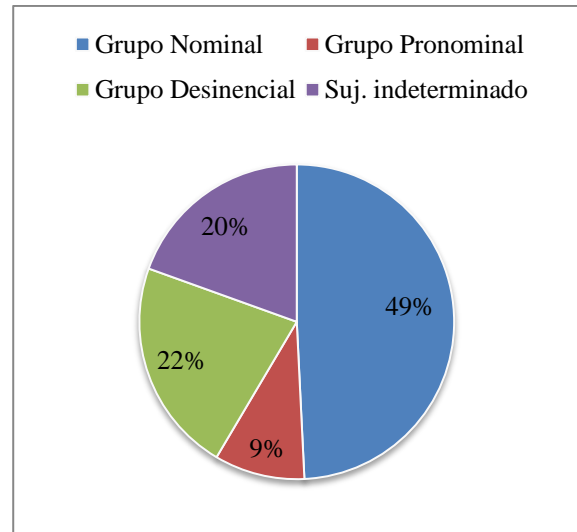
- (45) Ou seja, ainda não *se pode dizer* que a CPMF “vai virar” um imposto permanente apenas pelo fato de ter passado em uma das comissões do Senado Federal. [99.04]

Todos esses Dizentes foram analisados e dispostos nos Gráficos 2 e 3. Eles nos mostraram o percentual de ocorrência de cada um deles em suas relações com os Processos Verbais *dizer* e *afirmar*.



Gráfico 2 – Dizentes no Processo *afirmar*

Fonte: Penha (2015)

Gráfico 3 – Dizentes no Processo *dizer*

Fonte: Penha (2015)

O Gráfico 2 nos mostra a frequência de participação de cada Dizente no Processo *afirmar* e o Gráfico 3 mostra a relação deles com o *dizer*. Cada um dos gráficos apresenta os percentuais de cada tipo de Dizente, em alguns desses percentuais são mais próximos, como é o caso do DGP, em outros a diferença entre eles se mostra acentuada, como no caso do DSI e do DGN, e também encontramos os mesmos percentuais, como no DGD. Essas diferentes quantidades nos mostram que, nas dissertações, os dois Processos possuem algumas distinções e semelhanças entre si, em relação a este elemento.

Observando cada tipo de Dizente, vemos que, em ambos os casos, quem obteve uma maior frequência foi o DGN. Como esse caracteriza a presença de um nome que é o responsável por *afirmar* ou *dizer* algo, vemos que no gênero aqui estudado é fundamental que alguém ou algo afirme ou diga alguma coisa e que o nome de quem está afirmando ou dizendo seja, de alguma forma, explicitado no texto. Muitos desses indivíduos se constituem como voz de autoridade, daí a grande presença de citações e discursos relatados. Alguns desses Dizentes não eram vozes de autoridade, mas eram categorizados como –humano, como um programa ou um princípio, ou serem pessoas que deram entrevistas ou que escreveram alguma coisa.

As amostras (46) e (47) apresentam essas questões, entretanto adentraremos mais profundamente nelas nos tópicos específicos correspondentes a cada Dizente. Na amostra (46), o Dizente é uma pessoa entrevistada e em (47) esse Dizente é “a segunda concepção”.

Sobre os Dizentes que são constituídos como vozes de autoridade, podemos observar as amostras (38) e (39).

(46) Ou seja, *o entrevistado afirmou* que apenas um dos tijolos do universo analisado apresentou resistência de 0,5 megapascal, estando a maioria em tomo de três megapascals... [95.14]

(47) E *a segunda concepção diz* que as diferenças entre fala e escrita existem muito mais em função do gênero e registro do que em função da modalidade da língua. [93.06]

Ainda sobre o DGN, percebemos que ele se dá com maior frequência no Processo *afirmar* em relação ao *dizer*, estabelecendo-se uma diferença de 17% a mais para aquele. Acreditamos que essa diferença se dá pelo fato de que o *afirmar*, diferentemente do *dizer*, como apresentaremos de forma mais detalhada posteriormente, nos dados analisados, pelo seu teor argumentativo mais forte se mostrou mais propício a ter como Dizente vozes de autoridades e como essas são importantes para a construção da dissertação em vários aspectos, percebemos que o seu uso foi superior. No *dizer*, de semântica mais aberta, tem-se abertura a uma maior variedade de vozes por esse Dizente.

Em segundo lugar de ocorrências, em ambos os Processos, está o DGD. Como já havíamos dito, é marcante, nesse tipo de Dizente, a presença da desinência *nós*, configurada no verbo. É nele que está representada grande parte das afirmativas dos autores das dissertações. É a partir desse tipo de Dizente que também temos acesso ao modo como os mestrandos apresentam suas análises, suas explicações sobre a teoria que abordam, entre outros aspectos. É necessário apontarmos que não existe diferença entre o percentual de casos desse Dizente, ambos foram 22%. Isso nos mostra que há um equilíbrio em afirmativas e dizeres que mostram como os mestrandos apresentam seus argumentos e como a desinência verbal é utilizada na identificação do Dizente.

Além desses dois tipos de Dizentes, existem os DSI. Esse Dizente se mostrou mais intensivamente no Processo *dizer*, com 20% das orações selecionas, e com um número um tanto quanto reduzido no Processo *afirmar*, com 6%. Acreditamos que esse dado é fundamental para entendermos que esses dois Processos podem apresentar semelhanças, visto que ambos são Processos Verbais, mas que também apresentam características próprias. A diferença no percentual entre o *dizer* e o *afirmar* é de 14%. Essa marca só foi ultrapassada

pelo DGN que teve uma diferença de 17% entre um Processo e outro. Percebemos, então, que é mais comum, nos casos analisados, encontrarmos orações com *pode-se dizer* que orações com *pode-se afirmar*. Veremos adiante mais profundamente o que significa a variação entre esses dois Processos, no que diz respeito aos SI.

De todos esses Dizentes, o que obteve um menor número foi o DGP. Apesar de uma das funções dos pronomes ser a retomada anafórica, tivemos um número bem reduzido de ocorrências com 9% para o *dizer* e 7% para o *afirmar*, porque quando os autores se mencionam, utilizam mais a forma desinencial.

Além de observarmos o Participante Dizente dentro desses quatro grupos, dividimos o Participante Locução em três categorias, como já foi informado: (i) DD, quando tínhamos a representação completa do dizer do outro sem que esse tenha sido alterado; (ii) DI, quando tínhamos a interpretação do dizer relatado por parte do mestrando; e, por fim, (iii) o DM, quando tínhamos a própria voz do mestrando.

Nas análises que apresentamos a seguir, associamos os Dizentes as suas Locuções, a fim de observarmos como cada tipo de Dizente se configurava em relação a esse Participante e como tal configuração constrói, corrobora e consolida significado em função do propósito comunicativo do gênero dissertação.

#### **4.1.1.1 O Dizente Grupo Nominal (DGN)**

Esse tipo de Dizente, como já vimos, é representado por um Grupo Nominal, tendo, portanto, como núcleo, um nome. Esse fator permite que tenhamos uma variedade de Dizentes nessa categoria, visto que o Grupo Nominal é uma categoria gramatical bastante ampla. Não é a toa que esse Dizente é responsável por mais da metade dos dados da amostra, sendo uma soma de 286 orações. Nos dois Processos Verbais *dizer* e *afirmar*, o GN, codifica a autoria dos discursos de outrem, sendo ela maior, inclusive, que a representação da fala dos mestrandos, nesse recorte de análise.

Nossos dados nos mostraram que esse DGN não apenas se concentra nas fundamentações teóricas das dissertações, mas que possui também um papel importante em outras partes desse texto. Na fundamentação é onde ele pode apresentar-se com uma maior intensidade, entretanto ele pode ser parte fundamental nas análises, visto que dá sustentação ao que é defendido.

Veremos, a partir de então, o papel e as características desse DGN nas dissertações que analisamos. Buscamos apresentar as funções que ele desempenha nos textos observados e, à medida que apresentarmos essas funções, comentaremos como essa função pode ser diferente entre o *dizer* e o *afirmar*, caso haja essa diferença. Por fim, observamos a relação entre esses Processos Verbais e seus Dizentes e desses com DD e DI e DM.

A primeira coisa que chama nossa atenção quanto estamos a analisar os Processos Verbais *dizer* e *afirmar* no DGN é a quantidade significativa de vozes de autoridade. Elas trazem para o texto citações de vários autores sobre o assunto estudado e transferem integridade ao que se apresenta no texto, atuando como subsídio ao que é defendido pelo mestrando. As amostras (48) e (49) ilustram isso:

(48) A noção dialógica que, conforme o autor, perpassa todo discurso está diretamente vinculada a duas categorias linguísticas obrigatórias na construção do diálogo que são o eu e o tu que se identificam, se reconhecem e se alternam nas funções de falante e ouvinte. A respeito dessa relação entre eu e tu, *E. Benveniste*, procurando conceituar subjetividade, **afirma** que “A linguagem só é possível porque cada locutor se apresenta como sujeito, remetendo a ele mesmo como ‘eu’ no seu discurso. Por isso, o ‘eu’ propõe uma outra pessoa, aquela que sendo embora exterior a ‘mim’, torna-se o meu eco ao qual digo ‘tu’ e que me diz tu (1991:286)”. [95.40]

(49) A linguagem não pode ser entendida como simples emissão de sons ou como simples sistema convencional, ao contrario, é criação de sentido e, como tal, dá origem a comunicação. Assim **diz Bakhtin**: “não dissociar o signo das formas concretas da comunicação social (entendendo-se que o signo faz parte de um sistema de comunicação social e que não tem existência fora desse sistema a não ser como objeto físico)” (1999: 44). [02.46]

Nas duas amostras, há um exemplo que mostra como a voz de autoridade é presente nas dissertações. Na amostra (48), o autor da dissertação primeiro comenta sobre a presença do ‘eu’ e do ‘tu’ na construção do discurso e, em seguida, apresenta a afirmação de “Benveniste” em forma de DD que complementa o que está sendo dito. Na amostra (49) com o Processo *dizer*, também há uma explicação do mestrando seguida de argumentos de “Bakhtin” sobre o que está sendo explicado. O dito de “Bakhtin” consolida a explicação dada, conferindo-lhe credibilidade.

As amostras (50) e (51) tem outros tipos de nomes que encontramos compondo esse tipo de Dizente.

(50) No texto 4 (anexo), aparece a preocupação em responder a pergunta feita no terceiro parágrafo. *O aluno afirma* que os meninos trabalhadores estão espalhados por todo o Brasil e os pedintes também: "os meninos de rua é pobre por que a família é pobre e muitos não tivero na escola. (...)". [02.30]

(51) *O programa da FBP* depois de **dizer** que "Collor e sua comitiva fizeram provocações em todos os lugares por onde passaram" generaliza adiante do mesmo texto quando **afirma** "seus métodos são iguais por toda parte". [94.26]

Essas duas amostras apresentam como o autor/mestrando pode dar versatilidade a seu texto, fazendo uso do DGN, assim se permite que não apenas vozes de autoridade digam alguma coisa, mas também que outras pessoas ou coisas tenham seus dizeres exibidos. Enquanto a (50) tem como Dizente "o aluno", a (51) traz "o programa da FBP" que coincidentemente, num mesmo trecho, utiliza os Processos *dizer* e *afirmar*. O primeiro processo relata o que foi dito, o segundo, utilizado depois de uma afirmativa do mestrando, confirma o que é apresentado.

A utilização, nas dissertações de nosso *corpus*, das vozes de autoridade e dos outros tipos de Dizente, como os das amostras (50) e (51), não se deu de igual modo entre os Processos *dizer* e *afirmar*. Verificamos que no *afirmar* a quantidade de ocorrências em que houve o uso dos argumentos de autoridade chegou a 82%, dentre as orações analisadas. Muitos desses Dizentes encontravam-se nas fundamentações teóricas das dissertações. Inclusive, podemos dizer, dentre as orações que pudemos localizar nas fundamentações encontramos apenas duas não se configuravam como voz de autoridade. Isso nos mostra que esse Processo pode transferir, nas dissertações vistas, devido ao seu teor semântico, uma maior segurança sobre a afirmativa feita. Então, podemos asseverar que o Processo *afirmar*, no DGN, é mais enfaticamente utilizado para apresentação dos argumentos de autoridade.

Ainda sobre esse Processo, percebemos que a maioria dos 18% das orações restantes encontrava-se em análises e conclusões das dissertações de linguística que estudamos. Nesses casos, os Dizentes que apareceram, geralmente, tinham seus *ditos* acompanhados de algum tipo de comentário, por parte do mestrando. Dessa forma, aquilo que está sendo apontado pelo

Dizente serve para ser retomado em análises e para comprovar conclusões dos autores das dissertações. Podemos ver isso nas amostras (52) e (53):

(52) Aqui, *o aluno afirma* que a fome e a falta de educação são as causas da marginalidade, respondendo ao questionamento feito no terceiro parágrafo do texto. Ele parece ter consciência de que sem a satisfação de suas necessidades primárias, o homem perde a dignidade e se torna irracional. [02.29]

(53) O texto trabalhado com os alunos não se refere diretamente ao que leva os meninos a estarem nas ruas, mas, no primeiro texto analisado (anexo), *o leitor afirma* que eles estão lutando pela sobrevivência: “os meninos de rua não tem o que comer. Por isso tem que lavar carros. Engraxar sapatos para sobreviver”. O aluno demonstra a compreensão de que no Brasil só os ricos tem direito a moradia própria - um apartamento - ao dizer que “O Japão por exemplos ainda bem que tinha um apartamento só os ricos é que poder ter um apartamento”. [02.1]

A amostra (52), que reproduz a fala de um aluno, argumenta sobre a consciência desse aluno em relação ao tema trabalhado no texto. Na amostra (53), a afirmativa é retirada de um texto “trabalhado com os alunos” que se inicia com o DI e depois é colocado um trecho em DD. O que vemos é que desse texto é feita uma comparação e uma análise com as falas de alunos, verificando-se como os alunos compreenderam e interpretaram o que é dito por esse texto.

Diferente do que vimos sobre o Processo *afirmar* e a sua relação com os tipos de Dizentes do GN, no Processo *Dizer*, além dos argumentos de autoridade, encontramos um maior número de outros tipos de Dizentes. Nesse Processo, tivemos um percentual de 62% de vozes de autoridade e 38% para outras vozes. Percebemos, então, que, nesse Processo, tem-se um maior espaço para a variedade de entes que podem ocupar a posição de Dizente. Um fato interessante que podemos enunciar é que, assim como as vozes de autoridades, esses “outros Dizentes” puderam ser encontrados no decorrer de todo o texto das dissertações de Linguísticas do PPGL-UFPE que foram averiguadas, entretanto a maioria desses Dizentes foram encontrados nas análises.

Podemos entender que o Processo *dizer*, nas dissertações que foram observadas, está mais propício a receber essa variedade de Dizentes pelo fato de esse Processo estar mais relacionado à oralidade e de que um dito pode ter menor força semântica que uma afirmação.

Por isso há uma maior predominância do *afirmar* com as vozes de autoridade e uma diminuição dessas no *dizer*. Em (54) e (55) vão alguns casos com esses “outros Dizente” que foram utilizados nas dissertações, em GN.

(54) O tema escolhido para a 1ª série foi transcrito da Revista Educação, ano 26, nº 227, Março/2000 - *Uma propaganda do MEC que dizia* assim: “O Brasil foi descoberto pelo mar e agora está sendo descoberto pela Educação”, sem mais informações a não ser a imagem das caravelas. A respeito dessa experiência, investiguei, especificamente, as razões da escolha, sendo informada de que os professores que elaboraram a prova apostaram na temática dos “500 anos”, porque “estava na crista da onda” (palavras textuais de um coordenador), portanto se devia aos fatos históricos, atualizados durante as comemorações. [02.36]

(55) O texto 14 explicita claramente a consciência do caráter excludente de nossa sociedade como denuncia Dimenstein, no quarto paragrafo do texto apresentado aos alunos: “Esse circulo vicioso não atinge somente os meninos de rua. Revela uma sociedade que fecha oportunidade a todos, inclusive para você”. *O aluno* capta essa denuncia, **dizendo**: “O menino que procura a rua é por falta de oportunidade para aquelas pessoas que não tem estudo...”. Na sua visão (do aluno), se houvesse oportunidades para todos... [02.62]

Nas amostras (54) e (55), podemos ver como esses dois Dizentes incluem nas dissertações dizeres alheios, reproduzindo algo que tem haver com a forma como a pesquisa se desenvolveu, como é o caso da amostra (54), e como textos são interpretados e analisados, como é na amostra (55). No primeiro caso, percebemos que a proposta do mestrando ao apresentar o dito de “uma propaganda do MEC” é esclarecer a forma como ele foi utilizado e, a partir disso, o mestrando mostra a sua compreensão desse fato. Na amostra (55), o que é mostrado é a forma como um “aluno” entende outro texto. A fala desse “aluno” serve de análise para a dissertação em questão.

Adentraremos agora ainda mais nas questões relacionadas às funções que os DGN desempenham dentro das dissertações de Linguística publicadas pelo PPGL-UFPE entre os anos de 1985 a 2004. Essas funções que destacamos mostram como o Processo Verbal é importante na configuração da própria dissertação. Com ele, é possível que as palavras, que são escritas pelo mestrando em seu texto, sejam complementadas com dizeres e afirmações que não só garantem que aquilo que está sendo dito tem um respaldo teórico, como também,

esses dizeres externos complementam o que vem sendo argumentado. Nas amostras (56) e (57), percebemos como o uso do Processo *dizer* e *afirmar* permite que, através das vozes de autoridade, seja explicado algo que está sendo discutido no texto dissertativo de onde retiramos as amostras e que, com essas colocações feitas pelos Processos, transmita-se uma segurança e confirmação dos argumentos colocados.

(56) Com isso, entendemos que as notícias não são eventos neutros, nem tão pouco a representação objetiva dos eventos, mas, são construtos sociais e culturais que desempenham um importante papel social, político e educacional na constituição da sociedade. Como **afirma** *Caldas-Coulthard* (1997:11), ao serem expostas às notícias, as pessoas fazem conexões e tentam entender e explicar como eventos reportados na mídia se relacionam à sociedade como um todo. [04.07]

(57) Podemos ainda fazer uma paráfrase da linguagem verbal na tentativa de tomar mais claro algo que não foi compreendido anteriormente. Kendon (apud Davis, 1979) e Fischer-Lichte (1995) identificaram esse processo. *Kendon* **diz** que uma pessoa utilizará a linguagem não-verbal acompanhando a verbal para esclarecer uma frase, se na primeira enunciação desse enunciado a linguagem do corpo não foi empregada. [01.03]

Na amostra (56), primeiro começa-se com a explicação de que as notícias não são neutras nem objetivas e que elas “são construtos sociais e culturais”. Essas asseverações são complementadas com as afirmativas de “Caldas-Coulthard”. Em (57), o assunto que é tratado pelo autor da dissertação é o uso da paráfrase na linguagem falada, em seguida as palavras de “Kendon” continuam a expor sobre o mesmo tema. Nesses dois casos, percebemos que, além de uma complementação ao que já está sendo exposto, também existe uma confirmação que mostra que o que vem sendo abordado faz parte de uma conceituação feita pelos autores citados.

Nas dissertações, durante a fundamentação teórica devem ser apresentados conceitos e teorias que servem de abalramento. Ao apresentá-los, os mestrados não só os explicam com as suas próprias palavras, como também conceituam com as falas daqueles que são responsáveis ou, de alguma forma, dominam a teoria em questão. Ao trazer para a dissertação as palavras próprias de quem desenvolveu ou trabalha com o construto teórico escolhido, o mestrando mostra que procurou as devidas fontes para construção de sua fundamentação teórica e que tem consciência de que precisa recorrer a essas fontes para uma boa



apresentação daquela que servirá de fundamento para todo o texto dissertativo. Nas amostras (58) e (59), vemos dois casos em que conceitos que envolvem as respectivas teorias das dissertações foram apresentados.

(58) *A tese central de Bakhtin* (1997), que resume sua posição ante as duas correntes a que se opõe, explicita a sua concepção de língua ao **afirmar**: A verdadeira substância da língua não é constituída por um sistema abstrato de formas linguísticas nem pela enunciação monológica isolada, nem pelo ato psicofisiológico de sua produção, mas pelo fenômeno social da interação verbal, realizada através da enunciação ou das enunciações (grifos do autor). A interação verbal constitui, assim, a realidade fundamental da língua. (Bakhtin, 1997:123). [03.06]

(59) Assim como ocorre com a classificação dos elementos não-verbais, a função exercida pela linguagem não-verbal na conversação tem sido objeto de muitas pesquisas. Apresentaremos aqui alguns tipos de funções estudados por Steinberg (1988), Scherer (1984), Cosnier e Brossard (1984), por exemplo. *Steinberg* (1988) **diz** que os movimentos não-verbais exercem três tipos de funções: a fática, a enfática e a sintática. A primeira é aquela que serve para estabelecer ou manter um contato na interação... [01.10]

A primeira afirmativa (58), feita em DD, tem como tema a concepção baktiniana de linguagem e mostra como esse autor a compreende e define-a. Sabemos que nos trabalhos da área de Linguística uma importante questão é a definição da compreensão de língua que se adota nas análises e na construção do texto como um todo. Aqui percebemos a preocupação do mestrando em deixar isso explícito, mostrando em quem se embasa para a defesa de seus argumentos. Na amostra (59), que dá início ao tópico “As funções da linguagem não-verbal” de uma dissertação publicada no ano de 2001, há a explicação de qual conceituação será adotada com a exposição de quatro autores, e, em seguida, um desses autores tem o seu dizer reportado e nele está contido a explicação de funções exercidas pelos movimentos não verbais. O texto que segue é o detalhamento de cada uma dessas funções.

Além de complementarem e comprovarem o que é dito ou afirmado pelos mestrandos, os DGN podem cumprir a função de, dentre as análises realizadas pelos mestrandos em suas dissertações, ratificar o dito e servir como base e fundamento aos julgamentos que são realizados na construção e interpretação dos dados dessas análises. Vejamos alguns casos desses nas amostras (60) e (61).

(60) Como o foco principal do ensino do latim deve ser o texto, este tem de vir em primeiro lugar. A leitura em sala de aula deve ser frequente, a fim de se tomar um hábito para o aluno, uma vez que a finalidade imediata de estudar latim é ler textos latinos. Contudo, conforme **afirma** Silva (1991:25), a leitura não se configura como um processo passivo. Pelo contrario, ela exige descoberta e recriação, colocando-se como produção e sempre supondo trabalho do sujeito-leitor. Por isso, em vez de ensinar previamente declinações [...], o professor pode começar por leituras intensivas de latim... [02.13]

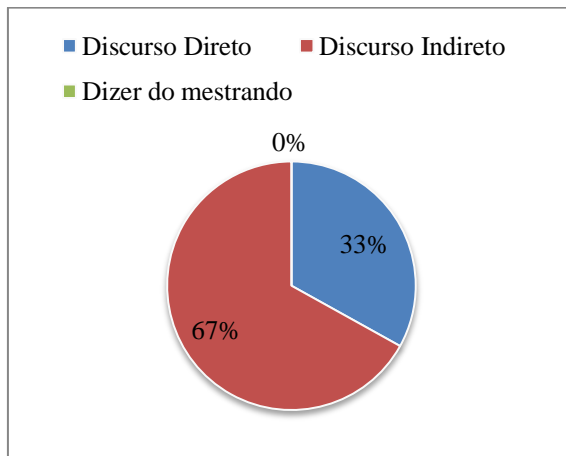
(61) Na análise dos questionários (Anexos 1), observamos uma introdução gradual das novas concepções linguísticas no processo ensino- aprendizagem da língua materna, justificado com o *posicionamento de Cereja* (2002:247) que **diz** existir uma defasagem entre a teoria linguística e a prática docente, oriunda desse “desfile de novos conceitos e terminologias que circulam” na esfera escolar. Isso pode ser sentido nos próprios livros didáticos, os quais, por mais que busquem a... [03.33]

Nas amostras (60) e (61), podemos observar a retomada do que é defendido e apresentado na fundamentação teórica e a sua aplicação nessas análises. Percebemos que essa retomada funciona como confirmação do que é defendido pelo texto dissertativo, de forma que o que já foi apresentado como base teórica é utilizado na aplicação do estudo do objeto de análise. Na amostra (60), o que é afirmado por “Silva” funciona como um argumento defendido, “a leitura em sala de aula deve ser frequente” e deve se dar antes mesmo que o ensino das declinações. O posicionamento do mestrando encontra fundamento no que é defendido por “Silva (1991:25)”. A amostra (61) relaciona, como podemos ver, “o posicionamento de Cereja (2002:247)” com o resultado da “análise dos questionários”. Aqui o dado da pesquisa confirma o que é dito por “Cereja (2002:247)”, mais uma vez, fundamentação teórica e análises se encontram. Nesses pontos, percebemos a importância de Processos Verbais, como o *dizer* e o *afirmar*, na concatenação das ideias encontradas nas dissertações. Através deles, vários dizeres se encontram e relacionam-se, contribuindo para a construção de um todo coerente.

Vista as principais funções desempenhadas pelos DGN nas dissertações de Linguística que constituíram nosso *corpus*, a seguir tem os Gráficos 4 e 5 que nos mostram como a forma de representar quem é que fala é constituída no que diz respeito ao tipo de discurso que eles retratam. A grande presença de citações e de relatos nesse tipo de Dizente,

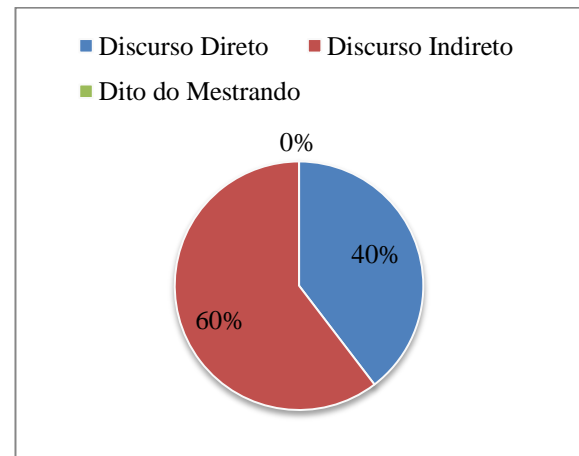
como vimos, foi fundamental, principalmente, no desenvolvimento do construto teórico e na realização das análises. Nem sempre a presença das citações e dos relatos foi feita de forma direta. Entretanto, a maioria deles encontrava-se como DI em ambos os Processos *dizer* e *afirmar*. Ao utilizar esse tipo de discurso, o mestrando opta por trazer a sua própria versão sobre o dito do outro, ou seja, a forma como ele mesmo interpretou a fala do outro. Isso garante a adequação da voz do outro ao que é defendido pelo mestrando e ao que ele pretende mostrar. De forma que um ponto de vista, independentemente da forma que ele tenha sido construído e do tamanho do texto em que foi lido, pode ser apresentado resumidamente em forma de DI pelo mestrando em sua dissertação. A seguir apresentamos os Gráficos 4 e 5:

Gráfico 4 – DGN –  
Processo *afirmar*



Fonte: Penha (2015)

Gráfico 5 – DGN –  
Processo *dizer*



Fonte: Penha (2015)

Muitas das vozes em DI encontradas, em ambos os Processos aqui analisados, foram percebidos como porta de entrada ao ponto de vista do outro, mesmo esse outro sendo um argumento de autoridade ou, como mostramos antes, “outros Dizentes”: aluno que escreveu um texto, um professor que deu uma entrevista, um programa de partido analisado, entre outros. Seguem as amostras (62) e (63):

(62) Kress, (citado por Moore 2002:499), **afirma** que a mídia explica os fatos para o público de modo que “façam sentido”, e o faz por explicações. [04.08]

(63) A concepção clássica sobre a noção de anáfora, em termos de contexto linguístico, **diz** que uma expressão é anafórica quando o seu referente é identificado como uma expressão situada dentro do contexto anterior. [01.24]

As amostras (62) e (63) se utilizam do DI na enunciação do que os mestrados julgam importante expor em seus textos. Diferentemente dos casos com DI, aqueles em que há a representação direta do que foi enunciado por outro, os Discursos Diretos foram encontrados em menor número nas dissertações. Entretanto, pudemos perceber que as diferenças percentuais entre eles não é muito grande. Dessa forma, a escolha de um ou de outro traz diferentes sentidos ao texto, uma vez que o DD permite que tenhamos acesso ao que o autor compreende do texto citado ou ao próprio texto citado, sem alterações, mas “recortado” a partir do interesse de quem o cita, como vemos nas amostras (64) e (65).

(64) **Afirma** Marcuschi (1992a:117) que ela *“se dá na suposição da preservação dos referentes; na manutenção do mesmo nível comunicativo e informacional na cadeia tópica; na produção da conectividade com base em relações lógicas; na preservação da prosódia como identificadora e delimitadora de unidades”*. [95.12]

(65) Bamberger (1986:9) **diz** que ler *“é identificar-se com o apaixonado ou com o místico; é ser um pouco clandestino, abolir o mundo exterior, deportar-se para uma ficção, abrir o parêntese do imaginário”*. [02.13]

As duas amostras (64) e (65), há a representação do que afirmou “Marcuschi” e do que disse “Bamberger”. Em ambas, assim com nas amostras (62) e (63), percebemos que a afirmativa e o dito são introduzidos com a conjunção *que*, responsável por projetar os discursos que a seguem e muito frequente entre as nossas amostras.

Como pudemos notar nos Gráficos 4 e 5, os dois Processos *dizer* e *afirmar* apresentam, praticamente, o mesmo percentual de uso para os DD e DI com a predominância do DI. Possivelmente, isso ocorra devido ao nível de letramento que esses autores já alcançaram e garantam-lhes a possibilidade de utilizarem-se do discurso do outro sem que seja necessária a única utilização do DD, uma vez que, geralmente, precisam conhecer bem as teorias com que trabalham. Mesmo assim, poderíamos associar essa característica ao gênero que estamos atuando, ou seja, o gênero dissertação de mestrado que permite que haja esse tipo de uso com os discursos.

Uma característica, em comum, que encontramos sobre esses dois tipos de Discurso em ambos os Processos foi a presença de uma maior porção textual quando os Discursos eram composto por citações, de argumentos de autoridades, enquanto, quando esses Discursos

relatavam afirmações e dizeres de quem não possuía voz de autoridade, a porção textual era mais reduzida, como as amostras (66), (67), (68) e (69), respectivamente, demonstram.

(66) Como **afirma** van Dijk (1983), *o entendimento real de um discurso noticioso depende não apenas de sua estrutura manifesta, mas também das estratégias de interpretação e representação. Há uma lógica interna no discurso noticioso, mas também há uma lógica externa com a qual a interna tenta afinar-se e que ajuda a determinar o sentido do discurso.* [93.11]

(67) Associando inferências à representação mental, Oell'Isola (1991: 52) **diz** *que a informação processada na mente pode ter sido encontrada explicitamente no texto ou pode ser resultado de inferência, sendo que, de uma maneira ou de outra, ocorrem registros na memória. E são esses registros que formam a representação mental do que foi processado.* Na opinião da autora... [02.06]

(68) A maioria dos velhos [...] **afirmaram** *que já não mais esperavam Julá Paré, pois o tinham como morto.* [95.25]

(69) O programa do PRN baseia-se em apenas quatro dos seis entrevistados da FBP sobre o episódio de Caxias do Sul e **diz** *que o PT só entrevista gente do PT.* [94.29]

Nessas quatro amostras, vemos que, dependendo do Dizente responsável pelo dito, a porção textual que envolve o que está sendo dito ou afirmado pode ser mais extensa ou mais curta. As duas primeiras são orações que podem exigir esses textos maiores devido a sua própria natureza, isto é, ao enunciarmos o que é dito por um determinado autor ou teórico, precisamos deixar seus pensamentos claros e suas afirmativas suficientemente extensas e isso pode exigir texto maiores. Enquanto se o que desejamos exibir são falas necessárias às nossas análises podem ser apresentadas apenas com trechos dessas falas, como é o caso das amostras (68) e (69).

Até então, abordamos como funciona o DGN e seu papel nas dissertações que foram selecionadas para nossos estudos. A transitividade presente nos Processos *dizer* e *afirmar* permite que sejam acrescentadas a essas dissertações diferentes falas que assumiram variadas funções, como a confirmação dos argumentos dos mestrandos, a explicação de pontos importantes dentro das teorias assumidas por cada texto, além de contribuírem com a

construção e com a interpretação dos dados de cada análise. E, como ora observamos, essas falas/essas vozes podem ser apresentadas através dos DD e DI. No tópico seguinte, tratamos dos Dizentes que aparecem em dissertações sob a forma de um pronome, ou seja, de um DGP.

#### 4.1.1.2 O Dizente Grupo Pronominal (DGP)

O DGP, como apresentamos anteriormente, é composto por pronome e, assim sendo, retoma algo ou alguém já afirmado durante a dissertação. Dessa forma, contribui para a coesão do texto como um todo. Esse tipo de Dizente foi o que apresentou menos ocorrências em nossos dados, apenas 28 orações, das 516 que compõem nosso *corpus*, representado um percentual de 5% das orações com os Processos *dizer* e *afirmar*. Dessa representação do dizer, retiramos as orações que possuíam o pronome *nós*, uma vez que consideramos que seria mais adequado juntá-las aos DGD para que fossem analisadas com outras orações que são constituídas de DM.

Um pronome que mais teve participação em ambos os Processos Verbais que estamos estudando foi *ele*. Esse pronome, que também foi utilizado em sua forma feminina e no plural, representa uma das características bastante presente em nossos dados que é o uso da terceira pessoa verbal. Das 28 orações desse Dizente, apenas seis delas não estavam na terceira. E, assim como foi mostrado no DGN, os pronomes serviam para retomar argumentos de autoridades e alguns outros Dizentes. Muitos deles apresentaram as vozes desses Dizentes, sem que seus nomes sejam repetidos, como é o caso das amostras (70) e (71).

(70) *Mikhail Bakhtin*, considerado um dos semiólogos mais importantes da cultura europeia, publicou, em um dos seus diversos ensaios, uma brilhante formulação conceptual que despertou especial interesse em muitos estudiosos. [...] *Ele afirma* que a comunicação só existe na reciprocidade do diálogo, transcendendo a simples transmissão de mensagem. [95.1]

(71) Durante as observações das aulas do P1, constatamos que, como material didático, *o professor* adotava uma apostila confeccionada por ele, a qual continha as declinações, os tempos verbais, com exercício de frases e textos para versão. *Ele dizia* aos alunos que era “muito difícil conseguir materiais para o ensino do latim”. [02.68]

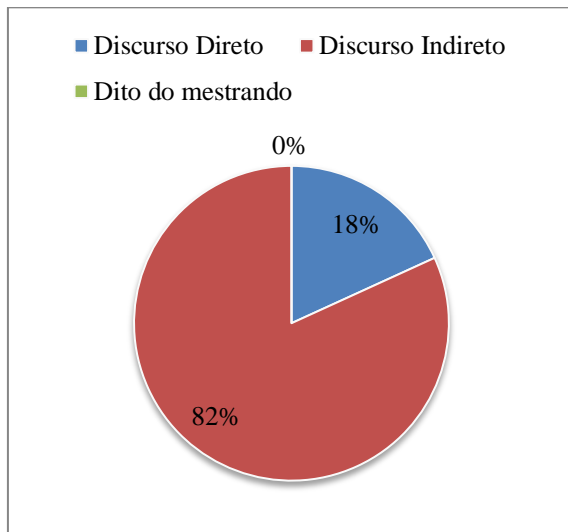
A amostra (70) nos mostra a retomada de vozes como argumentos de autoridade, explicando os pontos de vistas de “Mikhail Bakhtin”. A amostra (71), por sua vez, trazem dizeres do Dizente “o professor” que não representando uma voz de autoridade, no sentido de não ser um estudioso na área. Além dessas orações, encontramos alguns casos, em número bem reduzido, em que ouve o uso de pronomes indefinidos. Vejamos alguns desses casos em (72) e (73).

(72) Apenas 5,5% dos redatores dizem que a verificação decorre da resposta obtida: se ela é adequada, o texto foi compreendido. *Outros afirmam* que o trato administrativo, ou seja, o bom andamento e o cumprimento das determinações serve como verificação da inteligibilidade textual. [85.04]

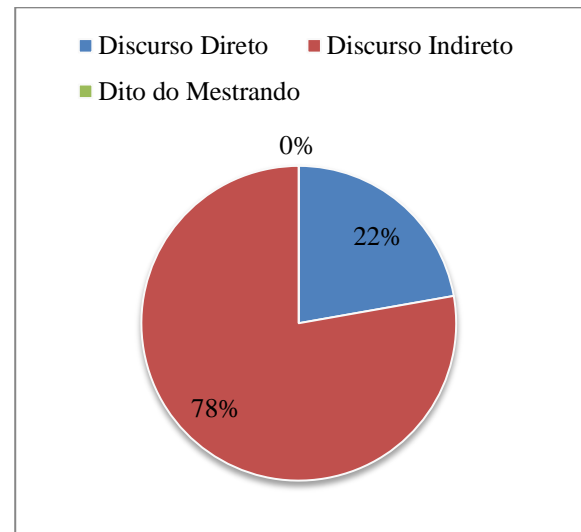
(73) Um aluno disse que, conhecendo o latim, passou a compreender melhor a língua inglesa. Entretanto, doze disseram que o latim não ajuda. Eles argumentaram que o professor não utiliza muitos textos, nem auxilia comparando o latim a outras línguas. *Alguns afirmaram* que não gostam do latim, pois a aula é cansativa, contemplando muitos exercícios de declinação. [02.06]

Nessas duas orações, entendemos que o uso de “outros” e de “alguns” não alteram nem prejudicam a compreensão de quem disse as afirmativas, pois ambos os termos são recuperados na leitura de orações que as antecedem. Eles representam “redatores” e “alunos” que, de acordo com o texto dessas orações, não foram contabilizados; eles são importantes na descrição da pesquisa, entretanto representam um número desconhecido ou que o autor não acha necessário informar.

Nos Gráficos 6 e 7, vemos como o DGP foi utilizado em cada um dos Processos estudados, nos quais podemos ver a frequência dos discursos diretos e indiretos. Percebemos esses diferentes discursos, relacionados com os DGP.

Gráfico 6 – DGP –  
Processo *afirmar*

Fonte: Penha (2015)

Gráfico 7 – DGP –  
Processo *dizer*

Fonte: Penha (2015)

No gráfico 6, que representa os usos relacionados ao Processo *afirmar*, assim como no 7, que mostra como os Discursos foram feitos no *dizer*, vemos que, em larga diferença, quem teve mais destaque foi o DI. Através desse Discurso, o que foi dito ou afirmado por cada Dizente foi exposto com as palavras dos próprios mestrandos, diferente do DI que reproduz a fala do outro de acordo com o que ele afirmou. A predominância do Indireto segue as mesmas características do DGN que apresentamos anteriormente. Entendemos que, mesmo em número reduzido em nosso *corpus*, esse tipo de Dizente mostra que, nas dissertações, sua função é de contribuir com a coesão textual, ao correlacionar partes do texto, retomando os Dizentes ora apresentados.

#### 4.1.1.3 Dizente Grupo Desinencial (DGD)

Conforme já afirmado, dentre os Dizentes de nosso *corpus*, alguns deles são representados através da desinência verbal, ou seja, marcado no próprio Processo, em algum Processo modal ou na locução verbal. E dessa forma, esses retomavam algum Dizente anteriormente informado ou apresentavam os *ditos dos mestrandos*. Dentre essas duas formas, o que nos chamou mais atenção foi a grande presença do DM que, muitas vezes, marcado pelo uso do pronome *nós* na desinência verbal e do pronome *eu*, esse, porém, de forma bem reduzida. Assim, a partir da forma como os enunciados foram construídos, podemos entender como, no gênero dissertação, é possível encontrarmos os posicionamentos daqueles responsáveis pelo desenvolvimento e construção desse texto, isto é, seus autores.



Entendemos que, num gênero que possui, como uma de suas características, a necessidade da apresentação do ponto de vista de seu autor frente aos conteúdos que o compõem, o mestrando de Linguística pode, como foi perceptível nos dados de nosso *corpus*, mostrar seus pensamentos, dentre outras formas, através de orações que com o Processo *afirmar* e *dizer* na primeira pessoa do plural, acompanhadas ou não de Modalidade, e através do uso de SI, como mostraremos na seção 4.1.1.4.

Assim como o DGN, encontramos, distribuídos por toda a dissertação, os DGD. Desse modo, quando esse se encontrava na fundamentação teórica da dissertação ou em alguns trechos em que a teoria era acionada, ele exercia a função de apresentar a maneira pela qual próprio mestrando entendia e descrevia aspectos relacionados a essa teoria. Esses são casos em que podemos perceber como o mestrando acrescenta, aos pressupostos teóricos escolhidos, o seu ponto de vista, o seu modo de explicar pontos importantes e necessários ao entendimento do leitor, como são os casos das amostras (74) e (75).

(74) Em meio a essas preocupações, recorro a um texto de Freitas, a fim de reler algumas informações acerca da “consciência”, como princípio essencial, quando se discute o papel do falante/escrevente. *Quero dizer* que a função da consciência, nesse processo, passa, necessariamente pela questão da ideologia, “se privarmos a consciência do seu conteúdo ideológico, não sobra nada” (Bakhtin,1999:36). [02.44]

(75) Não é nosso objetivo trazer um debate tão específico da cognição para este trabalho, mas entendemos que algumas considerações se mostram interessantes, no sentido de melhor exemplificar as várias influências da mídia no processo de construção dos discursos. Seguindo os postulados de Van Dijk (1986), *podemos afirmar* que o preconceito étnico (tratando-se do seu objeto de estudo, mas que pode ser entendido como preconceito de uma forma geral) requer definição tanto em termos cognitivos, quanto sociais. [03.21]

Nessas amostras, vemos os posicionamentos dos mestrandos que complementam a teoria com os seus próprios comentários introduzidos pelos Processos em análise. Na oração (74), percebemos o quão enfática é a participação do mestrando quando explicita a “função da consciência”, uma vez que ele faz uso da primeira pessoa do singular e do Processo Mental “quero”. Entretanto podemos notar que a sua participação é complementada e assegurada com

uma citação direta de “Bakhtin”. Na oração com o Processo *afirmar*, vemos que antes de realizar sua afirmativa sobre “o preconceito étnico”, o mestrando retoma e apoia-se nos “postulados de Van Dijk (1986)”. Nas duas amostras percebemos a importância da associação do que é dito pelo mestrando com algum ponto teórico que o fundamenta.

Uma outra característica do DGD, que também pudemos identificar nas dissertações de Linguística, corresponde a possibilidade desse Dizente, associado aos Processos *dizer* e *afirmar*, mencionar trechos anteriores das dissertações. Através desses casos, os mestrandos sinalizam que o que está sendo dito no trecho em questão é algo que já foi dito ou mencionado anteriormente. Nesses usos, o mestrando apresenta uma concatenação entre as ideias defendidas na dissertação, uma vez que relaciona partes distintas do texto. Além disso, essa forma também permite que o leitor entenda que a “repetição” feita não é aleatória nem desproposital. Esses são os casos das amostras (76) e (77).

(76) A Folha de S. Paulo (1992) hierarquiza suas fontes de acordo com o grau de confiabilidade e lembra da importância de citar fontes independentes e, de preferência, antagônicas para equilibrar os textos. **Dissemos**, no capítulo 4, que observamos um alto índice de informações coincidentes nos pares de matérias estudados. Isso indica que, aparentemente, muitas reportagens tiveram as mesmas fontes. [99.12]

(77) Explicitando o que **afirmávamos** acima, podemos verificar como com um “síi:”, com a vogal duplicada e estendida, o aluno A-34, em 5-124, parece avaliar positivamente, mas com sinais de vacilação ou dúvida, a produção parecida e contígua, do professor P-I. [95.16]

Nessas duas amostras, também entendemos a importância desse Dizente, uma vez que ele garante que algo que já tenha sido discutido, seja retomado e associado ao texto em questão. Essa retomada, nessas amostras, também é feita com as Circunstâncias de lugar “acima” e “no capítulo 4”. A identificação de onde a informação já foi apresentada pode ser mais específica, como em (76) que mostra em que capítulo encontra-se a informação, ou mais geral, como em (77) com o uso de “acima”. Uma outra característica dessas orações é o uso do passado nos Processos, enquanto a maioria dos nossos dados estavam no presente.

Já vimos que uma das possibilidades de uso dos DGD está na possibilidade dos mestrandos apresentarem *seus ditos* na construção da teoria, entretanto, percebemos que esse

*dito* encontra-se mais enfaticamente nas análises das dissertações que observamos, visto que é nela que os mestrados analisam seus objetos de pesquisa, relacionando-os a teoria adotada. As amostras (78) e (79) nos apresentam esses *ditos*:

(78) É possível alegar que, em ambos os exemplos, os segmentos oracionais antecipados atendem a expectativas estabelecidas pelo processamento da sequência verbal prévia, produzida pelo locutor corrente. Assim, em (4), *podemos dizer* que a ocorrência da oração “porque como eu trabalho de manhã” cria a expectativa de outra, que satisfaça a relação de subordinação assinalada pelos conectivos “porque” e “como”, sendo que esta outra oração deve corresponder à segunda parte de uma relação causa-efeito. [98.06]

(79) De qualquer modo, achamos importante destacar que, apesar de tênue, a diferença existe. Tomando como parâmetro o *corpus* desta investigação, **afirmamos** que a textualização de entrevistas orais em textos jornalísticos pode envolver acréscimos informacional, sintático, lexical, bem como aqueles relacionados mais diretamente a transformação da fala em escrita, i. e., a introdução de marcas da escrita. [95.11]

A dissertação a que pertence à amostra (78) trata, entre outros aspectos, da “antecipação no discurso conversacional” e para isso, nas análises, trata de vários textos orais. O trecho dessa dissertação que expomos aqui se trata da “dissecação” de um desses textos, nesse caso o “(4)”. O *dito* nessa amostra apresenta como no texto “(4)” uma oração “cria a expectativa de outra”, através do ponto de vista do próprio mestrado. Em (79), o que temos destacado é o posicionamento do autor da dissertação, no que concerne “a textualização de entrevistas orais em textos jornalísticos”. Em ambos os casos, o DM é uma ferramenta que permite que na dissertação o mestrado expresse como entende cada componente de suas análises.

Além das análises, também podemos ver que, nas conclusões ou considerações finais, os Processos Verbais também são utilizados. Nesses casos, eles cumprem a função de encerramento da dissertação, como encontramos nas amostras (80) e (81).

- (80) Por fim, interessa-*nos* **dizer** que a proposta de trabalho ora desbocada deve encontrar eco não apenas na formação docente, mas também nas salas de aula do ensino fundamental e do ensino médio, na busca de mais elementos para a formulação de novas perguntas e respostas no intercâmbio da pesquisa acadêmica com o cotidiano da sala de aula, para a formação de professores/pesquisadores. [97.04]
- (81) Com isso, *podemos* **afirmar** que nenhum discurso, nem mesmo o discurso da mídia impressa é neutro ou imparcial, sem um ponto de vista ou livre das impressões avaliativas do autor. Não podemos dissociar, portanto, produção linguístico-discursiva do que isso representa e reflete. [04.01]

Essas duas amostras revelam como os mestrados concluem seus textos e deixam explícito que essas são suas considerações finais quando utilizam como Tema de suas orações as formas *por fim* e *com isso*. Dentro do contexto em que foram retiradas, essas orações sintetizam os argumentos que foram apresentados em toda a dissertação.

Pudemos perceber que durante a exposição de várias amostras do DGD, muitos deles estavam com o modalizador *poder*, como é o caso das amostras (75), (78), e (81), ou com Modalizadores Interpessoais, como as orações (74) e (80). A Modalidade é bastante utilizada quando o mestrado está expondo *seu dito*, como é o caso dessas amostras, uma vez que essa “atenua” o que está sendo informando, permitindo que esses *ditos* também sejam entendidos geralmente como *possibilidades*. As MI também ganham espaço nesse Dizente e permitem que os mestrados recorram a diferentes maneiras de “acrescentar” ao texto sua própria opinião não seja feita de forma direta. Adentraremos mais especificamente a essas questões quando formos tratando das Modalidades num tópico específico.

Voltando especificamente ao DGD, tratamos de casos com *ditos dos mestrados*, ou seja, orações em que o Dizente, mesmos com a primeira pessoa do plural, representa os próprios mestrados, mas, nem todos os casos foram assim, em algumas orações a desinência verbal indicou outros Dizentes, como nas orações que seguem.

- (82) Reiterando seu posicionamento, *Goodman* releva a universalidade da linguagem humana, cuja capacidade consiste no fato de construir-se o pensamento por meio de símbolos. **Diz** que, devido à necessidade humana de comunicar-se,

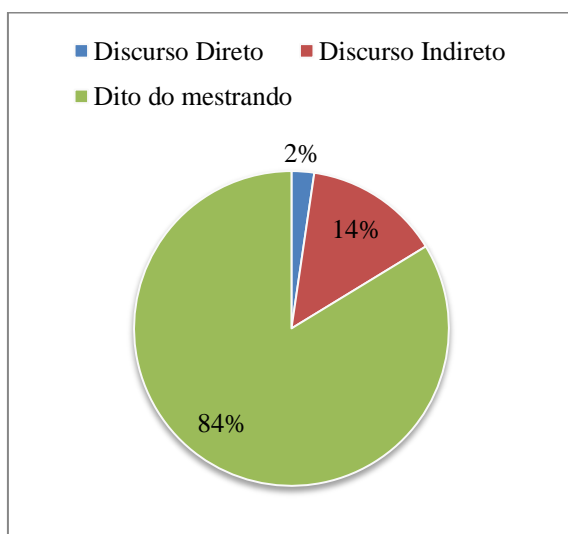
surgiu a complexa comunicação entre os membros da sociedade. Para ele...  
[03.35]

(83) Ao reprisar os depoimentos originalmente divulgados pelo PT, *o programa do PRN* incorre no que havia acusado ser a prática do PT: manipulou as imagens. Ou seja, **afirmou** que o PT só mostrou o depoimento de pessoas ideologicamente ligadas ou afinadas ao Partido e, na verdade, fez isso quando selecionou quatro das seis entrevistas divulgadas pelo PT. [94.01]

Na amostra (82), vemos que o autor da dissertação, em vez de repetir *Goodman*, ao apresentar o que ele mesmo disse, deixa apenas o Processo *dizer* com o sujeito elíptico no início da oração, permitindo que o leitor recupere o Dizente. Da mesma forma, na amostra (83), em que a forma verbal que se encontra o Processo *afirmar* é que recupera o seu Dizente, *o programa do PRN*. Esses dois casos nos mostram que mesmo com a predominância de Dizeres mais “explícitos”, ou seja, o uso dos Desinenciais também é realizado e não impedem que cada Dizente seja recuperado em porções anteriores.

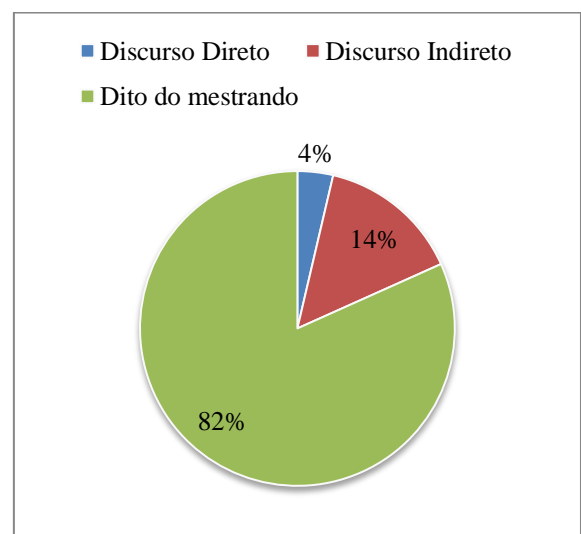
Os Gráficos 8 e 9 nos apresentam o percentual de ocorrência do DGD em relação aos tipos de discursos utilizados nas dissertações de Linguística.

Gráfico 8 – DGD –  
Processo *afirmar*



Fonte: Penha (2015)

Gráfico 9 – DGD –  
Processo *dizer*



Fonte: Penha (2015)

Neles percebemos que as vozes dos mestrados obtiveram maior destaque com mais de 80% das orações, como já pudemos comparar nas amostras que ora foram apresentadas. Mas, como também encontramos vozes dos argumentos de autoridade e de objetos de análise, nesse tipo de Dizente, obtivemos cerca de 20% de ocorrências com DD e DI. É interessante apontarmos que a presença marcante dos *ditos dos mestrados* revela como esse Dizente está propício a apresentar as afirmativas dos autores das dissertações. Em contraponto, vemos que os DD e DI possuem uma representação menor.

Se unirmos os *ditos dos mestrados* aos DI, uma vez que esses ditos também podem ser entendidos com um DI que engloba as afirmativas do autor do texto, percebemos a enfática presença dos DI, nesse tipo de Dizente.

A forma como o DGD esteve atuando nas dissertações de Linguística, permitiu-nos entender que sua principal função é mostrar os posicionamentos de cada mestrado em diversas áreas da dissertação. Esses posicionamentos, muitas vezes, são acompanhados de modais como o *poder* ou de MI. Entretanto, o DGD ainda pode ser associado a outros tipos de Dizentes que não o próprio mestrado e também relacionar trechos das dissertações com algumas retomadas. Em 4.1.1.4, continuaremos tratando dos *ditos dos mestrados* com os DSI.

#### **4.1.1.4 O Dizente Sujeito Indeterminado (DSI)**

Nesse tipo de Dizente, estão encapsuladas todas as orações na terceira pessoa do singular acoplada com a partícula apassivadora *-se*. Esse tipo de construção, geralmente, é uma forma de indicar objetividade, distanciamento, uma vez que se fala na terceira pessoa. Nas dissertações estudadas, esses Dizentes foram bastante utilizados quando a própria voz do mestrado precisava ser enunciada no texto e somaram 75 orações, representando, 15% das 516 orações do nosso *corpus*. Observamos que uma forte característica dessas construções é que elas, muitas vezes, vêm acompanhadas de Modalizadores, assim não foram raros os casos com *pode-se afirmar*, *pode-se dizer*, entre outros.

Retomando os Gráficos 2 e 3, vimos que houve uma grande diferença entre a quantidade de orações, nesse Dizente, com os Processos *dizer* e *afirmar*. Enquanto o primeiro Processo registrou um percentual de 20% das amostras coletadas, o segundo ficou com uma marca de 6%, mostrando que a partícula apassivadora *-se* é bem mais utilizada com o *dizer* que com o *afirmar*. Decorrente, provavelmente, desse percentual as amostras coletadas com o

Processo *afirmar* concentraram-se nas fundamentações teóricas e menos nas análises das dissertações, uma vez que são bem reduzidas, enquanto os casos registrados com o *dizer* foram localizados em outras partes desses textos, porém, com predominância, nas análises.

Iniciamos a apresentação das funções representadas pelos Dizente nos Processos nas dissertações com as amostras (84) e (85) colhidas da mesma dissertação, expostas na fundamentação teórica, no tópico “A Teoria Interacional da Entoação - Brazil (1978e 1985)”.

(84) *Pode-se afirmar* que a Teoria Interacional da Entoação (Brazil, 1978 e 1985) somou à preocupação pedagógica da criação de situações comunicativas em que os alunos possam usar a língua conscientes da adequação da forma ou formas de seu repertório a tais situações, a preocupação Linguística do estudo da interferência do tom em cada situação específica. [93.21]

(85) Para Brazil, retomar o estudo nesse ponto com o auxílio dos aparelhos já existentes que asseguram a cientificidade do método, é prosseguir no caminho traçado por Saussure. [...] Nessa perspectiva, *pode-se dizer* que Brazil está investindo numa investigação sobre a LANGAGE de Saussure, montando um aparato teórico que fornece um sistema de atribuição de valores comunicativos à entoação, aplicável a qualquer porção de linguagem. [93.32]

Depois de explicar que a “Teoria Interacional da Entoação”, complementa e integra os conhecimentos da “Ciência Linguística à Metodologia do Ensino de Língua”, o mestrando afirma a forma como essa teoria facilitou “a criação de situações comunicativas em que os alunos possam usar a língua conscientes”. Depois de alguns parágrafos, a dissertação aborda a forma como “Brazil” se utiliza da “LANGAGE de Saussure”. Nesses dois momentos, vemos que o *pode-se* é utilizado antes dos Processos Verbais, ou seja, modalizando suas vozes. A forma como o modal é utilizado permite que o autor da dissertação resguarde suas afirmativas sobre a teoria que descreve, protegendo-as.

Nesse tipo de Dizente, a exposição do DM encontra-se fundamentada em algum ponto da própria dissertação. Os ditos e as afirmativas encontradas nos textos de Linguística encontravam apoio em informações exibidas anteriormente, casos como esses podem ser vistos nas amostras (86) e (87).

(86) Como vemos nas respostas acima, 10 alunos afirmaram que o professor não centra o ensino de latim no trabalho com texto e disseram que ele utiliza pequenas frases. Pelo que observamos em sala de aula, o P1 ensina de forma descontextualizada, privilegiando a gramática formal. Às vezes faz uso de uma série de frases, como se fosse um texto, o que para nós (e talvez para os alunos que responderam “não” a pergunta) não passa de frases sem vínculo umas com as outras. Desse modo, já *se pode afirmar* que as modernas perspectivas de ensino instrumental de uma língua não integram o trabalho que o P1 realiza em sala de aula. [02.03]

(87) Aparentemente, podemos pensar que, por 12jn não modalizar a informação sobre a transformação da CPMF (M2), este dado é certo e seguro. Entretanto, a modalização vem somente em M20 (Se passar ...). Ou seja, ainda não *se pode dizer* que a CPMF “vai virar” um imposto permanente apenas pelo fato de ter passado em uma das comissões do Senado Federal. [99.04]

Esses dois casos nos mostram como o DM é importante para o desenvolvimento das análises que estão sendo feitas. Em ambas as amostras, percebemos que antes do *dito*, os mestrados apresentam algum dado de suas análises, de modo que o que há de ser informado com os Processos Verbais ganhe sentido, ou seja, na amostra (86), inicialmente o mestrado descreve a metodologia adotada pelo professor, descrevendo que ele “ensina de forma descontextualizada, privilegiando a gramática formal”, para depois afirmar que “as modernas perspectivas de ensino instrumental de uma língua não integram o trabalho que o P1 realiza em sala de aula”. A mesma coisa acontece com a amostra (87). Primeiro o mestrado expõe ao leitor em que momento se realiza a modalização do texto, “a modalização vem somente em M20 (Se passar ...)”, para que possa dizer que “a CPMF ‘vai virar’ um imposto permanente apenas pelo fato de ter passado em uma das comissões do Senado Federal” não deve ser visto como um fato certo. Dessa forma, tanto as afirmativas quanto os ditos dos mestrados antes de serem expostos, precisam ser contextualizados com um texto introdutor que os fundamentem. Essa atitude de “proteger” o que é dito com a exposição de algumas informações pode ser compreendida como uma maneira que o autor encontrou para fazer com que o que ele mesmo diz seja algo não feito de forma aleatória, mas, pelo contrário, encontra fundamento em pressupostos e pontos importantes da discussão feita durante a dissertação.

Nesse Dizente, continuando com as orações que dizem sobre as análises dos mestrados, percebemos que muitas delas, através da partícula –se informam o que cada



mestrando compreende de suas amostras, mas sem que haja uma “exposição direta” de sua pessoa, ou seja, o uso da terceira pessoa, juntamente com o –se, garante um certo afastamento de que diz ou afirma alguma coisa. Esse comportamento não pode ser compreendido da mesma forma em relação às amostras dos DGD que ora apresentamos, uma vez que muitos deles encontravam-se na primeira pessoa do plural, o que gera uma maior aproximação entre o leitor e o escritor de cada dissertação, além de um maior envolvimento do próprio autor da dissertação com o seu texto.

As amostras (88) e (89) nos mostram as reflexões dos mestrando sobre os seus dados.

(88) Somando-se o conhecimento da existência do plano do texto em que a palavra “hilarious” deveria ser negociado, aqueles marcos organizacionais de fechamento *pode-se*, então, **afirmar** ser esse exemplo (nove) como um ilustrativo do INÍCIO NARRATIVO a que foi proposto. A intenção do professor era “trabalhar” esse item lexical. [93.18]

(89) Podemos respondê-la tomando como base as prioridades que são tradicionalmente colocadas para o julgamento da redação escolar: correção e boas ideias, não importando a forma linguística através da qual se veicula a mensagem. Nesse processo artificial e alienante, *poder-se-ia* chegar ao extremo de **dizer** que não há necessidade de estratégia comunicacional. Os estudantes escrevem para pessoas experientes - os professores que avaliam a mensagem, mas os leitores não a usam, não precisam dela para dar uma resposta, para agirem. [85.05]

Essas duas amostras nos apresentam de formas distintas a maneira como cada mestrando interpretou os seus dados. Na primeira (88), vemos que o que se encontra em questão é a interpretação que é feita do “exemplo (nove)”, visto que ele ilustra o que é exposto na dissertação, ou seja, ele representa o “início narrativo”. Na amostra (89), o mestrando questiona a forma como são produzidas e corrigidas as redações escolares. O que é dito pelo mestrando, não só é uma análise desses dois processos, mas uma crítica ao modo como as redações são conduzidas, de forma que “não há necessidade de estratégia comunicacional”, uma vez que “os estudantes escrevem para pessoas experientes - os professores que avaliam a mensagem, mas os leitores não a usam”. Nesses dois casos, os

mestrandos se posicionam sobre os seus dados e para isso também se valem do modal *poder*, além disso, argumentam tendo como base o que esses dados revelam.

Como todas as orações que foram classificadas como SI mostram o DM, não exporemos um gráfico com a divisão das Locuções. Esse Dizente, como vimos, foi muito representativo da forma como o mestrando se posiciona no seu texto. Esse mestrando mostrou, que antes que suas afirmativas sejam feitas, elas precisam ser contextualizadas para que essas afirmativas ganhem fundamentos. Uma outra marca desse Dizente é que os mestrandos também a utilizam durante a escrita das fundamentações teóricas.

Sintetizando nossa análise, podemos afirmar que cada um dos Dizentes que encontramos nas dissertações de Linguística do PPGL-UFPE contribui para a construção de todo o texto. Muitos deles são os argumentos de autoridades que balizam a dissertação, outro são parte de seus dados ou de seus objetos de pesquisa. Outra parte representou os próprios mestrandos, suas ideias, argumentos, interpretações, críticas foram apresentados aos leitores através dos Processos *dizer* e *afirmar*, juntos enriquecem a argumentação, no que diz respeito ao fenômeno investigado.

#### **4.2 Componentes Interpessoais: a Modalidade nos Processos Verbais *dizer* e *afirmar***

Nas amostras recolhidas das dissertações para a constituição de nosso *corpus*, percebemos que muitas delas não acrescentavam diretamente a voz do outro na dissertação com o Processo *dizer* ou *afirmar*, pelo contrário, algumas orações modalizavam o uso desses dois Processos. Por isso, dedicaremos esse espaço para compreender como o uso da Modalidade nas dissertações de Linguística se constitui e qual a função que ela desempenha nesses textos.

Na classificação da Modalidade, seguimos o que foi proposto por Halliday e Matthiessen (2004). Assim, as ocorrências foram subdivididos em Modalização e Modulação, que, por sua vez, foram subdivididas entre Probabilidade e Frequência, para a Modalização; e Obrigação e Inclinação, para a Modulação. Dessa forma, além de distinguirmos quais os Processos recebiam Modalizações e quais não utilizavam esse recurso, identificamos os Processos modalizados em cada uma de suas categorias, para observar que efeito de significado pode derivar destas escolhas.

A Modalidade, de acordo com as definições de Halliday e Matthiessen (2004), é o meio pelo qual podemos nos expressar sem fazer com que nossa atuação se localize nas categorias estanques do sim e do não. Pelo contrário, podemos estabelecer nossas comunicações entre esses dois polos, atuando no nível do possível, do provável, do permitido. É o que acontece com muitas das orações com os Processos *dizer* e *afirmar*. Nelas, em vez de simplesmente se dizer ou se afirmar algo, os mestrandos recorrem ao recurso da Modalidade quando apresentam seus ditos e afirmações.

Essa atitude confirma o que foi dito por Hoffnagel (2010, p. 219): “o discurso científico é bastante modalizado, especialmente quando o autor não deseja incorrer em afirmações absolutas. Trata-se, talvez, de uma cautela metodológica”. Nesse sentido, a maioria das Modalidades que analisamos nas orações pode ser classificada como Modalização, uma vez que atuam sobre verdades ditas, ou seja, sobre as proposições assumidas por cada mestrando. Nessas orações, o modal mais utilizado foi o *poder*, prototípico dessa categoria, seja na terceira pessoa do singular – pode-se, seja na primeira pessoal do plural – podemos.

O que nos chamou atenção no uso da Modalidade nessas dissertações foi o fato de que os mestrandos, antes de utilizarem o *pode-se dizer* ou o *podemos afirmar* e suas variações, recorriam a uma retomada do algo que foi antes informado que tanto podem ser um conceito defendido, quanto à dissertação como um todo ou até mesmo a apresentação de um tema ou assunto, como veremos nas amostras (90) a (93).

(90) *Por isso numa perspectiva sociointeracionista, poder-se **afirmar** que a leitura favorece a apropriação de enunciados dos outros para que o enunciado de cada um torne-se um elo da cadeia de enunciados de que se constitui a linguagem verbal. [03.24]*

(91) *Quanto ao conteúdo temático da dissertação, podemos **afirmar** que o mesmo reúne todas as peculiaridades de um gênero de base tipológica argumentativa, no seu aspecto discursivo, contudo, para que esse aspecto seja desenvolvido são necessários mecanismos psicológicos e cognitivos. [03.18]*

(92) *Resumindo*, pode-se **dizer** que é a incidência de proeminência que fixa o domínio das três variáveis propostas no modelo: a base (Key), a terminação (termination) e o tom (tone). Cada uma dessas variáveis é um sistema que contribui para o valor comunicativo da unidade de tom. [93.29]

(93) Assim, o texto científico tem cânones que não coincidem com os do texto jornalístico de divulgação científica. Da mesma forma, há diferenças entre a entrevista concedida pelo cientista e seu próprio texto escrito. *Seguindo esse raciocínio*, podemos **dizer** que a entrevista realizada com pesquisadores é o ponto intermediário entre o texto científico e o jornalístico. [95.08]

Nessas amostras, podemos notar diferentes Temas que antecedem a presença do modal *poder* junto com os Processos *dizer* e *afirmar*. Em (90), vemos que o mestrando se posiciona sobre o ponto de vista sobre o qual a sua afirmativa é construída, ou seja, sobre a “*perspectiva sociointeracionista*”. Num trabalho de natureza acadêmica, isso é muito importante, uma vez que direciona e restringe o olhar do leitor ao fundamento assumido pelo mestrando. Em (91), encontra-se na conclusão da dissertação e como tal sintetiza o texto, retomando um ponto importante nesse gênero: o “conteúdo temático”. Dessa forma, antes mesmo que a afirmativa seja feita, o leitor é informado sobre o conteúdo que ela abordará. Em (92), o Tema escolhido para introduzir a oração é o responsável por correlacionar o que “pode-se ser dito” com o que vinha sendo informado no texto. O seu papel nessa oração é o de finalizar o texto e dessa forma o que vem a ser dito encontra amparo em várias informações anteriormente feitas. Por fim, a amostra (93) tem função semelhante à (92), uma vez que ambas fazem uso de um Tema que “retoma” as discussões feitas e unem-nas às afirmativas. Nessa, entretanto, vemos que a expressão “*Seguindo esse raciocínio*” informa, antecipadamente, o conteúdo a ser dito, ao mesmo tempo que ratifica o que já vem sendo apresentado.

Vemos também, nessas quatro amostras, a presença do modal *poder* que acompanha os *ditos dos mestrandos*. Uma vez que os Temas que introduzem cada uma dessas amostras, eles já direcionam a interpretação do leitor e protegem o escritor, à medida que informa um posicionamento do mestrando frente ao que vai ser dito, a modalização que segue potencializa a proteção já iniciada. O modal *poder*, nessas amostras, ocupa, dentro da classificação de Halliday e Matthiessen (2004), a posição de Modalização e de Probabilidade, uma vez que

atua dentro do campo do possível e mostra o posicionamento do mestrando em cada trecho da dissertação.

Tendo a dissertação de mestrado como foco, conforme já observado em outras passagens dessa dissertação, a defesa de uma proposta, uma ideia, uma tese, algum argumento, no decorrer desse gênero, é possível percebermos que as vozes dos próprios mestrandos, quando se pronunciam argumentando a seu favor, vão ocorrer em diferentes momentos no gênero. Podemos localizá-las na fundamentação teórica, momento no qual o autor resenha a teoria desenvolvida por estudiosos de renome, que se constituem vozes de autoridade e a partir delas constrói argumentos, como demonstrado nas amostras (90), (92) e (93). Nessas amostras, os mestrandos ora comentam sobre “a leitura”, como em (90), ora desenvolvem as “três variáveis propostas no modelo”, como em (92), ora correlacionam “o texto científico e o jornalístico”, como em (93), e na construção desses conceitos o uso da Modalização protege a forma como o mestrando constrói cada tópico.

As ocorrências modalizadas se localizam distribuídas nas seções do trabalho, em que são encontrados casos de construção/apresentação de um dizer/dito. A amostra (91) foi feita durante a conclusão da dissertação e as amostras (94), (95) e (96) realizaram-se em momentos distintos. A amostra (94) demonstra as análises do mestrando sobre a carta do leitor e, além da modalização, apoia-se nas “considerações de Melo (1999)”. Em (95), a afirmativa localiza-se na introdução e mostra o posicionamento do mestrando quanto à concepção de “discurso” assumida. E, em (96) descreve etapas da pesquisa, uma vez que corresponde à metodologia.

(94) Ainda seguindo as considerações de Melo (1999), podemos **afirmar** que a carta do leitor representa um posicionamento público do sujeito (os leitores), uma forma de ação linguística das pessoas que, geralmente, não têm acesso ao discurso da imprensa. [03.14]

(95) Assim, podemos **afirmar** que os discursos se organizam em atos comunicativos tipificados, como lembra Miller (1984), e que estes são legitimados em sociedade a partir das relações sociais dos seus usuários. [03.19]

(96) Levando em conta as tentativas de antecipação observadas no corpus, inclusive as malsucedidas, podemos **dizer** que identificamos três padrões entoacionais básicos nos segmentos sugeridos. [98.13]

O modal *poder* em (91) modaliza o que é afirmado sobre “o conteúdo temático da dissertação” que, na conclusão, informa o que esse conteúdo representou na dissertação. Com essas orações, verificamos que o uso da Modalização não se restringe a um único momento da dissertação, mas que se distribui por toda ela, permitindo que os posicionamentos assumidos pelos mestrandos sejam resguardados e seus *ditos* atenuados. Refletindo esse pensamento, as dissertações, aqui analisadas, apresentam, como proteção de seus argumentos, modalizadores, mesmo quando esses argumentos são baseados em teorias estudadas ou resultados de análises. E, dessa forma, os Modalizadores atuam resguardando a face dos mestrandos frente as suas próprias afirmativas.

As Modalidades, como compreendidas por Halliday e Matthiessen (2004), encontram-se no eixo da Metafunção Interpessoal da linguagem. Isso permite ou possibilita que, de acordo com a interação em que os falantes então envolvidos, eles possam utilizar Modalizações ou Modulações. O gênero textual que permeia, ou, melhor dizendo, constitui a interação, pode ser um dos aspectos importantes na definição do uso de cada uma dessas Modalidades, assim como o contexto em que ela se localiza. Nas dissertações, foi predominante o uso das Modalizações, realizadas através do modal *poder*, refletindo-se nas afirmações enunciadas.

Dentre todas as formas de Modalidade encontradas nas dissertações de Linguística, a que mais teve uso dos escritores foi o verbo modal *poder*, indicando Probabilidade. Esses casos já foram discutidos com as amostras já apresentadas e, através delas, percebemos como o uso desse modal pode ocorrer em momentos distintos do texto. Acreditamos que a grande ocorrência do *poder* está relacionada ao fato de que, no gênero textual que estamos trabalhando, é comum que os seus autores escrevam sobre alguma fundamentação teórica, sobre o modo como se desenvolveu a dissertação, sobre as suas análises, entre outros aspectos. O modo como o mestrando se posiciona nesses momentos permite que seus pontos de vistas sejam apresentados e, para tal, o apoio do *poder* possibilita que esses apontamentos se situem entre os níveis de possibilidade. Acreditamos que estando classificado como Probabilidade, o modal não transmite insegurança ao leitor do texto, nem transpassa o sentido de que a informação dita seja duvidosa, pelo contrário, ele aponta para o fato de que as dissertações de Linguísticas são estudos sobre línguas e, como tal, não são exatos e apresentam apenas tendências ou dados relativos a amostras específicas.

Estendendo nossas análises para além do modal *poder*, encontramos diversas ocorrências de MI que garantiam que as informações expressas pelos mestrados fossem feitas sob diferentes modalizações. Dentre essas, encontramos casos de Modulações, em suas duas categorias, Obrigação e Inclinação, e de Modalização apenas na subcategoria de Probabilidade, sem ocorrências de Frequência. Cada uma dessas subcategorias expressa à intenção do escritor sobre o que há de ser dito ou afirmado. Veremos alguns desses casos, em (97) a (99):

(97) A partir dessas considerações, podemos identificar mais claramente o ponto central da teoria social do discurso defendida por de Fairclough (2001). *É possível*, por exemplo, **afirmar** que as práticas discursivas são constitutivas a partir de processos convencionais e criativos, ou seja, reforçam a formação da sociedade tal qual está estabelecida, como também contribui para transformá-la. [03.10]

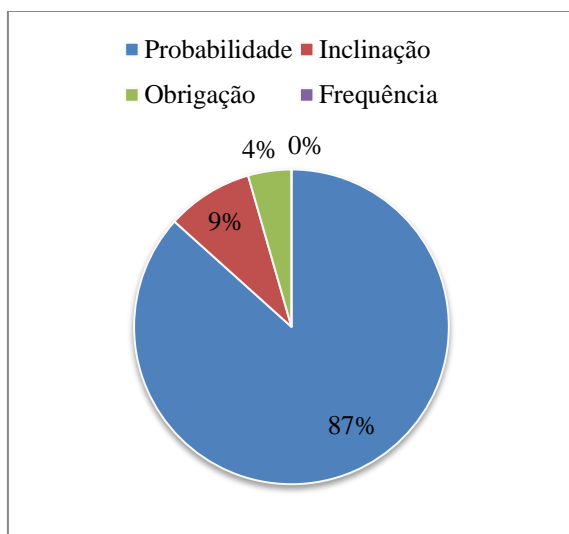
(98) No capítulo de apresentação da estrutura da fala do professor (cap.03), foi dito também que outros recursos são utilizados para fechar o negócio. A identificação desses recursos com atenção a sistematização tonal, *permite dizer-se* que há um enriquecimento funcional também dos elementos representantes dessa classe definida como MOLDURA DE FECHAMENTO. [93.36]

(99) Com isto *queremos dizer* que a profissão, a idade, assim como os demais elementos são categorias importantes e naturalizadas na construção de identidades sociais dos atores, refletidas na produção das notícias e reportagens. Contudo, apesar de vítimas e criminosos serem nomeados e categorizados, basicamente do mesmo modo, algumas dessas categorias trazem um efeito de sentido diferente se atribuídas a um ou ao outro. [04.02]

Classificamos a primeira amostra como Probabilidade, uma vez que essa modaliza o que está sendo afirmado com a expressão “é possível”. Nesse caso, a “possibilidade” expressa recai sobre uma explicação de um ponto da teoria “defendida por de Fairclough” (2001). No caso de (98), entendemos que a utilização do Processo “permitir” antes do *dizer* pode ser classificada como obrigação, uma vez que transmite uma ideia de permissão, decorrente da “identificação desses recursos com atenção a sistematização tonal”. Por fim, em (99) a “disposição” em querer dizer algo, fez-nos entender essa oração como uma Inclinação.

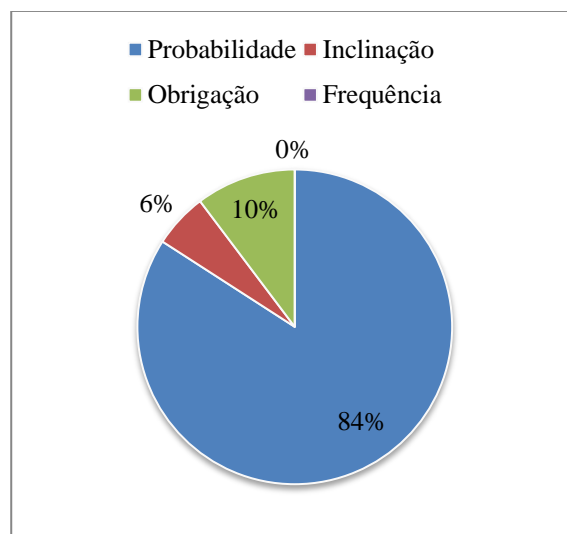
Halliday e Matthiessen (2004) dizem que os falantes possuem diversas formas de expressarem suas opiniões ou de dissimularem o fato de estarem expressando suas opiniões. Em nossas amostras não foi diferente, encontramos várias maneiras de os mestrandos modalizarem *seus ditos*, sem o uso do *poder*. Além das contidas nas amostras (97), (98) e (99), encontramos os seguintes casos: *é preciso afirmar/que se diga*, *é admissível afirmar*, *não seria/sendo exagero afirmar*, *permite afirmar*, *isto nos leva a afirmar*, *é possível dizer*, *é lícito dizer*, *é conveniente dizer*, *é necessário/ torna-se necessário dizer*, *é importante dizer*, *não será redundante dizer*, *parece óbvio dizer*, *parece correto dizer*, *parece-nos oportuno dizer*, *procede dizer*, *cabe dizer*, *quero dizer*, *interessa-nos dizer*. Muitos desses casos registraram uma ou duas ocorrências e deles, juntamente com os casos com o verbo modal *poder*, resultaram os Gráficos (10) e (11):

Gráfico 10 – Modalidades - Processo *afirmar*



Fonte: Penha (2015)

Gráfico 11 – Modalidades - Processo *dizer*



Fonte: Penha (2015)

Os Gráficos 10 e 11 nos apresentam o percentual de Modalidade em cada um dos Processos estudados. Antes de comentarmos sobre os percentuais desses dois Gráficos, gostaríamos de apontar que tanto *dizer* quanto *afirmar* apresentaram quantidades significativas de modalidade entre as suas orações. O Processo *dizer* teve um percentual de 33% orações modalizadas, ou seja, das 323 orações com esse Processo em nosso *corpus*, 107 possuíam Modalizações. O Processo *afirmar*, por sua vez, apresentou um percentual menor,



23%, dessa forma, 45 orações, de um total de 193, estavam modalizadas. Somando as orações com os dois Processos, chegamos a um total de 516 amostras. Dessas, 364 estavam sem Modalização e 152 modalizadas, representando um percentual de 29% de orações modalizadas.

Vemos que em ambos a predominância das ocorrências ocorre com orações que apresentam modalizadores que indicam Probabilidade, e, como já discutimos, isso se dá em grande parte pelo uso do *poder*. Em relação às categorias da Modulação, vemos que poucos casos foram registrados, e, dessa forma, há um total de 10% de orações que indicam Obrigação, com o Processo *dizer*, e 4% com o *afirmar* e 9% das amostras do Processo *dizer* foram responsáveis pelos casos de Inclinação e apenas 6% com o *dizer*.

A partir dessa característica, a predominância da Modalização em detrimento da Modulação, podemos dizer que o contexto em que se dá uma interação, os papéis assumidos pelos interactantes e ainda o meio pelo qual se dá a interação são responsáveis pela forma como essa interação se desenvolverá. Na dissertação de mestrado, um texto predominantemente argumentativo que circula no universo acadêmico, é fundamental que pontos de vistas sejam defendidos, todavia eles precisam ser negociados, já que é importante que não sejam mostrados como verdades absolutas. Nessa negociação, entram as Modalizações, apresentando os argumentos como probabilidades e menos Modulações.

Entretanto, o uso das Modulações revelou que, quando apresentam *seus ditos* e refletem sobre eles, os mestrados, numa interação com o leitor, entendem que algumas informações precisam ser repassadas. À medida que constroem e desenvolvem seus argumentos, os mestrados evidenciam, com os casos de Modulação, que alguns pontos necessitam ser *ditos*. Em outros casos, o que fica evidenciado no texto é o desejo do mestrado de dizer ou afirmar sobre algum determinado conteúdo, representado as orações com Inclinações.

Percebemos, então, que os Processos Verbais *dizer* e *afirmar*, juntamente com a Modalização e a Modulação representam um importante papel na construção das dissertações de Linguística, uma vez que permitem que os enunciados feitos pelos próprios autores dos textos sejam “protegidos”, já que estamos tratando de textos que lidam com verdades relativas e com o desenvolvimento do conhecimento. Podemos notar que as verdades desenvolvidas pela ciência não são expostas como estanques ou definitivas, mas como verdades processuais

que podem ser completadas e até modificadas, uma vez que, geralmente, são pensadas e repensadas no decorrer do tempo e do desenvolvimento científico.

## 5 CONCLUSÃO

Esse trabalho teve como principal objetivo compreender como os Processos Verbais e seus participantes contribuem para a construção da argumentação no gênero textual dissertação, e, para isso, escolhemos trabalhar com as dissertações de Linguística que foram publicadas entre os anos de 1985 e 2004 pelo PPGL-UFPE. Para termos acesso a elas, utilizamos as versões digitais desses textos que estão presentes no *website* do Projeto Letras Digitais, também desenvolvido na UFPE.

Desse objetivo, estipulamos três metas específicas: compreender o funcionamento dos Processos Verbais *dizer* e *afirmar* e de seus participantes na construção dessas dissertações; analisar o funcionamento da Modalidade associada a esses dois Processos; e por fim, investigar como os Processos Verbais *dizer* e *afirmar* e as Modalidades que se agregam a eles cumprem uma das principais características das dissertações: a argumentação.

Para atingirmos aos nossos objetivos, utilizamos a ferramenta *Concord* do *software* WordSmith Tool (Scott, 2009) que teve como principal função identificar cada Processo *dizer* e *afirmar* dentro das dissertações de Linguística que selecionamos. Os resultados apresentados por essa ferramenta já pôde ser visto como principal indício da presença do *dizer* e do *afirmar* nos textos escolhidos, confirmando a ideia de que nas dissertações é comum a presença de vozes alheias e dos *ditos dos mestrandos*. As ocorrências registradas serviram como um dos pontos de partida para nossas análises e para a apuração de quantas orações cada Processo continha. Desde então, notamos que esses dois Processos Verbais estavam sendo utilizados com diferentes recorrências, um mais, o *dizer*, e um menos, o *afirmar*.

Nossas análises não podiam se resumir apenas a esse aspecto. Mesmo sabendo que a quantidade de uso de cada um dos Processos já nos mostrava a frequência com que eles vêm sendo utilizado, precisávamos nos adentrar aos aspectos léxico-gramaticais decorrentes desses usos. Para isso, tivemos o aporte teórico da LSF que nos fundamentou na análise de cada amostra, além de contribuir para a assimilação das funções que os Processos Verbais desempenham em um texto.

Sob o ponto de vista da LSF, passamos a classificar cada Processo de acordo com os seus próprios Participantes e, dessa forma, além do próprio Processo, os Dizentes e as Locuções foram contemplados em nossas análises, uma vez que entendemos a importância de cada um deles para a oração como um todo e também para o texto como um todo.

Entendemos mediante uma pesquisa-piloto que o Dizente desempenha uma importante função na introdução de vozes externas, e por isso desenvolvemos nossas análises em função desse Participante e da Modalidade, quando ocorria associada aos Processos *dizer* e *afirmar*.

De acordo com Halliday e Matthiessen (2004), o Participante Dizente deve ser compreendido em um amplo sentido, uma vez que ele representa uma grande variedade de significados simbólicos, isto é, nem sempre os Dizentes são pessoas, mas podem ser, simbolicamente, vários objetos, como, por exemplo, um texto ou uma entrevista. Esse fato permite que nas dissertações uma variedade de Dizentes possa ser encontrada, contemplando não apenas as formas mais clássicas, mas também outros tipos de Dizentes.

Essa variedade nos levou a uma classificação que dividiu os Dizentes a partir de aspectos semânticos e léxico-gramaticais. Nessa divisão estabelecemos as seguintes classes: *DGN*, *DGD*, *DGP* e *DSI*. Percebemos, através das análises de cada um desses tipos de Dizentes, o quão esse Participante contribui para a construção da dissertação. Percebemos que cada um deles representa pontos importantes e um grupo de várias vozes que se distribuem pela dissertação.

Os *DGN* se mostraram uma ferramenta importante para a exibição dos argumentos de autoridades. Neles os mestrandos exibiam trechos de falas de teóricos ou as suas próprias interpretações sobre essas falas e a partir delas construíram suas fundamentações teóricas e explicaram conclusões retiradas de suas análises. A importância de esse Dizente se mostrou no fato de que, para a construção da argumentação, essas vozes abalizavam e confirmavam os principais argumentos defendidos. Um outra característica desse Dizente está no fato de que ele, principalmente com o Processo *dizer*, exibiu uma variedade de vozes que participaram e, de certa forma, constituíram as análises das dissertações. Foi a partir dele que os mestrandos exibiram em seus textos trechos de entrevistas, recortes de outros textos, entre outros.

Esse tipo de Dizente, apesar de se concentrar mais nas fundamentações teóricas de cada texto, distribuiu-se por toda a dissertação. As *vozes de autoridade* que ele traz consigo permite que o mestrando confirme pontos importantes do seu texto, e dessa forma, os GN podem ser encontrados na confirmação e na discussão de pontos das análises das dissertações, esclarecendo decisões que são tomadas e apresentadas nas metodologias, ratificando as conclusões obtidas, entre outros aspectos.

Diferente dos DGN que foram destaque em nossos dados, os *DGP* tiveram sua participação bastante reduzida e por isso mostraram que o gênero dissertação, no uso dos Processos *dizer* e *afirmar*, prima pelo uso pequeno de pronomes na identificação dos Dizentes, deixando mais explícito e fácil de identificação Participante que diz ou afirma algo.

As outras duas categorias de Dizeres tiveram como característica peculiar *os ditos dos mestrados*. Nesses casos, além dos discursos reportados e citados, encontramos afirmativas e ditos daqueles que escrevem a dissertação e percebemos a sua importância nos textos que analisamos. Os *DGD* foram bastante utilizados com a desinência da primeira pessoa do plural, o pronome *nós*. Podemos dizer que esses casos incluíam o mestrado na afirmativa ou no dito feito, mas não o identificava como único participante. Fica implícita a ideia de que outras pessoas ou outros fatores contribuíram para que a enunciação se realizasse. Inicialmente, acreditávamos que esse Dizente se concentraria apenas nas análises das dissertações, entretanto descobrimos que sua participação na dissertação se expande para outros momentos. Isto é, na teoria, os *DGD* exibiam conceituações e explicações feitas pelos mestrados; nas introduções, argumentam sobre a importância da pesquisa e sobre outros aspectos; nas conclusões, mostram o que revelou as pesquisas das dissertações, entre outros. Mas, podemos dizer que nas análises, sua participação exibia os pontos de vistas, as interpretações, as análises e as descrições importantes para a dissertação.

Por fim, os *DSI* nos apresentaram orações com a partícula apassivadora *–se*. A falta de identificação direta dos responsáveis pelos ditos resulta num maior afastamento do escritor com o seu leitor, além do descomprometimento com o dito ou afirmação, sendo essa uma das principais marcas desse Dizente. Ele, como vimos, foi mais abundante em uso com o Processo *dizer* que com o *afirmar* e que, assim como os *DGD*, muitos desses usos foram feitos sob Modalidade. Foi também uma forma de marcar a presença do outro.

A participação de cada um desses Dizentes, seja com o *dizer*, seja com o *afirmar*, e de seus participantes como um todo, mostrou-nos que no gênero acadêmico dissertação de mestrado, mais especificamente, na área de Linguística, publicadas pelo PPGL-UFPE, entre os anos de 1984 a 2004, os Processos Verbais contribuem com a construção da argumentação pretendida em cada texto, uma vez que eles garantem que as vozes daqueles que são importantes para a defesa e apresentação das fundamentações teóricas sejam exibidas, permitindo que o que é defendido em cada dissertação receba a base teórica necessária. Eles permitem também que os mestrados tragam para seus textos os excertos que necessitam para

realizar suas análises; diversos dizeres externos, que não as vozes de autoridades, foram encontrados e confirmam-nos esse ponto de vista. Além disso, o uso dos Processos Verbais permitem que os próprios mestrandos exponham seus *ditos* e através deles defendam seus pontos de vistas e suas próprias convicções sobre os vários temas que colocaram nas suas dissertações.

A delimitação desses Dizentes permitiu que construíssemos uma análise que teve como fundamento entender a função que eles desempenham nessa modalidade de escrita. Vimos que a participação de cada um deles foi significativa e revelou que, durante a escrita de um texto acadêmico não somente ocorrem dizeres externos, ou seja, além de argumentos de autoridades, desempenha papel importante nesse gênero o que é dito pelo próprio mestrando. Por isso, prosseguimos as nossas análises, buscando compreender como *os ditos* desses mestrandos estavam presentes em cada texto. Vimos, então, que, durante a apresentação do que precisa ser expresso por cada mestrando, muitas vezes, houve o uso da Modalidade.

Nessa situação, a Modalidade se deu de forma mais enfática quando expressava Probabilidade, ou seja, em vez de muitas Modulações, tivemos muitas Modalizações. O principal elemento utilizado para modalizar os *ditos dos mestrandos* foi o verbo modal *poder*. Ele pode ser encontrado nos DGD, como *podemos*, e nos DSI, como *pode-se*. Em decorrência do grande uso do *poder* nas orações em que os mestrandos se expressavam, entendemos que ao enunciar algo que foi “pensando” e produzido por aquele que é responsável pela escrita da dissertação é necessária à presença de um modalizador que garanta que o que esteja sendo dito seja compreendido como possibilidade. E, dessa forma, os mestrandos permitem que os leitores interpretem os seus ditos como verdades que foram construídas de acordo com a forma como cada dissertação foi elaborada, ou seja, de acordo com o que os dados das análises, com a teoria escolhida, com o *corpus* selecionado, entre outros aspectos.

Relacionadas ainda à Modalidade, analisamos as MI e a partir dela percebemos que, além do *poder*, outras expressões também funcionavam como modalizadores, uma vez que indicavam o ponto de vista dos mestrandos sobre as suas afirmativas e os seus ditos. Essas Metáforas, além de indicar Possibilidade, também nos mostraram casos com as categorias Obrigação e Inclinação. E dessa forma, as dissertações analisadas nos mostraram que, quando associada aos Processos Verbais *dizer* e *afirmar*, a Modalidade também ocorre no campo da Inclinação e da Obrigação, porém de forma bastante reduzida.

A análise dos Processos Verbais em textos acadêmicos ainda pode assumir novos rumos e novos enfoques podem ser direcionados a essas pesquisas, por exemplo, poderíamos citar a possibilidade de outros Processos, que não seja o dizer e o afirmar, serem estudados e novos comportamentos observados. Outra possibilidade é analisar as orações com os Processos Verbais *dizer* e *afirmar* a partir das três Metafunções definidas pela LSF, ou seja, além do enfoque do Sistema de Transitividade e da Modalidade, poderíamos observar a posição temática desses Processos e de seus Participantes, agregando, assim, a Metafunção Textual aos nossos estudos, entre outros.

Por fim, podemos dizer que o estudo com os Processos Verbais nos proporcionou um contínuo processo de reflexão sobre a escrita em nível acadêmico, uma vez que, à medida que construimos as nossas análises percebíamos que muito sobre o que estava sendo falado se refletia sobre a nossa própria maneira de dizer e de afirmar algo. Cada análise feita nos permitiu conhecer mais sobre a maneira como as vozes alheias ganham espaço e contribuem para que um texto argumentativo se desenvolva e como os principais argumentos são defendidos.

## 6 REFERÊNCIAS

BARBARA, L.; MACÊDO, M. C. M. de. *Linguística Sistêmico-Funcional para a Análise de Discurso: um panorama introdutório*. In: SILVA, D. E. G. *Cadernos de linguagem e sociedade*. v. 10, nº 1. Brasília: Thesaurus, 2009, p.89-107.

BAZERMAN, C. *Gênero, agência e escrita*. HOFFNAGEL, J.; DIONÍSIO, A. P (Org.). São Paulo: Cortez, 2006.

BORBA, F. da S. (Coord.). *Dicionário gramatical de verbos do português contemporâneo*. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1990.

CABRAL, S. R. S. As marcas de interpessoalidade em uma coluna de opinião política. *Linguagens e Cidadania*, Santa Maria, v. 2, n. 10, p.1-19, dez. 2008. Disponível em: <[http://jararaca.ufsm.br/websites/l&c/download/artigo08\\_2\\_sara.pdf](http://jararaca.ufsm.br/websites/l&c/download/artigo08_2_sara.pdf)>. Acesso em: 03 mar. 2015.

COSTA, J. M. F; SOUZA, M. *O funcionamento dos verbos do dizer em dissertações de letras*. Recife. UFPE, 2013.

COSTA, J. M. F; SOUZA, M. *Um estudo do participante Dizente em associação com os Processos Verbais na escrita de dissertações*. Recife. UFPE, 2014.

DIONÍSIO, A. *Relatório de pesquisa Letras Digitais: 30 anos teses e dissertações*. UFPE. Recife, 2009.

FURTADO DA CUNHA, M. A.; SOUZA, M. M. de. *Transitividade e seus contextos de uso*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.

FUZER, C.; CABRAL, S. M. S. *Introdução à gramática sistêmico-funcional em português*. Santa Maria: UFSM, 2010.

GOUVEIA, C. A. M. Texto e Gramática: Uma Introdução a Linguística Sistêmico-Funcional. *Matraga*, Rio de Janeiro, v. 16, n. 24, p. 13-47, jan./jun, 2009.



GHIO, E.; FERNANDEZ, M. D. *Linguística Sistémico-Funcional: Aplicações a la lengua española*. Santa Fé: Wladhurter Editores, 2008.

HALLIDAY, M. A. K.; MARTTHIESSEM, C. M. I. M. *Introduction to Functional Grammar*. 3. ed. London: Arnold, 2004.

HALLIDAY, M. A. K. *An Introduction to Functional Grammar*, London: Edward Arnold, 1994.

HOFFNAGEL, J. C. *Temas em Antropologia e Linguística*. Recife: Bagaço, 2010.

IGNATIEVA, N. Participantes y proyección en los procesos verbales en español: un análisis sistémico de géneros académicos estudiantiles. *Onomázein*, Santiago, número especial, p. 08-20, dez. 2014. Disponível em: [http://www.onomazein.net/Articulos/N\\_ALSFAL/ESP\\_1\\_Ignatieva\\_FINAL.pdf](http://www.onomazein.net/Articulos/N_ALSFAL/ESP_1_Ignatieva_FINAL.pdf). Acesso em 15 jan. 2015.

MAINGUENEAU, D. O discurso citado. In: MAINGUENEAU, D. *Elementos de linguística para o texto literário*. São Paulo: Martins Fontes, 1996; p. 103-131.

MARCUSCHI, L. A. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, A. P.; MACHADO, A. R.; BEZERRA, M. A. (Orgs.). *Gêneros Textuais e Ensino*. São Paulo: Parábola, 2010.

MEDEIROS, J. B. *Redação científica: A Prática de Fichamentos, Resumos, Resenhas*. São Paulo: Atlas, 2010.

MILLER, C. *Gênero textual, agência e tecnologia*. Organização de DIONÍSIO, A. P.; HOFFNAGEL, J. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

PORTELA, K. C. A. Um estudo dos Processos Verbais no gênero artigo científico em revistas de secretariado executivo: uma perspectiva da Linguística Sistémico-Funcional. *Holos*, IFRN, v. 4, n° 29, p.155-171, 2013. Disponível em <http://www2.ifrn.edu.br/ojs/index.php/HOLOS/article/view/1327/720>. Acesso em 15 jan. 2015.

PENHA, R. F.; SOUZA, M. *A transitividade dos verbos do dizer em artigos acadêmicos*. Recife. UFPE, 2010.

SARDINHA, T. B. *Pesquisa em linguística de corpus com Wordsmith Tools*. São Paulo: Mercado de Letras, 2009a.

SARDINHA, T. B. *Usando WordSmith Tools na investigação da linguagem*. 2009b. Disponível em: <http://www2.lael.pucsp.br/direct/DirectPaper40.pdf>. Acesso em 11 out. 2014.

SCOTT, M. R. *WordSmith tools*. Oxford University Press, 2009.

SOUZA, E. G. Dissertação: Gênero ou Tipo Textual?. In.: Dionisio, A.; Beserra, N. (org.). *Tecendo textos, construindo experiências*. Rio de Janeiro: Editora Lucerna, p. 163-183, 2003.

SOUZA, M.; MENDES, W. V. Uma análise sistêmico-funcional do dizer em artigos científicos de graduandos. *D.E.L.T.A. Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada* (PUC-SP. Impresso), v. 28, p. 537-560, 2012.

TAFNER, E. P. et al. *Metodologia do trabalho acadêmico*. Curitiba: Juará, 2006.

VIVAN, E. G. S. *Principais usos de Processos Verbais e Metáforas Interpessoais em artigos de Linguística Aplicada*. 2010. 202 p. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.